



Escola Básica e Secundária de  
Carcavelos

Ano Letivo 2014/2015



# Desenvolvimento da autonomia dos alunos na Escola Básica e Secundária de Carcavelos

---

Perspetiva dos professores

19-04-2015

**Professores orientadores:**

Maria João Martins

Ana Cristina Carvalho

**Professores estagiários:**

Leandro Rodrigues

Mafalda Borges

Tiago Alves

## Índice

Introdução.....	3
Pertinência contextual.....	4
Enquadramento teórico.....	5
Educação para a Cidadania.....	8
Autonomia.....	11
Formação de professores.....	12
Metodologia.....	13
Objetivos.....	14
Amostra.....	14
Instrumento de recolha de dados.....	14
Tratamento de dados.....	17
Apresentação e análise dos dados.....	18
Discussão dos dados.....	32
Autonomia.....	32
Estratégias.....	33
Formação de professores.....	34
Propostas para superação do problema.....	36
Escola.....	37
Sala de aula.....	38
Bibliografia.....	41
Anexos.....	43
Guião da entrevista.....	43
Transcrição das entrevistas.....	44
Quadro das entrevistas.....	106

## Introdução

O tema deste trabalho é a perceção dos professores relativamente ao desenvolvimento da autonomia dos alunos na Escola Básica Secundária de Carcavelos. Através de uma entrevista com o diretor da escola foi identificada a “Educação para a Cidadania” como uma área a explorar neste estabelecimento de ensino, já existindo algum investimento, na formação do aluno como cidadão, nos últimos anos. Por ser um assunto muito abrangente e por incluir nele diversos valores que podem ser desenvolvidos no aluno, optámos por nos centrar num dos dois pilares realçados pelo diretor como essenciais neste âmbito: a autonomia.

Dentro da temática geral, sentimos necessidade de estabelecer objetivos, com o intuito de focar o objeto de estudo.

- Identificar a conceção de autonomia no contexto escolar percecionada pelos professores
- Identificar a perceção dos professores em relação às estratégias de desenvolvimento da autonomia nos alunos
- Identificar perceção da aplicação de medidas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos na EBSC por parte dos professores
- Identificar perceção dos professores relativamente à sua formação na educação para a cidadania

Iniciaremos o desenvolvimento do estudo com a justificação da escolha do tema, e de uma revisão bibliográfica relacionada com o mesmo. O tema surgiu de entrevistas abertas e semiestruturadas a órgãos de gestão da EBSC, analisadas através da análise de respostas, que nos permitiram perceber a pertinência do mesmo para este contexto. Para o desenvolvimento dos objetivos definidos foi construída e aplicada uma entrevista semiestruturada a dez coordenadores disciplinares da escola, tendo sido realizada uma análise de conteúdo. Decorrente da análise destas entrevistas foi seguida uma orientação indutiva na definição de categorias de resposta. Posteriormente será feita a discussão de dados, onde se confrontará a literatura com os resultados. Por último, apresentamos um conjunto de estratégias para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, adaptadas ao contexto da Escola Básica e Secundária de Carcavelos, que foram recolhidas através da literatura analisada e das entrevistas realizadas.

## Pertinência contextual

Após uma primeira entrevista com o diretor da escola básica e secundária de Carcavelos (EBSC) foi-nos sugerido a abordagem do tema “educação para a cidadania” aplicada a esta escola, questão que o mesmo considera fundamental para a formação dos alunos. Este tema tem sido alvo de investimento nesta escola ao longo dos últimos anos, existindo diversas estratégias com vista ao desenvolvimento pessoal dos alunos.

Dos valores inerentes à educação para a cidadania, foram referenciados, pelo diretor da EBSC, a responsabilidade e a autonomia como pilares desta formação, pois através dos mesmos seria possível desenvolver outros, como a solidariedade, o respeito e a cooperação. Partindo destes selecionamos, como objeto de estudo, a autonomia.

O diretor afirma que, atualmente, os jovens têm muito pouca liberdade para realizar as suas atividades. São muito limitados pela sua família, seja devido às condições de segurança que existem atualmente ou pela falta de confiança que os pais têm nos seus filhos. Mas se não lhes é dada autonomia como poderemos depois pedir-lhes responsabilidades?

*“Os alunos não têm autonomia para depois serem pedidas responsabilidades. (...) Eles são livres, são autónomos até onde nós os deixarmos ser. Mas eles têm que perceber que são autónomos e são responsáveis porque têm autonomia suficiente para saberem qual é o momento em que devem parar, qual é o seu limite!”* (A. Calado, comunicação pessoal, 16 de dezembro, 2014)

No entanto a implementação e desenvolvimento destas competências aos alunos vai depender muito da ideia que cada um tem relativamente ao que é certo e errado, das conceções que cada indivíduo tem relativamente aos diferentes valores.

*“Consensualmente, aquilo que consideramos boa educação não é igual para todos! Algumas coisas conseguimos objetivar, outras não.”* (A. Calado, comunicação pessoal, 16 de dezembro, 2014)

Perante esta discrepância de conceções foi questionado se existia, na Escola Básica e Secundária de Carcavelos, uma formação de professores para a cidadania, que normalizasse as perceções dos valores e criasse formas de transmissão dos mesmos aos alunos, durante as aulas. Para tal pergunta a resposta foi negativa, embora o coordenador da formação de professores nos tenha revelado que existe, a cargo da Câmara Municipal

de Cascais, um Centro de Formação de Cascais que analisa as necessidades de formação dos professores (após inquérito aos mesmos) e apresenta um plano de formação, incluindo objetivos para a Educação para a Cidadania. Existem também, nesta organização, ações de formação desta temática para os diretores de turma.

Dentro da escola, não existe nenhum programa de formação dos professores para a Cidadania. É feito um apelo aos professores para a transmissão de valores e, como forma de normalizar as diferentes conceções dos professores, as opções tomadas são questionadas, obrigando os professores a refletir relativamente às suas práticas.

Os objetivos do projeto educativo da escola são o desenvolvimento pessoal e social dos seus alunos, procurando o desenvolvimento pleno da personalidade de cada aluno, o respeito pelos direitos e liberdades fundamentais, a aquisição de hábitos de trabalho, a aquisição de conhecimentos, o respeito pela diferença e a preparação para o exercício de uma cidadania responsável, ativa, crítica e criativa na vida social e cultural. Na EBSC o aluno é visto como o agente central do ato educativo. (Projeto Educativo da Escola Básica e Secundário de Carcavelos, 2009/2013)

Como forma de atingir os objetivos da escola é essencial a participação dos professores neste processo, pois são os principais responsáveis pela aprendizagem e educação dos alunos (Fumin & Li, 2012). Estes vão permitir o desenvolvimento dos educandos enquanto cidadãos ativos da sociedade. Para que os professores saibam como desenvolver a autonomia dos é importante que exista uma formação para os professores, que transmita conteúdos e práticas a serem aplicadas nas aulas. A formação do corpo docente permitirá não só uma maior aprendizagem dos alunos relativamente aos aspetos da sociedade, mas também que os docentes se tornem mais centrados nas necessidades dos alunos, indo ao encontro dos objetivos referenciados anteriormente.

## **Enquadramento teórico**

Iniciaremos com uma pequena abordagem à realidade educativa e social, como forma de introduzir a importância da escola na formação pessoal dos alunos. Abordaremos de seguida a Educação para a Cidadania, temática presente na escola e no currículo dos alunos e que desenvolve a formação destes. Definiremos a autonomia no contexto educativo, valor da “Educação para a Cidadania” que quisemos desenvolver no contexto

da EBSC. Realçaremos a importância da formação de professores para o desenvolvimento da autonomia dos alunos e da sua formação pessoal.

A sociedade atual traz desafios à sociedade, exigindo uma maior participação na vida política e social, bem como a aceitação de valores que incluam e respeitem todos os indivíduos (Reis, 2001). A Direção Geral da Educação (2012) realça a existência de diversos problemas e interrogações, por parte dos elementos da sociedade, ao nível da identidade, diversidade, exclusão, desenvolvimento e segurança que inquietam a forma de estar e de viver dos cidadãos. Estas dúvidas surgem pela constante mudança à qual o mundo está sujeito, a nível científico, técnico e social (Direção Geral de Ensino, 2012). Assiste-se a uma globalização crescente, com contantes trocas de informações, de culturas e de ideologias. O mundo e os seus intervenientes têm que estar preparados para lidar com estas transformações.

A sociedade é caracterizada por uma constante e inevitável relação com os outros. Não vivemos sozinhos e temos que nos relacionar com o outro para nos inserirmos na sociedade. Contudo, as relações sociais vão para além do indivíduo e das relações interpessoais. Atuando na sociedade, o indivíduo torna-se responsável pelos seus atos, no sentido em que deve respeitar o outro (Direção Geral de Ensino, 2012). No entanto Reis (2001) afirma que as incertezas e receios que os indivíduos sentem na sociedade e na sua identidade têm levado a um declínio da coesão social e à fragmentação da sociedade, o que tem ameaçado a cooperação e a confiança entre os indivíduos da sociedade, num momento em que estes valores deveriam estar a tornar-se mais fortes.

Os quadros familiares da atualidade estão também diferentes, sendo distintos de família para família. Há famílias monoparentais, com poucos irmãos, há falta de adultos significativos que acompanhem o crescimento das crianças, falta de orientação por parte dos familiares, falta de tempo e de vontade dos pais em focarem o seu tempo nos filhos (Reis, 2001). Esta situação pode levar a um maior isolamento por parte das crianças, com dificuldades em partilhar os seus problemas com os familiares e com as pessoas mais próximas. Como forma de os ultrapassar, os jovens trazem os seus problemas para outros círculos, nomeadamente a escola, onde passam muito tempo do seu quotidiano e onde encontram pessoas significativas em quem confiam. Os seus problemas passam então a ser sociais (Reis, 2001).

A escola passa então a ser um lugar com o qual os alunos se identificam e no qual se desenvolvem a nível cognitivo, emocional e social. Reis (2001) afirma que a escola tem um papel muito importante na formação global dos alunos, pelos largos anos da sua vida que passam nestes estabelecimentos.

A escola torna-se essencial para a formação dos alunos, passando a ser o local ideal para a sua formação e assumindo um papel importante na preparação das crianças para a sociedade. Se as sociedades trazem desafios aos indivíduos e exigem a sua participação na vida política e social, então a escola assume um papel formador e reformador, formando os alunos e preparando-os para a sociedade. Esta situação revela-se essencial para o progresso das sociedades (Roldão, 1999). A escola é, então, o mecanismo através do qual as crianças passam a ser cidadãos e pessoas políticas (Schiffauer, Baummant, Kastoryano & Vertovec, 2005). Roldão (1999) corrobora as ideias acima identificadas quando afirma que a escola surge como forma de interligar a sociedade demonstrando ser o local onde os alunos aprendem as competências necessárias para a participação e intervenção na sociedade. A escola e a sociedade vão-se completando num ciclo, onde a primeira reflete o que se passa na sociedade, preparando os alunos para que se insiram nesta (Roldão, 1999) e, ao mesmo tempo, irá promover a mudança na sociedade, tornando os alunos mais aptos para intervirem nesta (Schiffauer, Baummant, Kastoryano & Vertovec, 2005).

A escola, no entanto, é regida pelo governo e este tenta ensinar as crianças de acordo com a cultura do país, criando uma identidade nacional, um sentido de pertença e desenvolvendo competências para que os alunos se insiram na sociedade (Schiffauer, Baummant, Kastoryano & Vertovec, 2005). No entanto o governo tem que acompanhar as mudanças na sociedade. A vida exige, então, a formação de cidadãos que aceitem a diferença, que respeitem o outro e que promovam a igualdade de tratamento (Schiffauer, Baummant, Kastoryano & Vertovec, 2005).

O sistema educativo tem sofrido diversas reformulações ao longo dos anos, espelhando as mudanças que ocorrem na sociedade. Figueiredo e Silva (1999) afirmam que, em Portugal, a escola passou a tentar relacionar-se mais com a sociedade desde o 25 de abril, apostando na formação dos seus alunos para a participação na mesma. Esta forma de atuação tornou necessário reformular os programas e a formação dos professores

(Figueiredo e Silva, 1999). A adesão à CEE em 1985 contribuiu também para um salto na cultura e, conseqüentemente, nas escolas.

Como já foi referido, a formação dos alunos é essencial para a transformação das sociedades. É então necessário orientar a visão da escola neste sentido, ou seja, no sentido de formar e preparar os alunos para a sua atuação na sociedade. Esta formação poderá ocorrer através da Educação para a Cidadania.

### **Educação para a Cidadania**

A cidadania define-se pela recusa do totalitarismo, pela liberdade de opção ideológica e o sentido de participação ativa na vida pública (Roldão, 1999). Esta área de formação existe, na Europa, como uma disciplina separada, integrada em outras disciplinas ou até de forma transversal em todas as atividades e assuntos na escola (Eurydice, 2012). Em Portugal a educação para a cidadania nas escolas tem sofrido constantes reformulações, que refletem as mudanças que têm existido no país e no sistema educativo (Roldão, 1999). A mesma autora identifica as diversas formas que a área tem assumido, seja como programas específicos, inserção noutras disciplinas, áreas interdisciplinares ou através de vivências na escola. A Direção Geral de Educação (2012) reforça estas informações, demonstrando que a formação em cidadania tem sido integrada nos diversos temas de forma interdisciplinar e transversal. Considera que a cidadania é uma componente transversal aos currículos e, como tal, deve estar incluída nos programas e trabalhos de todos os professores. Menezes e Ferreira (2012) também afirmam que esta área é um conceito transversal ao currículo, podendo existir de forma específica ou integrada nas outras disciplinas.

O relatório da Eurydice (2012) menciona que a abordagem transversal é a que tem ganho maior relevância nas escolas, incluindo competências sociais e cívicas. A Direção Geral da Educação (2012) reforça que a sua lecionação deve ir ao encontro de competências, atitudes e comportamentos, relacionando-se sempre com a sociedade e os seus problemas.

Preparar os alunos para a sociedade pressupõe a transmissão de valores que desencadeiem uma participação responsável e orientada para o bem comum e da justiça, potenciando o desenvolvimento da autonomia, criatividade, iniciativa e ajuda interpessoal (Reis, 2001). Um bom cidadão tem consciência dos seus direitos e responsabilidades, está informado sobre o mundo social e político, preocupa-se com o bem-estar dos outros e é responsável pela sua atuação na sociedade (Rami et al., 2006). Kratsborn, Jacott e Ocel (2008)

identificam um cidadão como um indivíduo pertencente a uma comunidade política, geográfica e nacionalmente limitada, o que lhe confere responsabilidades dentro destes limites.

Desde o 25 de abril foi surgindo, no contexto escolar, área da Educação para a Cidadania. Esta área é dedicada à formação de bons cidadãos, promovendo a sua participação na sociedade de forma democrática e responsável, contribuindo para a formação de sociedades mais coesas e funcionais (Menezes & Ferreira, 2012).

Misiejuk, Raubik e Tutiaux-Guillon (2004) afirmam que o ensino da cidadania promove o crescimento cultural e o desenvolvimento individual. Crescimento cultural no sentido em que há a propagação de uma identidade que é compartilhada entre os cidadãos. Desenvolvimento individual porque há um crescimento de atitudes de abertura e tolerância nos alunos, ao mesmo tempo que se desenvolvem competências sociais.

A educação para a cidadania deve procurar ensinar como o indivíduo se deve comportar em sociedade (Schiffauer, Baumant, Kastoryano & Vertovec, 2005). Os alunos devem aprender como funciona a sociedade, as suas normas, para que se possam reger sobre estas. Reis (2001) afirma que se pode considerar dois conceitos da cidadania, o ético e o cívico, como forma de interligar o indivíduo e a sociedade.

Os valores da democracia devem estar presentes na organização da vida social (Direção Geral da Educação 2012), como tal, estes devem ser transmitidos aos alunos. A Direção Geral de Educação (2012) refere algumas linhas orientadoras relativamente à educação para a cidadania, afirmando que deve procurar desenvolver o espírito democrático e pluralista, o respeito pelos outros, a abertura à troca de opiniões, permitir o julgamento e permitir que os alunos sejam capazes de se responsabilizarem pelo seu desenvolvimento, ou seja, a autonomia. Direitos civis, políticos, sociais, económicos e culturais devem também ser transmitidos. Kratsborn, Jacott e Ocel (2008) acrescentam que deve incluir o envolvimento na vida pública e seus assuntos internos, aliando o comportamento e a ação. Schiffauer, Baumant, Kastoryano & Vertovec (2005) referem algumas orientações a ter em conta no ensino desta temática, referindo os valores democráticos, os órgãos políticos, a identificação cultural, o respeito pela diferença e a promoção de qualidade para todos, desenvolvendo a consciência crítica para que sejam capazes de atuar na sociedade.

No relatório da Eurydice (2012) é referido que a cidadania deve incluir tópicos como o conhecimento e compreensão dos sistemas sociopolíticos, os direitos humanos, os valores democráticos, a diversidade cultural, o desenvolvimento sustentável, questões económicas, dimensões europeias e internacionais. Deve abranger a transmissão de conhecimentos, a aquisição de habilidades analíticas e pensamento crítico, o desenvolvimento de valores e atitudes democráticas e promover a participação ativa dos jovens na sociedade. Kratsborn, Jacott e Ocel (2008) reforçam estas informações afirmando que a cidadania ajuda as pessoas a serem ativas, informadas e responsáveis, realçando a relação que se pode estabelecer entre esta área e a formação artística.

Para além da transmissão destes conteúdos, os alunos precisam de saber aplicá-los. A educação para os valores, o desenvolvimento do raciocínio moral e das atitudes democráticas preparam os alunos para uma intervenção mais ativa e responsável na sociedade, como tal, devem ser desenvolvidos os domínios afetivos e cognitivos das competências da vida social e política (Reis, 2001). Roldão (1999) corrobora esta ideia, defendendo que se deve promover a vivência de experiências, de forma a existir uma transmissão de saberes integrados às ações, para que os alunos percebam a utilidade daquilo que aprendem. Também Schiffauer, Baumant, Kastoryano & Vertovec (2005) defendem esta forma de lecionação, afirmando que se devem ensinar as formas de agir na sociedade, experienciando-as.

Os alunos devem aprender competências afetivas, devem ser capazes de tomar decisões, desenvolver competências sociais e competências cognitivas (Rami et al., 2006). À semelhança de que foi dito anteriormente, este autor declara que devem ser aliados os domínios dos conhecimentos e das competências às ações, ou seja, aliar os saberes à ação. Esta estratégia pode ocorrer estabelecendo-se conexões com outras disciplinas e com o mundo, promovendo o pensamento democrático e crítico e a aceitação pela diferença.

Kratsborn, Jacott e Ocel (2008) vêm realçar a importância da promoção da reflexão e do debate no desenvolvimento da cidadania dos alunos, como forma de equilibrar a cidadania do país com a cidadania global. Acrescenta, no entanto, que é necessário ter em conta o contexto onde se desenvolve esta aprendizagem, devendo as ideias e as ideologias ser transmitidas de acordo com a sociedade onde se vive.

Grammes (2012) vem defender que os alunos devem ser vistos como indivíduos sociais, e não apenas peões que reproduzem o que o governo pretende de uma sociedade, ou seja,

é essencial o desenvolvimento da capacidade crítica. No entanto há a necessidade de desenvolver nos discentes o sentido de pertença, ligado à sociedade onde se vive, por isso os alunos têm que interiorizar valores para os poderem defender (Reis, 2001).

Schiffauer, Baumant, Kastoryano e Vertovec (2005) relembram que para que exista mudança nos alunos é necessário que todos contribuam para a mesma, neste caso, o contexto escolar. Isto significa que todos os elementos da comunidade educativa, as suas formas de atuar e o meio escolar têm de ir ao encontro dos princípios que se querem ver formados.

No entanto, embora diversas áreas no âmbito da educação e formação dos alunos fossem sendo desenvolvidas em Portugal, seja através de programas específicos, inserção em outras disciplinas ou através de áreas interdisciplinares (Roldão, 1999), estas foram constantemente desvalorizadas por se considerar que poderiam ser abordadas nas outras disciplinas (Figueiredo e Silva, 1999). A importância desta formação era reconhecida, mas não como uma disciplina por si.

## **Autonomia**

A autonomia em contexto educativo é a capacidade do aluno se responsabilizar pela sua aprendizagem, refletir criticamente e tomar as suas decisões (Zoghi & Dehghan 2012). Tschirhart e Rigler (2009) definem a autonomia dos alunos pela capacidade de os mesmos se responsabilizarem pela própria aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

O desenvolvimento da autonomia dos alunos é importante pois permite ganhos ao nível psicológico, social e político (Tschirhart & Rigler 2009). A construção da autonomia ocorre, no entanto, dentro de certos limites, que o professor vai manipulando de forma a orientar as aprendizagens dos alunos (Zoghi & Dehghan 2012). A aprendizagem autónoma ocorre, então, na interação entre o professor e aluno. Tschirhart e Rigler (2009) afirmam que a autonomia do aluno depende da autonomia do professor, no sentido que é este que vai gerir o percurso de aprendizagem dos alunos, sendo os alunos os principais responsáveis pela mesma.

Os alunos precisam de aprender competências para agir em sociedade, objetivo central da educação para a cidadania. Ao responsabilizarem-se pela sua aprendizagem, ou seja, ao desenvolverem a autonomia, vão ser capazes de se responsabilizarem pelos seus atos na sociedade e gerir o seu percurso de vida (Zoghi & Dehghan 2012). Perante isto verifica-

se, tal como Tschirhart e Rigler (2009) afirmam, que autonomia está em constante construção.

### **Formação de professores**

Para que exista aprendizagem dos alunos, os professores têm que saber transmitir as competências aos alunos (Reis, 2001). Na educação para a cidadania os professores têm que perceber o papel fundamental na experimentação, não se limitando a transmitir os valores. Devem fomentar o sentimento de pertença, a importância do bem-estar público e desenvolver o sentido crítico dos alunos, promovendo hábitos de discussão e consenso e uma aprendizagem progressiva, incluindo cada vez mais os alunos na vida pública (Reis, 2001).

Os professores, na sala de aula, tem uma função de instrutor e educador (Fulop, Davies e Sada, 2008). Referenciando a educação para a cidadania, deve procurar instruir os alunos, de acordo com o seu passado e suas características, formando-o para ser cidadão. Como educador deve promover a socialização de cidadãos ativos que contribuem para a comunidade e sociedade (Fulop, Davies e Sada, 2008). Rami et al. (2006) acrescenta que, para os professores desenvolverem estes conteúdos nos alunos, devem conhecer os temas, ensinar os métodos de atuação, como e quando devem ser utilizados, ensinar competências de socialização e promover a reflexão.

É importante que os professores entendam que os alunos têm diferentes ritmos de aprendizagem, diferentes capacidades e que as suas aprendizagens e formas de estar dependem do seu passado, do género e da sua cultura (Tschirhart & Rigler, 2009). Como tal, a organização do ensino deve centrar-se nos seus alunos, refletindo as suas práticas, adaptando os conhecimentos e competências transmitidas aos diversos contextos (Tschirhart & Rigler 2009). O professor vai acompanhando os alunos consoante as suas necessidades, sendo o principal objetivo do mesmo que a autonomia dos alunos cresça e permita que a necessidade de acompanhamento do professor se vá desvanecendo com o tempo (Zoghi & Dehghan 2012).

A formação de professores é essencial para a transmissão de competências de cidadania, sendo fundamental que a forma de atuação dos professores com os alunos reflita as mesmas (Figueiredo e Silva, 1999). Seria importante que os professores, em formação, experienciassem estratégias de debate e de reflexão, de forma a desenvolverem estas

capacidades para, depois, conseguirem aplicá-las aos seus alunos (Misiejuk, Raubik e Tutiaux-Guillon, 2004). Roldão (1999) afirma que a educação cívica é da responsabilidade de todos os professores e, como tal, seria importante que todos os professores soubessem desenvolver estas competências nos seus alunos. A Direção Geral da Educação (2012) afirma que a educação para a cidadania é uma componente transversal aos currículos, devendo ser incluídas nos programas e, conseqüentemente, trabalhadas por todos os professores. A Direção Geral de Ensino (2012) ressalta que as ações que os professores implementam devem fazer parte de um planeamento, ter enquadramento, uma justificação e cumprir determinados objetivos

No entanto, o que se verifica é que as necessidades que os professores sentem na área da cidadania não são prioritárias, resultando numa fraca qualidade de ensino destes conteúdos (Figueiredo e Silva, 1999). O mesmo autor afirma que a ideia que se tem é que esta área está a cargo e dependente de uma formação ideológica de cada professor. Este autor conclui, então, que os professores não entendem a natureza e importância desta temática, dificultando a progressão e desenvolvimento da mesma. Acrescenta ainda que, em Portugal, a forma como se deve organizar a formação para a política democrática e cidadania está, ainda, está por resolver.

## **Metodologia**

Para a identificação do tema foi realizada uma primeira entrevista aberta com o diretor da EBSC e uma segunda, semiestruturada, para perceber a pertinência do tema no contexto escolar. Ambas as entrevistas foram estudadas através da análise de respostas.

Identificámos também, dentro da temática, que existem diversos valores que podem ser desenvolvidos na “Educação para a Cidadania”, como a solidariedade, o respeito pelos outros ou a cooperação. A autonomia e a responsabilidade foram identificados, pelo diretor da escola, como os valores essenciais para o desenvolvimento da cidadania dos alunos. Este considera que, a partir destes, os outros acabarão por ser desenvolvidos também. Para orientar melhor o nosso processo de investigação optámos por escolher a autonomia, por ser uma temática mais abrangente e com mais potencialidade de exploração.

Foi também realizada uma entrevista semiestruturada ao coordenador da formação de professores da EBSC, com o intuito de perceber como era realizada a formação dos

professores na escola relacionada com a “Educação para a Cidadania”. Esta entrevista foi estudada através da análise de respostas.

## **Objetivos**

Considerando que já existem estratégias implementadas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos na EBSC, quisemos abordar esta temática na vertente dos professores, tentando perceber a sua perceção relativamente às estratégias existentes na escola, as estratégias que aplicam nas suas aulas e qual a sua formação na temática “Educação para a Cidadania”. Definimos então, os seguintes objetivos:

- Identificar a conceção de autonomia no contexto escolar percecionada pelos professores da EBSC
- Identificar a perceção dos professores da EBSC em relação às estratégias de desenvolvimento da autonomia nos alunos
- Identificar a perceção da aplicação de medidas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos na EBSC por parte dos professores da EBSC
- Identificar a perceção dos professores da EBSC relativamente à sua formação na educação para a cidadania

## **Amostra**

Selecionámos coordenadores de grupos disciplinares para a aplicação de entrevistas. Esta opção deveu-se ao facto de serem professores que conhecem melhor o contexto da escola e seus objetivos e também por serem professores com vários anos de experiência de ensino na EBSC. Selecionámos professores de dez grupos disciplinares, cujas disciplinas abrangessem várias turmas e ciclos da EBSC: português, inglês, matemática, biologia, físico-química, história, geografia, educação física, educação visual e educação musical.

## **Instrumento de recolha de dados**

Foram construídas e aplicadas entrevistas semiestruturadas aos 10 elementos da amostra, para o estudo da perceção dos professores relativamente às questões colocadas. Para a construção das entrevistas foram identificados os objetivos específicos que pretendíamos alcançar, a informação que queríamos responder e, posteriormente, construídas as questões que fossem ao encontro dos objetivos. Apresentamos na Tabela 1 a esquematização.

<b>Objetivos específicos do estudo</b>	<b>Informação que pretendemos recolher</b>	<b>Questão/questões da entrevista que vão permitir recolher a informação pretendida</b>
Identificar a conceção de autonomia percecionada pelos professores.	Conceção de autonomia percecionada pelos professores	Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando-o acerca do que entende ser “a autonomia dos alunos em contexto educativo”
Identificar perceção dos professores relativamente às estratégias de desenvolvimento da autonomia dos alunos existentes na ESC.	Perceção dos professores das estratégias de desenvolvimento da autonomia existentes na ESC.  Medidas que já existam na escola.	Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?  Se sim:  Quais as estratégias que identifica que existem na Escola Básica e Secundária de Carcavelos para a promoção da autonomia dos alunos?  Se não:  Qual considera serem as razões dessa inexistência?
Identificar perceção do impacto das estratégias existentes na ESC para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.	Perceção dos efeitos da aplicação dessas medidas.	De que forma considera que estas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?
Identificar perceção de estratégias de desenvolvimento da autonomia dos alunos.	Perceção de estratégias de desenvolvimento da autonomia dos alunos	Que outras estratégias considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos?
Identificar perceção da aplicação de medidas que apelam ao	Perceção de medidas que os professores aplicam	Em contexto de sala de aula utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos?  Se sim:

desenvolvimento da autonomia nos alunos por parte dos professores	ou utilizam com as suas turmas.	Quais?  Se não:  Qual a razão?
Identificar percepção das razões da implementação, ou não, de estratégias para o desenvolvimento da autonomia dos alunos na sala de aula.	Estratégias de implementação e percepção da intencionalidade da sua aplicação.	De que forma considera que essas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?
Identificar estratégias de desenvolvimento da autonomia dos alunos por parte dos professores na ESC.	Outras estratégias que gostariam de implementar.	Considera que existem outras estratégias que poderia implementar? Por que razão não as implementa?
Identificar a percepção dos professores acerca da sua formação na educação para a cidadania.	Percepção da formação de professores na educação para a cidadania na ESC.	Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania?  Se sim:  Pode dar-nos exemplos dessa oferta formativa?
Identificar existência, ou não, de oferta formativa no âmbito da educação para a cidadania na ESC.	Percepção da importância da formação de professores na educação para a cidadania.	Se não:  Considera que essa oferta formativa seria importante?  Porquê?
Identificar percepção das necessidades de formação no âmbito da educação para a cidadania dos professores da ESC.	Percepção das necessidades de formação dos professores da ESC relativamente à educação para a cidadania.	Que necessidades formativas sente ao nível da Educação para a cidadania?  De que forma considera que a Escola Básica e Secundária de Carcavelos poderia contribuir para o ultrapassar dessas necessidades?

	Percepção de estratégias de formação de professores relativamente à educação para a cidadania que poderiam existir na ESC.	
--	--	--

*Tabela 1 - Quadro de Objetivos*

Para a aplicação das entrevistas, agendámos as mesmas com os diversos professores. Na sua aplicação, encontramos-nos com os docentes na sala de professores, em momentos calmos e em ambientes silenciosos, tendo sido garantida a presença de, pelo menos, dois entrevistadores para a aplicação das mesmas. Foi solicitado aos entrevistados a gravação áudio das mesmas, para que depois fosse possível a transcrição literal das entrevistas. As dez entrevistas tiveram uma duração média de 17 minutos.

### **Tratamento de dados**

O tratamento de informação, referente à percepção dos professores relativamente às estratégias para o desenvolvimento da autonomia dos alunos implementadas na EBSC e à sua formação no tema “Educação para a Cidadania”, foi estudado através do método da análise de conteúdo.

Na implementação desta metodologia procedemos a uma análise de cariz indutivo, tendo sido criadas categorias com base na análise de conteúdo do discurso dos professores entrevistados (Ver em anexo).

## Apresentação e análise dos dados

<b>1. Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando-o acerca do que entende ser “a autonomia dos alunos em contexto educativo”?</b>		
Tomar decisões	Prof. 1, 6, 7, 9	- “eles também possam dar opiniões sobre o que se passa na escola e que essas opiniões sejam ouvidas” (Prof.1) - “os alunos terem a capacidade de gerir aquele tempo” (Prof.9)
Tomar decisões sem necessidade de ajuda	Prof – 8, 10	- “Se são capazes de o fazer ou se têm de ser ajudados” (Prof.8) - “eles conseguem ir efetuando aprendizagens a diferentes, não apenas às disciplinas mas coisas práticas também do dia-a-dia, sem estarem sempre a necessitar que alguém decida por eles e que alguém os ajude” (Prof.10)
Cumprir regras/compromissos	Prof. 4, 6, 8, 9	- “assumirem um comportamento responsável” (Prof.4) - “ter responsabilidade pelas tarefas que tem que executar” (Prof.6)
Aplicar conhecimento a novas situações	Prof. 2, 5, 6, 7	- “ser capaz de compreender um problema e tentar pesquisar solução para a resolução do mesmo” (Prof.6) - “facilidade dos alunos terem, aaa, em estudar, em pesquisar, em aplicar os conceitos que adquirem nas aulas a novas situações” (Prof.5)
Ter objetivos	Prof. 8	- “terem objetivos” (Prof.8)

Na primeira pergunta procurámos perceber como os professores da EBSC definem o conceito de autonomia dos alunos no contexto escolar. As suas respostas foram ao encontro da tomada de decisões, realçado, por alguns professores, que seriam tomadas sem necessidade de ajuda, o cumprimento de regras e compromissos propostos pelos professores e pela escola, a aplicação do conhecimento adquirido a novas situações, o que implica que exista, no alunos, uma apreensão dos conteúdos e a capacidade de os alunos terem e perseguirem objetivos.

**2.Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?**

Sim	Prof. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10	Não	Prof. 8
-----	----------------------------------	-----	---------

A percepção dos professores relativamente à existência de estratégias para a promoção da autonomia dos alunos na EBSC é, maioritariamente, positiva.

2.1.Quais as estratégias que identifica que existem na Escola Básica e Secundária de Carcavelos para a promoção da autonomia dos alunos?			2.1.Qual considera serem as razões dessa inexistência?		
Atividades em que os alunos assumem envolvimento ativo	Prof. 1, 2, 5, 6	- “que eles possam de facto dar essas ideias” (Prof.1) - “envolvimento dos alunos em muitos projetos” (Prof.2) - “autonomia para se organizar em trabalhos de expressão dramática, em que escolhem os adereços e muitas vezes com quem querem trabalhar” (Prof.6)	Falta de comunicação. Falta de informação. Falta de colaboração. Falta de solidariedade.	Prof. 8	- “Ao nível de escola, falta de comunicação, falta de informação, falta de colaboração/coordenação entre os professores, falta de solidariedade, falta de tempo, super trabalho desnecessário, burocracia a mais.” (Prof.8)
Atividades lideradas por alunos	Prof. 3, 4, 6, 7, 9, 10	- “aulas de substituição, com o livro de ponto, com a responsabilidade de manter as salas arrumadas, limpas, a chave da sala” (Prof.3) - “delegado é responsável por supervisionar as atividades que desempenham” (Prof.4)	Falta de tempo. Excesso de trabalho. Burocracias.		
Utilizar diferentes instrumentos de avaliação	Prof. 7	- “da avaliação ser uma avaliação muito globalizante e sistemática, e os alunos não serem apenas avaliados pela média dos testes” (Prof.7)			

Os professores que identificam a existência destas estratégias dão exemplos das mesmas, referindo atividades que assumem envolvimento ativo dos alunos, atividades lideradas por alunos e a utilização de diferentes instrumentos de avaliação. O professor que respondeu negativamente à existência destas estratégias explica que as mesmas não existem pela falta de comunicação e de informação, falta de colaboração e solidariedade entre os professores, falta de tempo, excesso de trabalho e de burocracias.

<b>2.2. De que forma considera que estas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?</b>		
Utilização da informação	Prof. 1	- “é no fundo informar-se, inteirar-se e depois cruzar e fazer alguma coisa com aquela informação” (Prof.1)
Promoção da responsabilidade	Prof. 3, 4 ,6, 7, 10	- “Obriga-os a ser mais responsáveis, aaa, a responsabilizarem-se pelos comportamentos deles e dos colegas” (Prof.3) - “é uma forma de criar responsabilidades nos alunos e é o que nós pretendemos” (Prof.4)
Consciencialização do papel do aluno	Prof. 4, 9	- “ganhe consciência do papel que têm, e da forma como têm que se movimentar” (Prof.4) - “Leva-os a perceber a forma como a escola se organiza e a pensar como é que eles podem participar nessa organização” (Prof.9)
Criação de novas soluções de aplicação futura	Prof. 5, 9,10	- “permitir abrir algumas expetativas em relação ao futuro, saídas de futuro” (Prof.5)

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “os alunos podem vir a desenvolver no futuro outro tipo de atividades” (Prof.9)</li> <li>- “implementando certos hábitos, que são fundamentais depois para o dia-a-dia” (Prof.10)</li> </ul>	
--	--	---	--

A percepção, dos professores, do impacto que as estratégias identificadas têm no desenvolvimento da autonomia dos alunos referem-se à utilização da informação adquirida pelos alunos noutras situações, à promoção da responsabilidade dos alunos, à consciencialização do papel do aluno e à criação de novas soluções de aplicação futura.

2.3. Que outras estratégias, ao nível da escola, considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos?			2.3. Que estratégias considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos?		
Atividades desenvolvidas pelos alunos e supervisionadas pelos professores	Prof. 3, 4, 6, 9, 10	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “talvez fomentar um bocadinho mais a parte da, da associação de estudantes. Tinha que ser mais interventiva, os alunos tinham que perceber que ela existe” (Prof.3)</li> <li>- “nomear um grupo de alunos, um ou dois alunos responsáveis por no final da aula verificar se a sala de aula fica arrumada” (Prof.4)</li> <li>- “Um jornal ou uma rádio” (Prof.6)</li> <li>- “haver atividades, no espaço exterior escolar em que os alunos pudessem gerir essas atividades” (Prof.9)</li> </ul>	Mudança da atitude dos intervenientes	Prof. 8	- “Tinha de mudar muita coisa, a atitude dos professores, a atitude da direção, aumentar a imagem que o professor tem perante os alunos, que isso é um problema social, não é de escola.” (Prof.8)
	Prof. 4, 6		Promoção da imagem do professor	Prof 8	

Promover interação entre os alunos	- “todas as atividades que envolvam alunos de diferentes níveis etários, que envolvem a heterogeneidade” (Prof.4) - “Ter uma participação mais ativa, mais próxima da comunidade educativa” (Prof.6)	Promoção da colaboração entre professores	Prof 8	
------------------------------------	---	---	--------	--

Outras estratégias que os professores consideram que se poderia implementar para o desenvolvimento da autonomia dos alunos centram-se na dinamização de atividades desenvolvidas por alunos e supervisionadas pelos professores e na promoção da interação entre os alunos. O professor que não identificou estas estratégias na escola, afirma que, para a implementação das mesmas, é necessário que exista uma mudança de atitudes dos intervenientes, uma promoção da imagem do professor e promoção da colaboração entre professores, requisitos realçados pelo professor que afirma não serem implementadas estratégias com este objetivo na EBSC.

<b>3.Em contexto de sala de aula utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos?</b>	
Sim	Prof. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Relativamente à implementação de estratégias de promoção de autonomia dos alunos utilizadas pelos professores na sala de aula, todos os entrevistados consideram utilizá-las.

<b>3.1Quais?</b>		
Realização de trabalhos em grupo	Prof. 1, 2, 5, 6, 7, 10	- “Outra das coisas também que nós fazemos é trabalhar muito em par, em pares” (Prof.2) - “Trabalhos de grupo, em que eles também têm que saber lidar uns com os outros” (Prof.5) - “fazer coisas em grupo” (Prof.10)

Avaliação realizada por alunos	Prof. 2	- “os alunos a fazer a própria correção das coisas...vão corrigir uma ficha que é do colega” (Prof.2)
Construção das próprias aprendizagens	Prof. 2, 3, 4, 8, 10	- “Mas são eles que, gradualmente, nos vão dizendo as respostas, construindo o seu próprio saber” (Prof.2) - “fazer com que eles construam partes do seu conhecimento” (Prof.3)

Quando lhes foram solicitados exemplos das mesmas, os professores responderam que propunham aos alunos a realização de trabalhos de grupo, a avaliação realizada pelos próprios alunos e a orientação dos alunos na construção das próprias aprendizagens.

<b>3.2 De que forma considera que essas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?</b>		
Atividades que promovam a reflexão e intervenção crítica	Prof. 6, 7, 10	- “exercitem uma análise crítica ... chegar a conclusões, sem que essas conclusões sejam primeiro dadas pelo professor” (Prof.6) - “ponho em questão muita coisa que os faz pensar, que os faz chegar a conclusões” (Prof.10) - “eles questionando as coisas, pensando sobre os assuntos, eles próprios chegam à conclusão” (Prof.10)
Desenvolvimento de temas relacionados com a comunidade	Prof. 6, 10	- “Partimos sempre de um conceito contemporâneo ou partindo de uma realidade próxima do quotidiano do alunos, de uma vivência para chegar a um conceito mais abstrato ou mais difícil” (Prof.6) - “facto de eles fazerem musica prática também socialmente” (Prof.10)
Atividades que promovam a responsabilização dos alunos	Prof. 4, 8, 9, 10	- “dar-lhes tarefas que têm de cumprir o prazo” (Prof.4) - “tomada de consciência dos objetivos, no empenhamento que têm de ter para conseguirem os objetivos” (Prof.8) - “em cada aula há um aluno diferente responsável pelo sumário” (Prof.10)

A contribuição das estratégias identificadas para a promoção da autonomia dos alunos é percebida como atividades que promovem a reflexão e a intervenção crítica dos alunos, atividades que promovam a responsabilização dos alunos e a promoção da relação dos alunos com a comunidade, através do desenvolvimento de temas relacionados com esta.

<b>3.3 Considera que existem outras estratégias que poderia implementar?</b>		
Trabalhos de grupo	Prof 1	- “temos muito trabalho conjunto que é benéfico” (Prof.1)
Atividades lúdico-educacionais	Prof 1, 2, 4, 6, 8	- “eles irem pelos seus próprios meios, dizerem aos pais irem de comboio” (Prof.4) - “através do visionamento de documentários e de filmes” (Prof.6)
Auxiliar alunos na construção da própria aprendizagem	Prof 1, 2, 9	- “demora tempo a corrigir e depois demora tempo a fazer a correção dos trabalhos, porque se nós fazemos é para eles melhorarem, logo temos que os corrigir e explicar como deveriam ter feito, tudo isso é um processo muito demorado” (Prof.1)
Atividades de discussão	Prof 6	- “fazer discussões mais alargadas” (Prof.6)
Responsabilização gradual	Prof 8	- “o professor levar os alunos a preparar as próprias aulas” (Prof.8)
Aumentar o número de professores em aula	Prof 9	- “Eu puder trabalhar, por exemplo, de porta aberta, com 2 ou 3 professores, em vez de trabalhar sozinho por exemplo na minha aula de projeto, o ideal era eu trabalhar com 2 ou 3 professores” (Prof.9)

Outras estratégias que os professores gostariam de implementar nas suas aulas centram-se em trabalhos de grupo, atividades lúdico-educacionais, no auxílio que poderiam dar na construção das aprendizagens dos alunos, em promover atividades de discussão, dar responsabilização gradual e crescente aos alunos e aumentar o número de professores em aula.

<b>3.3.(continuação) Por que razão não as implementa?</b>		
Extensão do programa	Prof 1, 6, 8	- “cumprimento do programa e também considerando que nem todos os alunos aderem a essa mesma estratégia” (Prof.6) - “Por causa dos programas, os programas limitam muito” (Prof.8)

Falta de tempo	Prof 1, 3, 6	- “por falta de tempo ... porque temos poucos tempos letivos” (Prof.1) - “há claramente limitações de tempo” (Prof.3)
Limitações materiais	Prof 1, 2, 5, 9, 10	- “tenho de trazer o meu computador muitas vezes, há salas que não têm projetor” (Prof.1) - “nós podemos fazer tantas coisas se tivéssemos um acesso mais facilitado às novas tecnologias em sala de aula” (Prof.2) - “não há material suficiente para isso” (Prof.10)
Insegurança fora da escola	Prof 4	- “não o faço porque não quero correr riscos, numa coisa que às vezes pode haver um azar, um miúdo cair, dormir no comboio” (Prof.4) - “pelos perigos que pode implicar” (Prof.4)
Características dos alunos	Prof 6	- “o cumprimento do programa e também considerando que nem todos os alunos aderem a essa mesma estratégia” (Prof.6)
Número de alunos/espço de aula	Prof 10	- “são muitos alunos, normalmente dentro da sala de aula o espaço também não é muito” (Prof.10)

No entanto, na perceção de alguns professores, existem algumas limitações que impossibilitam o desenvolvimento de outras estratégias em sala de aula, como a extensão do programa, a falta de tempo, limitações materiais, insegurança fora da escola, as características dos alunos e a relação do número de alunos com o espaço de aula.

<b>4. Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania?</b>	
5 Professores responderam <b>Sim</b>	5 Professores responderam <b>Não</b>

Relativamente à existência de oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania, a perceção dos professores não é consensual, cinco professores considerando que existe e cinco que não existe.

<b>4.1. Pode dar-nos exemplos dessa oferta formativa?</b>	<b>4.1. Considera que essa oferta formativa seria importante?</b>
---	---

Palestras/encontros	Prof 2 e 10	<p>“Sim, já tivemos ..., palestras, já tivemos encontros ..., inclusivamente... encontros regulares com a comunidade, com outros membros da comunidade, com pais por exemplo, ... em espaços mais ou menos informais...” (Prof.2)</p> <p>“...Eu aqui à tempos participei numa com uma turma, por exemplo, sobre o alcoolismo e achei muito interessante, há muitas coisas do PES também, do clube de saúde, eles também fazem uma serie de iniciativas, vêm cá inclusive enfermeiras e pessoas responsáveis por certos assuntos, há rastreios, por exemplo...” (Prof.10)</p>	Prof. 4,5,6,7 e 9 responderam <b>Sim</b>		
Formações creditadas	Prof 2 e 3	<p>“...por exemplo, e já tivemos também outros ..., mais formais, por acaso eu nunca participei de formação creditada também, através do centro de formação...” (Prof.2)</p> <p>“...As outras formações, formações daquelas creditadas, etc., nós acabamos tendencialmente na nossa área e menos na área da formação para a cidadania...” (Prof.3)</p>	<b>4.2. Porquê?</b>		
			Heterogeneidade da formação de professores	Prof 4	<p>“Há uma grande heterogeneidade ao nível da formação, as escolas vão perdendo a pouco e pouco a sua matriz, a sua identidade cultural...” (Prof.4)</p>
					<p>“Porque nos iria permitir ter outras visões sobre formas de promover a autonomia dos alunos.” (Prof.5)</p>

Formações informais	Prof 3	“...Há coisas pontuais. Fazem-se muito aquelas formaçõezinhas há tarde, aquelas formações de 2/3 horas que são voluntárias...acabamos por fazer essa formação um bocadinho informalmente, quando falamos uns com os outros...” (Prof.3)	Inovação	Prof 5 e 9	“...devia ser um tema para mim eu considero o que é um tema abrangente, não é, nós a partir dele, dentro da escola, nós a partir desse grande tema podíamos discutir e ir para outros temas.” (Prof.9)
			Renovação docente	Prof 4	“...um número significativo de professores que saíram e que faziam parte de um caldo entre aspas escolar e vieram muitos professores novos com muitas formações diferentes com muitas vivências diferentes...” (Prof.4)
			Formar cidadãos	Prof 6, 9 e 10	“Porque eu acho que uma escola antes de, de, de... antes de mais tem de obviamente formar ou ajudar a formar cidadãos.” (Prof.6) “Eu acho que sim, que se faz muita coisa para, para perceber como é que as coisas funcionam à nossa volta, não taos só centrados nos conteúdos da escola.” (Prof.10)
			Partilha de experiência	Prof 7 e 8	“...permite sempre a partilha de experiencias e a troca de experiencias com outros colegas, situados noutros contextos e é sempre enriquecedor para todos nós no fundo.” (Prof.7) “...regularmente todas as quartas-feiras na biblioteca para os professores, em que os professores mais velhos e mais experientes, pessoas interessantíssimas partilhavam os seus trabalhos académicos...” (Prof.8)

Os professores que consideram a existência dessa oferta formativa dão exemplos das mesmas, referenciando palestras/encontros, formações creditadas e formações informais. Os professores que afirmam não existir essa oferta na escola consideram que é importante que exista, devido à heterogeneidade da formação dos professores, pela constante renovação do quadro docente que existe na escola, o que dificulta a interiorização dos objetivos da mesma, pela necessidade de formar cidadãos (alunos) e pela inovação e partilha de experiências, que vai promover que os professores se atualizem relativamente às novas práticas e acontecimentos da sociedade.

<b>5. Do ponto de vista pessoal que necessidades formativas considera ter ao nível da educação para a cidadania?</b>		
Relações sociais	Prof. 1, e 5	<p>“...que envolvesse uma temática, de tal forma que envolvesse professores e alunos, ..., eu penso que se calhar as relações entre professores e alunos também melhorariam...” (Prof.1)</p> <p>“...em saber lidar é com alguns alunos,... e saber que estratégias é que hei de usar com alguns alunos que têm muita falta de autonomia, que são muito calados e que são muito introvertidos.” (Prof.5)</p>
Acompanhar as transformações sociais	Prof. 2	<p>Acho que o professor ... precisa, ... de sair de Portugal e de ver o que está a acontecer em países como a França, como a Finlândia, como em Inglaterra..., para não falar de outros países mais longe, mas nós precisamos de vez em quando de sair daqui e observar o que está a ser feito em outros países na didática, ... mas chega a um determinado momento na nossa carreira onde já ouvimos tudo, onde já, onde já vimos o que se passava aqui e precisamos de interagir com pessoas de fora da nossa disciplina ...” (Prof.2)</p>
Cidadania e valores	Prof. 10	<p>“Eu já fiz, por exemplo, algumas coisas sobre a indisciplina, ... mas gostava de fazer mais sobre estratégias mesmo, ... portanto, jogos, atividades de desenvolvimento pessoal...” (Prof.10)</p>

<b>7. A um nível mais geral, qual considera ser as necessidades de formação do corpo docente da EBSC ao nível da educação para a cidadania?</b>		
Relações sociais	Prof. 4 e 10	“...tenho feito formação em muita coisa, em ... sei lá ... ao nível do contato dos alunos, ao nível do bullying, ao nível do consumo de álcool ao nível do consumo de drogas...” (Prof.4)
Cidadania e valores	Prof. 3 e 8	“...por exemplo, a questão do respeito, dos direitos humanos, essa parte, que normalmente é mais trabalhada...” (Prof.3) “As pessoas têm de estar bem com elas próprias, para poder estar bem com os alunos, não há formação que resulte, enquanto isso não se resolver...” (Prof.8)
Clima positivo	Prof.10	“...realmente a calma inspira calma e o equilíbrio inspira equilíbrio e portanto os nossos alunos precisavam de mais equilíbrio e mais tranquilidade. Pronto, sobretudo...mais novos e não só, mas pronto, são muito irrequietos e as vezes uma atitude de tranquilidade seria benéfica, penso eu.” (Prof.10)

Relativamente às necessidades de formação pessoal que identificam no âmbito da educação para a cidadania, centram-se na promoção das relações sociais, no acompanhamento das transformações sociais, no desenvolvimento da cidadania e valores, para que depois possam ser transmitidos aos alunos e na manutenção de um clima positivo.

As relações sociais são uma necessidade percebida tanto individualmente, como para o corpo docente no geral, o mesmo acontecendo com a cidadania e valores. O acompanhamento das transformações sociais é uma necessidade sentida individualmente e a manutenção de um clima positivo uma necessidade percebida como necessário ao nível do corpo docente.

<b>6. De que forma considera que a escola básica e secundária de caravelos poderia contribuir para ultrapassar as necessidades que sente?</b>		
Envolvência escolar	Prof. 1	“...até para melhorar a relação o ambiente, não quer dizer que seja mau, mas melhorá-lo, ...mas mais com turmas,... o cabaz de natal, e não sei quê ... acaba por abranger a escola, mas assim uma coisa ... um trabalho mais profundo, mais nesse sentido ...” (Prof.1)

Partilha de experiencias	Prof. 2, 5 e 10	<p>“Verificar e comparar a nossa situação com as dos outros. Neste momento é aquilo que eu sinto falta na minha formação. É atualizar-me, ... E haver uma troca maior ... uma interação maior entre professores de inglês do nosso país com outros.” (Prof.2)</p> <p>“...há cursos de formação que são, as vezes não temos acesso, muitas vezes são feitos noutras escolas e aquilo fica cheio portanto já não há vaga. Eventualmente, se se conseguisse aqui a nível de escola, seria mais fácil frequentar...” (Prof. 10)</p>
Identidade escolar	Prof. 9	<p>“E a escola é uma entidade que se deve orientar por determinados valores que devem ser muito claros para todas as pessoas, para todos os intervenientes no processo educativo. Há determinados valores que são estruturantes e nós não devemos fugir deles.” (Prof.9)</p> <p>“Arranjando uma estratégia clara para trabalhar bem esses valores, devem ser na escola visíveis, quando eu digo devem ser visíveis devem estar escritos, devem passar à frente dos nossos olhos quase diariamente. Devem fazer parte de uma forma muito clara da missão da própria escola... nós próprios nos interiorizamos ... porquê que andamos cá ... o projeto educativo, o perfil do professor, tudo isso está decidido ... o falar, a cidadania, essas atitudes...” (Prof.9)</p>

<b>8. E de que forma considera que a EBSC poderia contribuir para ultrapassar dificuldades identificadas?</b>		
Partilha de experiencias	Prof. 3, 5, 7 e 10	<p>“Mas acho que a escola deveria implementar e realmente com pessoas vindas de fora, mostrando, partilhando outras experiências, pode ser que sim, pode ser que se abrissem novos caminhos e se criassem novas estratégias e se tratassem novos temas, para, e que depois nós aplicássemos no contexto de sala de aula. Acho que sim, porque não.” (Prof.7)</p> <p>“...alguns professores ofereceram-se e portanto fizeram ai uns clubes em que estão a proporcionar isso. Agora claro que não é muito tempo, nós estamos muito sobrecarregados de tempo e não podemos fazer mais vezes, os próprios professores que se ofereceram também não têm mais disponibilidade...” (Prof.10)</p>

Formação de professores para a cidadania	Prof. 4 e 10	<p>“...é assim, há cursos de formação que são, as vezes não temos acesso, muitas vezes são feitos noutras escolas e aquilo fica cheio portanto já não há vaga. Eventualmente, se se conseguisse aqui a nível de escola, seria mais fácil frequentar...” (Prof.10)</p> <p>“Acho, acho e inclusivamente eu coordeno a formação aqui na escola e os diretores de turma pedem me muita formação nessa área, pedem muita formação nessa área, inclusive vou ter uma reunião ao nível da educação para a cidadania...” (Prof.4)</p>
Identidade escolar	Prof. 8 e 9	<p>“E a escola é uma entidade que se deve orientar por determinados valores que devem ser muito claros para todas as pessoas, para todos os intervenientes no processo educativo. Há determinados valores que são estruturantes e nós não devemos fugir deles.” (Prof.9)</p> <p>“Arranjando uma estratégia clara para trabalhar bem esses valores, devem ser na escola visíveis, quando eu digo devem ser visíveis devem estar escritos, devem passar à frente dos nossos olhos quase diariamente. Devem fazer parte de uma forma muito clara da missão da própria escola... nós próprios nos interiorizamos ... porquê que andamos cá ... o projeto educativo, o perfil do professor, tudo isso está decidido ... o falar, a cidadania, essas atitudes...” (Prof.9)</p>
Avaliar necessidades	Prof. 6	<p>“...levar à discussão também. Aos grupos e departamentos, ... sentir ... essa necessidade. Avaliarmos de facto se essa necessidade e uma necessidade generalizada ou se é sectária.” (Prof.6)</p>

A forma como a EBSC poderia ajudar a ultrapassar as necessidades sentidas nesta área, na opinião dos entrevistados, deveria ser através da promoção da envolvimento escolar, promoção de partilha de experiências, promoção da formação de professores para a cidadania, promoção da identidade escolar e através da avaliação das necessidades dos professores nesta área, para que pudesse atuar sobre estas.

Ao nível da ultrapassagem das necessidades sentidas pelos professores individualmente, são ressaltadas a partilha de experiências, o envolvimento escolar e a construção da identidade escolar. Para ultrapassar as necessidades sentidas pelo corpo docente, para além da partilha de experiências e da construção da identidade escolar, os professores percebem que seria importante avaliar as necessidades dos docentes e promover formações para professores no âmbito da educação para a cidadania.

## Discussão dos dados

### Autonomia

Quando comparamos o conceito de autonomia reconhecido pelos professores com o dos autores estudados encontramos algumas questões em comum. Zoghi e Dehghan (2012) afirmam que a autonomia em contexto educativo é a capacidade do aluno tomar as suas decisões, à semelhança do que foi dito por quatro professores. Quando Zoghi e Dehghan (2012) afirmam que os professores vão orientando as aprendizagens dos alunos reportamo-nos ao cumprimento de regras e compromissos dos discentes, conceito também identificado por quatro professores da EBSC. Os mesmos autores referem a capacidade de os alunos se responsabilizarem pelas suas aprendizagens, pelos seus atos e pela gestão do seu percurso de vida, no sentido em que aplicam os conhecimentos que adquirem a novas situações, seja dentro ou fora da escola. Esta vertente da autonomia também foi identificada por quatro professores da EBSC. No entanto Tschirhart e Rigler (2009) e Zoghi e Dehghan (2012) mencionaram sempre o desenvolvimento da autonomia dos alunos como um trabalho de interação entre os professores e os alunos, sendo que os primeiros orientam as aprendizagens dos segundos. Estas afirmações vão contra uma das vertentes identificadas por dois professores, a tomada de decisões sem ajuda, que aqui se reveste de um constante apoio do professor.

O conceito de autonomia reconhecido pelos professores da EBSC vai, em parte, ao encontro da bibliografia analisada, no sentido que se reporta à capacidade de os alunos tomarem as suas decisões, ao cumprimento de regras e compromissos e à aplicação dos conhecimentos que os alunos adquirem em novas situações. Um conceito de autonomia presente na bibliografia e que não foi referenciado pelos professores da EBSC foi a “responsabilização dos alunos pela sua própria aprendizagem” (Tschirhart & Rigler, 2009 e Zoghi & Dehghan, 2012). No entanto, embora os professores não tenham mencionado esta vertente da autonomia na sua definição, ao longo da entrevista foram referenciando várias estratégias de desenvolvimento da autonomia dos alunos com este objetivo, como a construção de resumos e apontamentos, a realização de apresentações para os colegas. Esta situação leva-nos a pensar que esta expressão é também considerada, pelos professores da EBSC, como parte da definição da autonomia.

## Estratégias

Relativamente às estratégias identificadas pelos professores da EBSC, tanto no espaço escolar como dentro da sala de aula, identificamos a aplicação de algumas que se encontram referenciadas na bibliografia consultada. Quando Schiffauer, Baumant, Kastoryano e Vertovec (2005) defendem a cedência de espaços escolares para uso dos alunos ou a criação de espaços exclusivos dos alunos, com conseqüente responsabilização dos mesmos por estes, verificamos que estas estratégias vão ao encontro das “atividades lideradas por alunos” que já existem na EBSC e que foram identificadas pelos professores deste estabelecimento de ensino. Estas mesmas atividades promovem a responsabilização dos alunos, outra dimensão identificada pelos professores da EBSC.

Relativamente ao desenvolvimento de atividades que promovam a reflexão e intervenção crítica ou às atividades de discussão, estratégias que alguns professores já assumem nas suas aulas ou que gostariam de ver mais desenvolvidas, vamos ao encontro de Schiffauer, Baumant, Kastoryano e Vertovec (2005), Kratsborn, Jacott e Ocel (2008), Misiejuk, Raubik e Tutiaux-Guillon (2004), e à Direção Geral de Educação (2012), que defendem a dinamização deste tipo de atividades para a promoção de uma interpretação ativa dos alunos, dando oportunidade aos alunos de se exprimirem e terem atitudes críticas.

Outras estratégias que os professores da EBSC utilizam para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, passam pelo “desenvolvimento de temas relacionados com a comunidade”, situações defendidas por Schiffauer, Baumant, Kastoryano e Vertovec (2005) Tschirhart e Rigler (2009), e pela Direção Geral de Educação (2012) que afirmam que este tipo de atividades vão promover o conhecimento da realidade por parte dos alunos.

Schiffauer, Baumant, Kastoryano e Vertovec (2005) referem a existência de assembleias de alunos como forma de promover o envolvimento ativo dos alunos em atividades da escola, dimensão identificada pelos professores da EBSC como estratégias já existentes ou que gostariam de ver desenvolvidas.

A promoção de trabalhos de grupo, estratégia muito referenciada pelos professores da Escola Básica e Secundária de Carcavelos como forma de desenvolver a autonomia dos alunos, foi uma das estratégias também identificada nas linhas orientadoras da Direção Geral de Educação (2012), produzindo aprendizagem entre os alunos. Alguns professores desejam, no entanto, promover mais interação entre os alunos.

Relativamente à construção das próprias aprendizagens, vários foram os professores que afirmaram aplicar esta metodologia nas suas aulas, com a criação de resumos, a apresentação de trabalhos, ou a lecionação de partes da matéria por parte dos alunos aos seus colegas, permitindo que os alunos realizem um trabalho autónomo na construção destas atividades. Esta estratégia vai ao encontro de Tschirhart e Rigler (2009), que identificam estratégias que permitem que os alunos controlem a sua própria aprendizagem, organizando o seu tempo e formas de aprendizagem.

No que toca à consciencialização do papel do aluno, estratégias que alguns professores identificaram existirem na EBSC, verificamos que Schiffauer, Baumant, Kastoryano e Vertovec (2005) também consideram importante, podendo ser promovidas através de assembleias de alunos ou a exposição de trabalhos dos alunos.

O desenvolvimento destas atividades irá promover a autonomia dos alunos, permitindo que estes utilizem as novas informações e competências para a sua vida escolar e extraescolar. Estratégias que os professores gostariam de ver desenvolvidas na escola e que ainda não são, como a implementação de atividades lúdico-educacionais, o auxílio dos alunos na construção da própria aprendizagem, a responsabilização gradual dos alunos e o aumento do número de professores na aula, devem-se a algumas limitações, como a extensão do programa, a falta de tempo, limitações materiais, características dos alunos, o número de alunos e espaço de aula.

Existe, no entanto, um professor que considera que não são implementadas estratégias para o desenvolvimento da autonomia na EBSC, por falta de comunicação entre a comunidade educativa, falta de informação, falta de colaboração e solidariedade entre professores, falta de tempo e excesso de trabalho e de burocracias exigidas na escola. Para que se pudesse resolver a esta situação seria necessário, como é referido por este professor, a mudança de atitude dos intervenientes da escola, promover a imagem do professor e promover a colaboração entre professores.

### **Formação de professores**

Quando analisamos as questões relacionadas com a formação de professores na “Educação para a Cidadania”, verificamos que os professores que não identificam a existência da formação nesta temática na EBSC consideram que seria importante. Estes professores consideram que seria importante para promover a formação de cidadãos, como refere Fumin e Li (2012), Fulop, Davies e Sada (2008) e Figueiredo e Silva (1999).

Tendo em conta as necessidades que os professores da EBSC referiram sentir relativamente à “Educação para a Cidadania”, verificamos que estes consideram que seria importante existir formações de professores focadas nas competências da cidadania, para que pudessem aprender formar de ensinar estas competências aos alunos. Esta necessidade é referenciada por vários autores, Fumin e Li (2012), Reis (2001), Rami et al. (2006), Misiejuk, Raubik e Tutiaux-Guillon (2004), Figueiredo e Silva (1999) e Roldão (1999), que afirmam que é essencial os professores desenvolverem estas capacidades em si para depois poderem aplica-las aos seus alunos. Consequência desta formação, iríamos deparar-nos com uma renovação docente, encontrando-se mais habilitados a lecionar, dinamizar e ensinar competências de cidadania aos alunos.

Misiejuk, Raubik e Tutiaux-Guillon (2004) ao referenciar que era importante que os professores experienciem estratégias de debate e reflexão, corroboram com a partilha de experiências que os professores da EBSC consideram importante que a escola dinamize para suprimir as necessidades dos professores nesta temática.

É necessário que os professores acompanhem as transformações sociais na transmissão de competências sociais, como é o caso da “Educação para a Cidadania” (Tschirhart e Rigler 2009) para que os conteúdos estejam a par da realidade e para que os alunos sejam confrontados com aquilo que acontece no dia-a-dia. Este acompanhamento, no entanto, é identificado pelos professores como uma das necessidades nesta temática. Ainda assim, como refere Figueiredo e Silva (1999), as necessidades que os professores sentem ao longo da sua carreira não são focadas na “Educação para a Cidadania”, o que promove um ensino desta área de pouca qualidade e ao cargo das ideologias de cada professor.

Ainda que existam algumas formações na escola relacionadas com a temática que analisamos, estas nem sempre são formais, passando por uma partilha de informação entre os docentes. Esta situação nem sempre se traduz em alterações nas conceções e ideologias dos professores, o que poderá resultar em aplicações das estratégias pouco ajustadas ao contexto dos alunos e, como tal, com pouco efeito nos mesmos.

A heterogeneidade da formação dos professores e a constante renovação de professores a que a escola está sujeita, cria grandes diferenças de atuações por parte dos professores no desenvolvimento da cidadania dos alunos. Isto porque nem todos os professores sabem trabalhar estas competências com os alunos, podendo não perceber quais são os objetivos que a escola pretende se não lhes forem transmitidos os mesmos. Daí a necessidade de a

escola promover uma maior envolvimento dos professores na sua missão, objetivos e atividades. Desta forma, os professores perceberiam o que devem trabalhar com os alunos e, ao mesmo tempo, criar-se-ia uma maior identidade escolar, não só dos professores como também dos alunos.

Algumas necessidades dos professores neste tema relacionam-se com as relações sociais, seja entre professores e alunos ou entre alunos, que os professores consideram importante para a manutenção de um clima positivo. É importante que a escola tenha uma forma de avaliar as necessidades dos professores nesta área, para que possa agir sobre ela.

Através dos resultados obtidos, verifica-se que os professores identificam a existência de estratégias para a promoção da autonomia dos alunos por parte da escola. Utilizam também estratégias para o efeito na sala de aula, sendo que estas são ideologias de cada professor, ou seja, não são estratégias comuns à escola. As estratégias implementadas têm impacto nos alunos da EBSC, no sentido de promoverem a sua responsabilização pelas aprendizagens e uma maior participação e intervenção na escola e na sociedade. Outras estratégias poderiam ser implementadas, mas existem algumas limitações materiais, temporais ou relacionais que dificultam o desenvolvimento das mesmas.

Relativamente à formação de professores para a cidadania na EBSC, que sabíamos não existir, a perceção dos professores foi pouco consensual. Alguns consideraram a sua existência e outros a sua inexistência. É um tema que os professores têm alguma ideia de ser abordada e referenciada durante os anos, mas a sua intervenção e atuação entre os professores à pouco nítida. Por essa razão não conseguem identificar, de forma clara, as suas formas de atuação. Ainda assim, os professores consideram que é uma área importante de ser abordada, sentindo necessidades na mesma e considerando que existem maneiras de a escola ajudar a ultrapassar essas dificuldades.

## **Propostas para superação do problema**

Para concluir o nosso trabalho e cumprir com o último objetivo indicado no guia de estágio, que consiste na proposta de um plano de intervenção na escola para a resolução do problema identificado, apresentamos agora um conjunto de soluções para a superação do mesmo. Estas propostas surgiram da bibliografia e do estudo que foi realizado.

À semelhança da entrevista, dividimos as propostas em duas vertentes, isto é, estratégias de desenvolvimento da formação pessoal e da autonomia dos alunos da EBSC que podem ser implementadas ao nível de escola e de sala de aula.

## **Escola**

A **exposição dos trabalhos dos alunos** vai fazer com que, numa primeira parte, os alunos pesquisem, procurem e tratem a informação que pretendem colocar nos trabalhos de forma autónoma. A sua exposição vai-lhes dar uma maior responsabilidade no desenvolvimento da tarefa e pode também ser uma forma de realçar o trabalho que é feito pelos discentes.

Quando se permite a **utilização de instalações da escola por parte dos alunos**, de forma a desenvolverem atividades do seu interesse, estamos a contribuir para que os alunos desenvolvam as mesmas de forma autónoma. Seriam, conseqüentemente, responsáveis pelo seu desenvolvimento e manutenção. O mesmo resultado ocorre se permitirmos a **dinamização de projetos por parte dos alunos**.

Se **responsabilizarmos os alunos pelo material e instalações da escola** vamos garantir que os alunos se tornam mais responsáveis pela manutenção do bom estado do seu local de trabalho e dos materiais que utilizam.

A **promoção de interação entre os alunos e a comunidade educativa** vai contribuir para que os discentes se sintam mais ligados ao estabelecimento escolar. Desta forma os alunos vão sentir-se mais responsáveis pelo bom funcionamento do mesmo e o clima relacional dos elementos da comunidade educativa vai ser mais positivo, promovendo um maior compromisso com o trabalho de cada um. O mesmo se pode dizer com o **desenvolvimento da identidade escolar**, garantindo que todos conhecem os objetivos, missões e visão do agrupamento escolar onde se inserem. Para além do clima positivo, todos procuram atingir o mesmo objetivo, juntando esforços em prol dessa meta comum.

A **promoção de interação entre alunos de diferentes faixas etárias** vai possibilitar que os alunos mais novos aprendam com os mais velhos e sigam os seus exemplos. Desta forma, se os alunos mais velhos forem autónomos, os mais novos aprenderão a sê-lo também.

O **intercâmbio, tanto de alunos como de professores**, permite que exista troca de experiências e de informação. Todas as experiências pelas quais os indivíduos passarão

através do intercâmbio vão contribuir fortemente para a formação pessoal do mesmo. A mesma situação se verifica com a **utilização de testemunhos reais**, que pode ser desenvolvido para professores e para alunos. Vai possibilitar maior conhecimento, permite contactar com realidades e consequências desconhecidas, desenvolvendo o respeito e a aceitação pela diferença.

A **promoção de jogos de cooperação**, tanto entre professores como alunos, vão fomentar a integração, aceitação, respeito pelo outro e, naturalmente, a cooperação entre os intervenientes. Desta forma estamos a trabalhar a confiança.

### Sala de aula

A **promoção de momentos de reflexão e debate** entre os alunos vai fomentar a sua participação, reflexão sobre os acontecimentos e o pensamento crítico. Os alunos, desta forma, vão desenvolver competências de expressão em público, situação que será muito útil no seu futuro.

Um professor, quando **relaciona os conteúdos que aborda em aula com questões da sociedade**, está a permitir que o aluno perceba a utilidade das suas aprendizagens para o seu dia-a-dia. Desta forma estamos a preparar os alunos para a sua atuação na sociedade.

A realização da **avaliação formativa** permite uma constante reorientação do trabalho dos alunos. Desta forma os alunos percebem aquilo que já atingiram, o que ainda não atingiram e o que lhes falta atingir. Assim sendo estão encaminhados para o trabalho que deverão realizar para atingir os objetivos em falta, trabalhando de forma autónoma na consecução dos mesmos. A **autoavaliação** surge com o mesmo objetivo, solicitando uma reflexão intrínseca sobre o trabalho que os alunos têm feito e os esforços que são necessários mobilizar para a consecução dos objetivos em falta.

A **simulação de papéis** permite desenvolver a empatia, ou seja, colocarmo-nos no lugar do outro. Promove o respeito e a aceitação pela diferença.

A realização de **apresentações** por parte dos alunos vai promover a autonomia dos alunos na pesquisa e tratamento da informação, bem como na construção da apresentação. Promove também competência de falar para o público, essencial para a sua inserção na sociedade, contribuindo ainda para o desenvolvimento da autoestima e da segurança. A **lecionação de conteúdos por parte dos alunos** surge com o mesmo objetivo, acrescentando a responsabilidade pela aprendizagem dos outros.

A criação de **grupos de trabalho heterogéneos** vai promover a entreajuda e a cooperação, permitindo que os alunos aprendam uns com os outros, sem necessidade de um acompanhamento constante do professor, ou seja, aprendizagem autónoma. A **correção entre pares** permite que os alunos aprendam com os seus colegas, podendo contribuir também para a integração e cooperação, no sentido em que os colegas se ajudam uns aos outros a ultrapassar as dificuldades sentidas. Para além da responsabilidade que acartam por corrigirem os seus colegas, esta estratégia vai permitir uma aprendizagem autónoma.

Os professores, ao promoverem a **construção de resumos e apontamentos**, permitem que os alunos construam as suas próprias aprendizagens, ou seja, desenvolvam a sua autonomia de estudo. Desta forma os alunos reconhecem a melhor maneira de estudarem e de se orientarem para apreenderem os conteúdos.

## Conclusão

O desenvolvimento deste trabalho permitiu-nos perceber de que forma os professores percecionam desenvolver a autonomia dos alunos na Escola Básica e Secundária de Carcavelos, identificando estratégias implementadas na escola e nas salas de aula. A perceção dos professores relativamente a estas estratégias e o seu impacto nos alunos revela-se essencial, pois se não as conhecerem e não perceberem os seus objetivos, a sua implementação não terá o resultado esperado. A falta de informação relativamente a estas estratégias pode fazer com que, por um lado, não sejam implementadas ou, por outro, mesmo que sejam, não promovam o desenvolvimento esperado, pois não são entendidas nem adaptadas aos diversos contextos.

Os professores da EBSC reconhecem o significado da autonomia dos alunos no contexto escolar, considerando que passa pela capacidade de os alunos tomarem decisões, serem responsáveis pelas suas aprendizagens e de aplicarem os conhecimentos a novas situações. Para que exista o desenvolvimento desta autonomia, a escola e os professores têm que a promover, devendo procurar a implementação de estratégias contextualizadas e justificadas para a perseguição deste objetivo. Perante isto, e tendo em conta que a EBSC procura o desenvolvimento deste e de outros valores da cidadania devem ser implementadas estratégias que promovam estas atitudes.

O desenvolvimento da autonomia nos alunos irá contribuir para que consigam gerir e orientar as suas aprendizagens. O desenvolvimento de competências vai contribuir para que os alunos consigam aplicá-los às várias situações e contextos. Se os alunos conseguirem ter esta capacidade na escola, poderão ter a mesma capacidade para a resolução dos seus problemas na sociedade. Um cidadão autónomo vai ser responsável pelos seus atos, integrando-se na sociedade e atuando na mesma.

Os professores, para que possam aplicar estratégias adequadas, devem estar a par das melhores metodologias para o efeito. Esta situação exigiria a existência de uma formação de professores na área da “Educação para a Cidadania”, situação que não ocorre na EBSC. Os professores, no entanto, mostram-se com opiniões distintas relativamente à presença, ou não, desta formação na escola, identificando algumas ofertas formativas que consideram estar ligadas à temática. No entanto identificam diversas necessidades na área, considerando que seria uma mais-valia para a atuação perante os alunos, dentro e fora das aulas, como forma de contribuir para a sua formação, enquanto cidadãos. O processo de formação de professores e da própria escola iria permitir um maior conhecimento da missão e objetivos da última, promovendo uma atuação conforme por parte de todos os intervenientes da escola e, conseqüentemente, a formação dos alunos.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu-nos conhecer melhor os objetivos da EBSC, nomeadamente no sentido do desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos ativos e participativos na sociedade, procurando estratégias de desenvolvimento da responsabilidade, autonomia, cooperação e respeito dentro e fora da sala de aula. A escola pretende que os alunos tenham um desenvolvimento social, cognitivo e social ao longo do tempo que passam neste estabelecimento de ensino (Reis, 2001) e, para tal, utilizam diversas estratégias, nas quais passámos a ter conhecimento. Foi também importante no sentido em que percebemos a forma como é transmitida a informação dos órgãos de gestão para os professores, neste caso ao nível das estratégias de formação dos alunos que os professores devem implementar. São avaliadas as necessidades dos professores para a criação de um plano de formação para os mesmos, mas esta ocorre ao nível do Centro de Formação de Cascais e não da escola, não permitindo que aja um desenvolvimento desta competência nos professores de acordo com o contexto escolar da EBSC nem com o que o Agrupamento de Escolas de Carcavelos pretende, contribuindo para a inexistência de práticas uniformes.

Tomando como objeto de estudo a autonomia, valor da cidadania que se revela essencial para o desenvolvimento da responsabilidade, respeito pelo outro, cooperação e solidariedade, consideramos que deve ser uma aposta no desenvolvimento dos alunos. A autonomia vai facilitar a aprendizagem dos alunos, tornando-os mais responsáveis pelas suas aprendizagens e permitindo que orientem as mesmas. Vai também contribuir para o desenvolvimento de cidadãos ativos na sociedade. Esta situação leva-nos a concluir que é importante desenvolver a autonomia dos alunos na sala de aula, derivando diversas consequências positivas desta opção, não só nas aprendizagens como na formação dos alunos. O desenvolvimento deste trabalho permitiu-nos contactar com diversas estratégias de desenvolvimento da autonomia que poderemos implementar nas nossas aulas.

O professor revela-se um elemento essencial para que tal aconteça. As atitudes do professor, as decisões que toma, as estratégias que implementa e as formas de atuar com os alunos devem refletir as ideologias que pretende transmitir aos alunos, neste caso, o desenvolvimento da autonomia. O professor deve estabelecer uma ligação com os alunos e estes devem perceber o que é pedido deles. Desta forma orientam-se, com o auxílio do professor, na construção das suas aprendizagens. A autonomia vai, então, desenvolver-se na interação entre o professor e o aluno.

Relativamente à formação de professores, a área da “Educação para a Cidadania” não é prioritária para os professores, que procuram, essencialmente, formações na sua área (Figueiredo e Silva,1999), tal como é dito nas entrevistas. No entanto é importante e a sua relevância deve ser realçada perante o corpo docente para que percebam a sua utilidade, não só para as aulas como para a formação dos alunos. Será também importante que, no desenvolvimento de formações nesta área, por ser pouco procurada, seja feita uma divulgação eficiente e que se promovam práticas motivantes, que levem os professores a interessar-se pelas mesmas.

## **Bibliografia**

*Citizenship Education in Europe*, (2012). Eurydice, Bruxelas: EACEA.

Educação para a cidadania – linhas orientadoras (2012). Direção Geral da Educação.

Fülöp, M, Davies, I. & Sada, A. N. (2008). 'Citizenship': What does it mean to Trainee Teachers in England, Hungary and Spain? Reflecting on Identities: Research, Practice and innovation. London CiCe, 483 – 492

Fumin, F. & Li, Z. (2012). Teachers` roles in promoting students learning autonomy in China. *English language teaching*, 5 (4)

Grammes, T. (2012). Different cultures in education for democracy and citizenship. *Journal of social Science Education*, 11(2), 3-7

Kratsborn, W., Jacott L. & Ocel, N. P. (2008) Identity and citizenship: the impact of borders and shifts in boundaries. London Cice.

Menezes, I. & Ferreira, P... (2012). *Educação Para a cidadania em sociedades em transição: uma visão europeia, ibérica e nacional das políticas e práticas da educação para a cidadania em contexto escolar*. Porto: CIIE

Misiejuk, D., Raubik, R. & Tutiaux-Guillon, N. (2004) Professional Guidance: Citizenship Education and identity in courses for those who will work with secondary-aged pupils. London Cice.

Projeto Educativo de Escola (2009/2013). Escola Básica e Secundária de Carcavelos

Rami, J., Lalor, J., Berg, W., Lorencovic, J., Lorencovicova, E., Oñate, C. M., Elm, A. (2006). Competencies for educators in citizenship education & the development of Identity. London CiCe.

Reis, J (2001). *Professores para a cidadania, elementos para um programa de formação. Modelos e Práticas de formação inicial de professores. Unpublished manuscript*. Seminário promovido pelo grupo de trabalho sobre formação inicial, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Schiffauer, W., Baumant, G., Kastoryano, R. & Vertovec, S. (2005). *Civil enculturation. Nation-State, School and Ethnic Difference in The Netherlands, Britain, Germany, and France*. New York, NY: Berghahn Books.

Tschirhart, C. & Rigler, E. (2009) LondonMet-e packs: a pragmatic approach to learner/teacher autonomy. *Language learning journal*, 37 (1), 71-83.

Zoghi, M. & Dehghan, H. N. (2012). Reflections of the what of learner autonomy. *International journal of English linguistics*, 2 (3).

Roldão, M. C. (1999) Cidadania e currículo. In A. M B. Costa, G. Amaro, F. Matos, M. J. Amante (Eds.), *Inovação. Direitos humanos, educação para a cidadania*. (Vol. 12, p 9-26). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Figueiredo e Silva, C. C. & Silva, A, S. (1999) A educação para a cidadania no ensino básico e secundário português (1974-1999). In A. M B. Costa, G. Amaro, F. Matos, M. J. Amante (Eds.), *Inovação. Direitos humanos, educação para a cidadania*. (Vol. 12, p 27-45). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

## Anexos

### Guião da entrevista

1. Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando-o acerca do que entende ser “a autonomia dos alunos em contexto educativo”?
2. Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?

#### Se sim à 2ª questão:

- 2.1 Quais as estratégias que identifica que existem na Escola Básica e Secundária de Carcavelos para a promoção da autonomia dos alunos?
- 2.2 De que forma considera que estas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?
- 2.3 Que outras estratégias considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos?

#### Se não à 2ª questão:

- 2.1 Qual considera serem as razões dessa inexistência?
- 2.2 Que estratégias considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos?

3. Em contexto de sala de aula utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos?

**Se sim à 1ª questão:**

3.1 Quais?

3.2 De que forma considera que essas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?

3.3 Considera que existem outras estratégias que poderia implementar? Por que razão não as implementa?

**Se não à 1ª questão:**

3.1 Por que razão?

4. Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania?

**Se sim à 1ª questão:**

4.1 Pode dar-nos exemplos dessa oferta formativa?

**Se não à 1ª questão:**

4.1 Considera que essa oferta formativa seria importante?

4.2 Porquê?

5. Do ponto de vista pessoal que necessidades formativas considera ter ao nível da educação para a cidadania?
6. De que forma considera que a escola básica e secundária de Carcavelos poderia contribuir para ultrapassar as necessidades que sente?
7. A um nível mais geral, qual considera ser as necessidades de formação do corpo docente da EBSC ao nível da educação para a cidadania?
8. E de que forma considera que a EBSC poderia contribuir para ultrapassar dificuldades identificadas?

## **Transcrição das entrevistas**

### **Entrevista professor 1**

Estagiário - Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando-o acerca do que entende ser “a autonomia dos alunos em contexto educativo” na sua opinião?

P – A autonomia dos alunos em contexto educativo, tem que se lhe diga, como vocês acabaram de dizer, é assim estou mais ligado ao secundário e a autonomia, pressupõe muita coisa, pressupõe que eles também possam dar opiniões sobre o que se passa na escola e que essas opiniões sejam ouvidas, mas eu vou me centrar mais na autonomia em sala de aula. Não sei se é isso que pretendem?

Estagiário – Sim, mas mais á frente iremos centrar nisso, queria saber a sua definição de autonomia?

P – A autonomia é em relação ao todo escola, é eles terem ideias inovadoras, é apresentarem-nas quer aos diretores de turma, quer aos professores, quer à direção e poderem levar um bocadinho essa ideias adiante. Aqui na escola os alunos têm pouca autonomia na sala de aula, quer dizer de grosso modo, e porquê, porque não têm grandes hábitos de trabalho, estão à espera de que as coisas lhes apareçam feitas, assim à sua frente e que o professore realmente os encaminhe, são pouca as turmas, às vezes acontece uma ou outra turma ter essa autonomia para apresentar trabalhos, para fazer coisas, mas tem de ser tudo muito dirigido, pelo menos é aquilo que eu sinto, talvez estou me a centrar muito na turma que tenho este ano.

Estagiário – Mas, indo ao encontro disso, considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos, ao nível de escola?

P – Ao nível de escola, eu penso que são implementadas essas ... que os professores tentam de todas as maneiras e por todos os meios ....

Estagiário – Identifica alguma dessas estratégias que sejam implementadas pela escola?

P – Assim ao nível de grupo e pela escola, .... ideias para trabalhos em sala de aula, que tenham a ver com os conteúdos das matérias lecionadas, que eles possam de facto dar essas ideias e elas são bem-vindas sempre, desde que se centrem, não fujam muito das matérias, a todos os níveis, sei lá ... peças de teatro, música, mas que se encaminhem no

caminho do que estamos mais ou menos a dar, exposições e eu pelo menos penso que a maioria dos colegas tentam estar atento e incentivar os alunos para exposições, música, o ano passado houve um ... ali na .... Senhora da Boa Nova, sim, com uma série de concertos interessantíssimos ao nível da música desde a idade média até à modernidade, portanto cada sábado havia, e de facto os alunos foram e ... porque realmente ao nível da música, que depois se entrecruza com a literatura não é, pronto eu penso que as pessoas fazem isso, mas o que é certo, é que apesar do incentivo e eu foi uma das pessoas que estive lá sempre e incentivei os meus alunos, ... foram poucos os que foram. E de facto era interessantíssimo abrir horizontes e para cruzar a música e a literatura, tento sempre fazer isso á arte em geral, com exposições com todo o que está ao nosso alcance, mas ou porque às vezes é o sábado e as famílias não estão muito predispostas a sair com eles e eles ainda não vão sozinhos, nesse aspeto têm pouca autonomia, o que é certo é que vão pouquíssimos.

Estagiário – E já agora de que forma essas estratégias mais centradas aqui ao nível de escola, se calhar vindo um pouco da direção ou algo do género, de que forma é que estas estratégias podem contribuir para a promoção da autonomia dos alunos?

P – Mas as estratégias vindas do exterior?

Estagiário – As estratégias vindas da direção e as que disse, sim, sim as que disse e outras que identifique?

P – Eu acho que todo o que seja vivências e experiências vindas do exterior, traz sempre uma mais valia para essa autonomia. Porque a partir daí podem cruzar, fazer trabalhos e o objetivo é esse, é no fundo informar-se, inteirar-se e depois cruzar e fazer alguma coisa com aquela informação.

Estagiário - Que outras estratégias considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos, ao nível de escola?

P – Muita coisa poderia ser implementada, mas eu acho que a nossa dificuldade, pelo menos nós sentimos muito isso no português, os alunos têm imensas dificuldades na disciplina, na escrita, na ortografia, enfim tudo, tudo e aquilo que acontece é que se calhar descuramos um bocadinho estratégias, que poderiam dar essa autonomia, porque nós estamos muito centrados e preocupados em trabalhar a leitura e análise de texto e a escrita, sempre um trabalho e esse trabalho como é óbvio, tem de um trabalho encaminhado,

porque eles não sabem e à algo que se faz muito e nós fazemos muito depois dos testes comuns, aquilo que se verificou foi pronto, a gramática deles lá conseguem papaguear algo, se estudam, mas a leitura e a escrita é má, então nós uma estratégia para promover a autonomia na escrita, é de facto dedicar mais tempo à escrita, orientá-la, lemos ... nós fazemos sempre isso não é, mas ali um bloco só conosco, ler um texto, descodificá-lo, trabalhá-lo e escreve-lo, ou seja partir das perguntas, nós encaminhámo-los como poderiam responder a pergunta e depois fazemos juntos e o professor vai fazendo e realmente, tentamos criar aqui alguns modelos, porque eles às vezes não os têm e a maior parte das vezes, assim por motivos diversos ... não têm e nós tentamos dedicar muito tempo de facto a esse lado, para criar essa autonomia, por exemplo é uma estratégia nossa dedicar mais tempo, retirando da aula, aquele .... os conteúdos que devemos lecionar para de facto, dedicar esse tempo todo à escrita conosco a encaminhá-los, conosco a ditar a resposta, tão haver agora poderiam fazer assim, com eles a dizer como poderiam fazer ..... e orientando, por isso a nossa preocupação parte muito de arranjar estratégias para a autonomia da leitura, da interpretação da escrita.

Estagiário – Mas que outras estratégias poderia implementar e por essa razão não pode?

P – Que outras estratégias, por exemplo acho que há coisas interessantíssimas a fazer, e volto ao mesmo que para mim, sempre ao nível da arte, para poder cruzar ... do cinema, ... da ... da ... pintura, da música não é, tentar cruzar com as matérias não é, trabalhos, até trabalhos que a pessoa possa ... mas nós ... mas o nosso problema é a falta de tempo, muita falta de tempo para ... porque a nossa grande preocupação e o nosso cavalo de batalha é a escrita, depois temos pouco tempo, ... e eu por exemplo e os meus colegas também estamos atrasados, eu só tenho 10º de dia este ano, porque tenho 10º, 11º e 12º à noite, mas estamos atrasados em relação à planificação, por exemplo ... porque há falta de tempo, há falta de tempo para implementar outras estratégias que não aquelas que tenham a ver com pô-los a escrever, tentar não é ... ler, escrever, organizar em modelos, até porque o novo programa de 10ºano, que vai ser implementado no próximo ano, tem muito a ver com modelos, nada de textos híbridos, modelos, modelos, como a matemática, tem regras, portanto também podem adquirir esses mecanismos no português não é, mas nós já o fazemos, não tem nada a ver e a nossa grande preocupação é essa e as nossas estratégias pá, são todas direccionadas para ai, embora existissem muitas interessantes, fazer outros trabalhos, ver um filme, às vezes fazem como é obvio, porque nós temos a parte da oralidade não é, mas pronto cá está a nossa parte da oralidade vai sempre para

ler livros de literatura portuguesa, para que eles ... enfim, é natural não é, e depois faltamos tempo assim para aquele lado criativo que seria muito interessante mas não há tempo para isso.

Estagiário – Indo ao encontro disso, indo para o contexto de sala de aula, se a professora utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos?

P – Utilizo sim.

Estagiário – Algumas que possa identificar?

P – Posso identificar sim, os trabalhos, vou sempre para o mesmo, vou ao cinema por exemplo, tive de dar a notícia, o texto dos media e texto intimista, o diário ... foi ver um filme de que gosto muito que é “O Solista”, que tem o Beethoven de quem gosto muito, pelo meio, é lindíssimo e a partir daí, todos eles, eles acharam interessantes, ... fizeram cartas, notícias, entrevistas, do jornalista e do solista, que é um sem-abrigo que anda nas ruas de Los Angeles, entrevistas, cartas, diários, eles gostaram e foi interessante, foi um trabalho que os motivou, depois algumas coisas fazíamos em conjunto e como é que faço em conjunto também, e outras isoladamente, por exemplo grupos de 4, eu acho que estive também promove um bocadinho a autonomia, não temos é tempo para isto volto a dizer, mas pronto fazemos de vez em quando, colocamos nos grupos de 4, 2 alunos bons e 2 alunos menos bons, ali em sala de aula a fazer, porque eu expliquei-lhes isso e disse porquê que estava a fazer dessa maneira, porque aqueles menos bons a ouvir os outros, como é que constroem as ideias, como é que põem de pé, vão aprendendo alguma coisa com eles, portanto eles não criam grupos, porque lhes apetece ou porque sim, somos nós a cria-los com esse objetivo e eles sabem-no e nós dizemos.

Estagiário – De foram é que essas estratégias contribuem para a autonomia?

P – Contribui, porque leva-os à interpretação, leva-os à escrita e leva-os a ter gozo, eu acho que quando se tem gozo por alguma coisa, leva-nos a fazer um bocadinho melhor, porque estamos empenhados e isso vai contribuindo aos poucos, quer essa estratégia do grupo de 2 alunos que se comportam muito bem e são bons alunos e 2 alunos menos bons, para ... e eles vão criando mecanismos com os outros, vão aprendendo com os outros, porque aquilo partem do zero, agora vamos fazer uma entrevista e então como é que fazemos, mesmo aqueles que estão calados, estão a ouvir o que os outros estão a dizer e

vão pondo de pé e vão percebendo e vão mecanizando alguma coisa e vão aprendendo porque acho que é importante.

Estagiário – Se considera que existem outras estratégias que poderia implementar? Porque razões não implementa, por razões temporais, espaciais, questões materiais?

P – As questões materiais passam por ai sim, tenho de trazer o meu computador muitas vezes, há salas que não têm projetor, passa por ai, mas isso é o menos, porque eu trago, mas à muita gente que não traz, até porque é pesado, eu comprei um pequenino, mas pronto, nem toda a gente ... faz isso, agora ... por questões materiais também, mas eu que acho essencialmente é por falta de tempo, essencialmente é a falta de tempo, porque nós temos um programa e então para o ano o do 10º, aquilo vai ser uma coisa, vamos ter por exemplo a português, o antigo programa do português A, quase o da literatura, então para o ano vai ser o descabre, e por isso no próximo ano acho que a coisa ainda vai piorar. Mas eu acho que essencialmente é por falta de tempo, falta de tempo porque temos poucos tempos letivos, porque o português é muito importante e é necessário trabalhar a escrita, como disse e depois também nos falta tempo por outros motivos não é, agora por exemplo temos muito trabalho conjunto que é benéfico, mas por outro lado rouba nos tempo para outras coisas ... e as fichas e os relatórios e todas as reuniões e todo isso, rouba-nos tempo, essencialmente por isso falta de tempo, e falta de tempo não só na nossa relação com os alunos e em sala de aula que também, ao nível do português é flagrante, mas também por todo o que nós temos para fazer, passamos o tempo na escola e levamos o trabalho para casa, passamos o fim-de-semana a fazer, a corrigir e as turmas são muito grandes e demora tempo a corrigir e depois demora tempo a fazer a correção dos trabalhos, porque se nós fazemos é para eles melhorarem, logo temos que os corrigir e explicar como deveriam ter feito, tudo isso é um processo muito demorado.

Estagiário – Pronto, indo agora para outra temática, se considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania, relacionado com os valores. Se tem noção se existe se não existe?

P – Quer dizer, aparecem, eu acho é que ... sim há ações nesse sentido se calhar, as pessoas pretendem ações, se calhar não há mais, porque nós todos os anos somos levados a dizer as ações que gostaríamos de ter, cada grupo não é, e se se calhar as pessoas não ... se não há mais é porque as pessoas não pedem esse tipo de ação, querem coisas mais

práticas, coisas de sala de aula, querem arranjar outras estratégias, cá está, para a sala de aula ...

Estagiário – Mas tem alguns exemplos dessas ofertas que existem aqui na escola?

P – Quer dizer não me recordo, mas sei que há, uma ou outra coisa sei que há mas não me recordo e também considero que se não há mais é porque não estamos .... já nos achamos formados para a cidadania à muito e se calhar á outras prioridades e não vamos por ai ...

Estagiário – Mas seria importante ou há outras importantes?

P – Quer dizer, parece-me que há outras prioridades, mas isto é o meu ponto de vista ...

Estagiário – Sim, sim claro

P – Se calhar porquê, se calhar porque .... não faço ideia, olhe não faço ideia, não sei, este é o meu ponto de vista, eu acho que nós nunca ... eu estou me a lembrar daqui que pedimos e pedimos sempre coisas muito mais práticas, nunca pedimos nada vocacionado com a cidadania, às vezes aquilo que pedimos também é que como as turmas são grandes e os alunos turbulentos, aquilo que acabamos por pedir são estratégias para os acalmar ou qualquer coisa assim, mas não propriamente vocacionado com a cidadania, mas quer dizer eu digo-lhe, eu sei que à uma colega, já que me perguntou à pouco e eu não me lembrava que tem um projeto vocacionado para a cidadania e há aqui muitos, há aquelas campanhas de natal, as angariações, à uma colega que tem ali para a casa da Encosta, os alunos e os professores, alguns dão um euro por mês e depois aquilo é revertido em compras, ... a casa da Encosta diz o que é que necessita e aquilo acaba por ser revertido em ... também sei que normalmente no natal à idas aos sem-abrigo ao Cais do Sodré e por ai ... há coisas, há coisas ... que se fazem, mas na prática não, uma ação teórica para ...

Estagiário – E do ponto de vista pessoal que necessidades formativas considera ter ao nível da Educação para a cidadania, se fosse assim um tema que achasse, que fizesse mesmo falta relacionado com a educação para a cidadania, um ou mais temas?

P – Relacionado com a cidadania, o que é que eu ia pedir, eu pedia qualquer coisa de que envolvesse, ... não sei como é que vou por isto de pé, vou tentar, que envolvesse uma temática, de tal forma que envolvesse professores e alunos, até porque se isso acontecesse,

enfim de forma mais abrangente, eu penso que se calhar as relações entre professores e alunos também melhorariam, agora porque é que não acontecesse ...

Estagiário – Mas isso agora já era uma estratégia que a escola poderia implementar?

P – Poderia implementar ... até para melhorar a relação o ambiente, não quer dizer que seja mau, mas melhorá-lo, não é, nesse sentido, poderia ser por ai, embora haja algumas coisas que já vão nesse sentido, mas mais com turmas, são mais ... depois abrange aqueles ... o cabaz de natal, e não sei quê ... acaba por abranger a escola, mas assim uma coisa ... um trabalho mais profundo, mais nesse sentido ...

Estagiário – E a escola poderia contribuir para essa situação?

P – Sim

Estagiário – E assim de uma forma mais geral, fizemos a pergunta ao nível pessoal, agora a um nível mais geral, os professores da escola têm necessidades ao nível da formação para a cidadania?

P – Penso que não, porque se o tivessem, isso seria um dos temas, quando lhes é colocado que ações gostaria de ... até porque, lembro-me não sei se foi o ano passado se foi à dois anos, já não sei ..., havia uma lista de ações que eu mandei para os colegas, que eles tinham que por uma cruzinha, naquilo que pretendiam e de facto ... tenho ideia que havia lá de facto qualquer coisa para a cidadania, mas de facto não foi ... não foi evidenciado, nada ... nada, não me lembro de nada, se houve uma pessoa a fazê-lo e duvido que tenha havido, depois acabei por ver as mais ... as grandes necessidades, 1º, 2º, 3º e 4º lugar e de facto não me lembro da cidadania, mas estava lá ... e portanto não sinto isso, mas se calhar é necessário e eu não dou conta.

Estagiário – Obrigada, está tudo.

## **Entrevista professora 2**

Leandro- O tema é a “Educação para a Cidadania- o desenvolvimento da autonomia dos alunos na nossa escola”. As perguntas vão ser relacionadas um pouco nessa direção, o que é a autonomia e estratégias para a desenvolver.

Professora – Para o seu desenvolvimento. Aqui na escola, não é?

Mafalda – Sim. Pronto, posso então começar? Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados, gostaríamos de começar questionando-a acerca do que entende ser a autonomia em contexto educativo?

P – Aaaaa...

M – A autonomia dos alunos...

P – sim, sim... É algo que pode ser ensinado! Eu acho que os alunos são diferentes, portanto há uns que vão ter uma aprendizagem da autonomia mais fácil do que outros. Mas, como em tudo, é algo que se aprende a desenvolver, não é? Temos que, aaa, dar-lhes ferramentas no início da aprendizagem numa base de Inglês para que depois cheguem a um certo nível de aprendizagem e essas formas de resolver situações sejam descobertas por eles próprios, não é? Portanto autonomia é eu saber utilizar aquilo que eu sei, as estratégias que me foram ensinadas, mostradas, para resolver uma situação. Pronto, onde é que eu vou procurar a informação para resolver qualquer coisa na minha vida. Isso é que é se eu sou autónomo, se sou capaz de resolver aquilo que me aparece pela frente. Aaaa, se eu fui bem ensinada em casa pelos meus pais, que também me desenvolvem a autonomia, aaaa, se ao longo da minha vida fui sujeita a determinadas situações que me ajudaram a encontrar estratégias para resolver situações, então vou ser mais autónoma do que aqueles que não foram sentidos a essas mesmas situações e não conseguiram descobrir formas de resolvê-las.

M – Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?

P – Eu acho que ainda podemos fazer melhor!

M – Mas considera que existem já algumas...

P – Sim, considero que sim, que há. Há disciplinas que... cujos objetivos também, no seu próprio programa, aaaaa, apontam para isso não é, para o desenvolvimento da autonomia e para algumas estratégias de atuação em sala de aula, de como lecionar os conteúdos, não é, que apontam um pouco para isso. Mas eu penso que poderá ser feito mais, nomeadamente, numa língua estrangeira por exemplo, aaa numa língua materna. Acho que eles deveriam ser mais autónomos ainda, na sua... na disciplina de língua materna, no português.

M – Pode tentar concretizar mais? Que estratégias, essas estratégias que a professora diz que existem, consegue dar-nos alguns exemplos?

P – Em geral?

M – Sim.

L – Da escola!

P- E depois falo da minha disciplina?

M – Sim. Depois temos aqui à frente essa parte, mas se entretanto falar também...

P – Eu penso que há uma grande, aaa, há um grande envolvimento dos alunos em muitos projetos. E o facto de haver muitos projetos faz-me querer que, e os projetos fazem-se com autonomia, isto é, sobretudo quando nós pedimos... E eu sei que há muitos projetos fora da sala de aula, portanto os alunos têm que ter um certo grau de autonomia para poderem realizar esses projetos. Portanto o facto de ser uma escola viva e muito ativa nesse sentido faz-me querer que sim, que há, que os professores se preocupam em encontrar estratégias que ajudem no desenvolvimento da autonomia. Portanto passa por aí, naquilo que vejo ao meu redor, pelo dinamismo de muitas atividades, de muitas iniciativas que, que sim, não é? Que só com, que só... Que só podem acontecer neste momento porque os alunos já ganharam um certo grau de autonomia.

M – Depois estava a falar que se poderia, poderiam ser feitas mais, aaaa, podiam ser implementadas mais estratégias. Aaaaa, exemplos ou algumas questões que a professora considera que podiam ser implementadas no sentido de promover a autonomia dos alunos.

P – Aaaaa... Penso que ainda há muito por fazer. Quando aaaa, quando nós pedimos um trabalho mais formal, digamos assim. Porque há muitos alunos que ainda não sabem por onde começar. Aaaaa, eles têm acesso a um mundo de informação através da, são miúdos que nasceram na era digital não é, portanto eles têm acesso à informação, contudo eles não sabem ainda gerir muito bem este novo mundo, não é? Que é muito para ele de entretenimento. Não são suficientemente, ou não são levados a considerar que tudo o que está à sua disposição também é uma ferramenta que eles devem aplicar no seu dia a dia. E perdem-se muito com este mundo de, de, de... que eles têm à sua disposição mas que depois o que se vê é muito, aaa, *Copy Paste*, não é. Portanto eles não sabem pegar em

informação, digeri-la e depois torna-la própria, não é, toná-la minha. E tem que ser ensinado aos miúdos.

M – E agora passando um pouco para o contexto mesmo mais de sala de aula, de...

P – Da minha disciplina?

M – Sim, no seu caso, se utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos?

P – Aaaaa... Aqui na escola, aaa... Em inglês, se nós, aaa, professores, aaaa, pensarmos no projeto que nós temos em mãos, estou a falar do manual que nós temos entre mãos, aaaa, e eu conheço-o bem, aaa, é um manual que ajuda o professor. É muito difícil hoje em dia para quem tem, e em inglês é muito fácil isso acontecer, ter 4/5 níveis, 6/7/8/9 turma, é muito difícil planificar as aulas tendo em conta a variedade e a heterogeneidade dos alunos, se não tivermos entre mãos um projeto que nos ajude no dia a dia. E se eu olhar para o projeto, aaa, eu penso que nós podemos orientar os alunos paa que eles sejam mais autónomos nas quatro grandes competências a inglês, que é a produção oral, a produção escrita, a leitura, a compreensão e a produção oral, interação oral. Portanto, em relação, por exemplo, ao *Speaking*, à oralidade, nós temos, no 5º e 6º ano muitos guiões, muitos modelos. E o modelo, quando os alunos começam assim, desde pequeninos, é um modelo que os vai orientar, não só em termos de ideias, mas também em termos de estrutura da própria apresentação, oral ou escrita. Porque muitas vezes aquilo que acontece é, os alunos até têm ideias, não sabem é como organizá-las e isso é visível na escrita e na oralidade. Se eles forem levados a analisar um modelo, como é que isto está construído, não é? Se forem eles a fazerem essa própria descoberta, e é isso que está presente como estratégia, sou eu a descobrir, não é? Qual foi o caminho que levou o autor a construir o texto que está aqui, como é que ele foi feito, para além das ideias, que eles ideias também têm muitas, é uma forma de organizar o discurso, oral e escrito, porque isto também funciona nestas duas grandes áreas. E isso é algo que nós fazemos com muita frequência. Isto culmina num trabalho ainda mais autónomo no final de cada período, que é uma apresentação oral, normalmente individual, se não é individual houve uma fase do trabalho de pesquisa talvez em comum, mas depois a apresentação é feita individualmente e a nota é atribuída individualmente. Para as alunos chegarem a essa total liberdade, não é? E total autonomia, claro que eles são levados, aos poucos, não é, analisando as coisas e tirando as suas próprias conclusões, não é? E se nós fizermos isso no segundo ciclo e

depois no 7º e 8º ano, no 9º ano, esperamos que já não seja necessário e que depois eles já possam, então, tendo um tema, qualquer tema, pegar num tema, tentar planificar o tema, ver qual é a estrutura a aplicar, ver qual é o produto final que eles querem e depois as ideias vêm também, não é? Isso é uma das coisas que nós fazemos. Outra coisa também, tanto na expressão escrita como na produção oral, outra das coisas que nós temos, e também já falei nisso é, claro que há língua, gramática, digamos assim, e aí, aquilo que nós tentamos fazer é, não vale a pena nós, professores construirmos uma tabela toda gira com as regras e alguns exemplos. Claro que isso é útil, é uma sistematização, mas se eu der isto para as mãos dos alunos eles apenas irão lê-la, não é? Se forem eles a construí-la, tudo aquilo que eu faço eu retenho melhor a informação não é? Memorizo-a muito melhor, portanto eles são levados através de exemplos que são, é tudo contextualizado, o que permite uma melhor aprendizagem, mas esses exemplos que são retirados de coisas que acabámos de fazer são colocados no quadro e muitas vezes, por comparação, utilizando técnicas das coes, do destacar as coisas de forma diferente, orientá-los, claro que isto há sempre várias fases, o professor tem que saber onde quer chegar, e os alunos ao passando por essas várias fases vão construindo eles próprios o seu saber, a sua regra, não é, que até é uma forma... todos eles têm maneiras diferentes de lá chegar, todas elas válidas a partir do momento em que cheguem àquilo que é essencial. E só depois então é que fazemos uma sistematização. Mas são eles que, gradualmente, nos vão dizendo as respostas, construindo o seu próprio saber, não é? Penso que, mais facilmente, eles irão memorizar depois. Outra das coisas também que nós fazemos é trabalhar muito em par, em pares. Aaaa, uma das coisas que foi feita há pouco tempo é: muito bem, porque é que será sempre o professor a corrigir as coisas, porque é que não podem ser os alunos a fazer a própria correção das coisas, temos uma mini-ficha por exemplo, aaa e a seguir há um aluno que vai fazer a correção, e nós trocamos as mini-fichas. E eles pegam na caneta verde, que é o verde que eu utilizo, e vão corrigir uma ficha que é do colega. E é muito engraçado eles aaaa, verificarem, e muitas vezes dizem “Ah, então não foste capaz de fazer este exercício? Eu pensava que tu até eras muito melhor a Inglês. Afinal...” ou então ao contrário não é? Descobrir que um aluno, que à partida eles achavam que não era assim tão bom a Inglês, mas acerta a ficha toda. Aaaa, isso em termos de autonomia é importante porque eles aprendem com os erros dos outros, não só com os próprios, não é? Aaaa, há muito trabalho a pares na aula de inglês, tem mesmo que haver. Só fazendo é que eu cresço, é que eu consigo, aaa, resolver as situações. Depois, há outras coisas ainda, aaaa, eles têm determinadas atividades em sala de aula, vão trabalhando ao seu ritmo e no final,

quando eles acharem que podem ir verificar, autonomamente as soluções, eles têm acesso a elas, portanto, há uma parte do manual que permite que o aluno seja aaa, que seja ele próprio a corrigir, a autocorrigir-se. E isso é muito bom em termos de autonomia, quando eles aprendem a fazer as coisas e não irem imediatamente às soluções verifica-las. E isso acontece até ao 9º ano. O manual de 9º ano já não terá a soluções, portanto, espera-se que eles aaaaa gradualmente sejam honestos também com aquilo que eles fazem aaaa e possam então aprender também assim. Há outra coisa ainda que é muito importante. Eles têm um apêndice no manual, que ajuda em casa no seu próprio estudo. Portanto, construïrem em casa o seu próprio estudo. Muitas vezes os alunos não têm acesso... têm acesso online claro a gramaticas e livros de exercícios e fichas de exercícios. Mas se eles tiverem ali, à mão, pregado ao manual, uma parte que poderá ajudar a resolver o exercício não é? E se forem ensinados na aula a utilizar esse apêndice como uma ferramenta, então em casa irão mais facilmente à procura dessa ferramenta e aquilo que interessa aqui é: eu não sei resolver este exercício, onde é que eu vou procurar? Como é que este manual, não é? Ou como é que este livro de exercícios me pode ajudar a resolver esta situação. Aaaa, se nós conseguirmos isso é meio caminho andado para a aprendizagem.

L - Considera que existem outras estratégias que poderia implementar? E que não são por qualquer razão.

P – Aaaa, eu eu eu... penso que sim. Em inglês nós podemos fazer tantas coisas se tivéssemos um acesso mais facilitado às novas tecnologias em sala de aula. Aaaa, há muito do próprio projeto, mas não só, que nós não utilizamos porque, aaa, ou não temos projeto, computador não temos, portanto são raras as salas que nos permitem trabalhar com computador. Quando existe um computador, quando existe um, um, um projetor, muitas vezes aaa, e a inglês para mim é uma falha enorme porque cada vez mais os alunos estão à espera que um professor de inglês utilize as novas tecnologias, utilize aquilo que está a acontecer no momento. Há uma atividade que eu gostaria de desenvolver na, na sexta, amanhã, que eu não vou conseguir desenvolver da forma como eu gostaria de desenvolver, isto é, tenho que passar tudo para a pen para depois mostrar, mas não é a mesma coisa, porque quando eu tenho acesso à internet na aula, uma coisa leva à outra, que leva à outra, que leva à outra. E há uma, uma ligação às coisas que dificilmente eu consigo se eu trago uma coisa que é mais estática, não é? Numa pen. Aaaa vamos falar de globalização e eu lembrei-me, por exemplo, de utilizar, como ponto de partida o famoso vestido dourado ou branco ou azul e preto, porque é um exemplo de, de, de

globalização hoje em dia, não é? Uma coisa que, uma coisa insignificante, não é? Não é pelo vestido em si, é por aquilo que o vestido representa em termos de comunicação global, de interesse global não é? Afinal somos diferentes ou não somos, não é? Temos os mesmos interesses ou não? O que é que é isto de ser global hoje em dia? O que é que globalização quer dizer ao fim ao cabo, portanto irei começar por aí, de uma forma que não é natural. Deveria ser, eu deveria ter acesso à net aaa para poder fazer certas coisas, tal como, eu deveria ter acesso à internet para resolver uma situação que possa aparecer no momento na sala de aula e que eu poderei não ter uma resposta, ou, ou... Isto é, eu posso ter uma resposta, não será a resposta ideal não é? Se um aluno tiver uma dificuldade numa certa, numa certo conteúdo, na internet eu poderei encontrar facilmente algo que responda logo, ali! Claro que eu, professora, com a experiência que tenho também serei capaz de responder, mas não da mesma forma, não é? Para além do mais há “n” atividades, “n” jogos, “n” possibilidades que o inglês tem em termos de disciplina que se tivermos acesso à internet, se tivermos um acesso facilitado aos DVDs que nós temos, muitas vezes não correm, aaa... pronto, há aqui, em termos de tecnologia muito que poderia ajudar ao desenvolvimento da autonomia neste momento e que eu sinto que, seria com grande esforço da minha parte, isto é, mudar de sala, mudar de dia, mas não há, mas tenho que, que pensar com muita antecedência e muitas vezes não há de facto, não é possível. E acho que o inglês, neste momento, aaa, para quem se interessa por didática, não é? Pela didática da língua, nós já deveríamos nesta escola ir um pouco mais à frente, aaa, e não é possível.

M – Agora saindo um bocadinho das questões das estratégias, se considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania, dos valores, da...?

P – Sim, eu penso que sim! São questões aaa, de fundo aqui da escola, são questões... eu estou aqui há seis anos, acho que são temáticas recorrentes, aaa e que já temos tido vários encontros, uns mais formais do que outros, para debaer estas questões. E são questões importantes aaa, porque fazem desta população da escola de carcavelos aaa, fazem com que, aaa... parece-me que há aqui um, um, um, uma procura de uma certa identidade à volta de alguns temas que são aaa, caros à instituição, a esta instituição, a Escola Básica e Secundária de Carcavelos. E são temas recorrentes. E eu penso que isso poderá ajudar a criar uma identidade.

M – Conseguir dar-nos exemplos mesmo concretos dessa oferta formativa? Falou-nos de formações, aaa...

P – Sim, já tivemos aaa, palestras, já tivemos encontros com, inclusivamente... encontros regulares com a comunidade, com outros membros da comunidade, com pais por exemplo, aaa, em espaços mais ou menos informais, como ao sábado à tarde aaa, por exemplo, e já tivemos também outros aaa, mais formais, por acaso eu nunca participei de formação creditada também, através do centro de formação. Portanto lembro-me destas três, destes três tipos diferentes.

M - Do ponto de vista pessoal, mesmo pessoal, que necessidades formativas considera ter ao nível desta Educação para a cidadania?

P – Eu acho que, neste momento, aquilo que eu sinto é que deveria ter a possibilidade de fazer uma formação diferente. Acho que o professor de inglês precisa, aaa, ao longo da sua carreira, de sair de Portugal e de ver o que está a acontecer em países como a França, como a Finlândia, como em Inglaterra obviamente, para não falar de outros países mais longe, mas nós precisamos de vez em quando de sair daqui e observar o que está a ser feito em outros países na didática, na nossa, na didática da língua inglesa, para... porque, em termos internos, os professores que querem desenvolver estas ou outras áreas é possível, mas chega a um determinado momento na nossa carreira onde já ouvimos tudo, onde já, onde já vimos o que se passava aqui e precisamos de interagir com pessoas de fora da nossa disciplina, não é? Isso, isso de alguma forma é facilitado hoje em dia na formação dos *Webinars* que são, aaa, seminários online, não é? Vai acontecer, por exemplo, um amanhã, irá haver um *Webinar*, “é assim que se chama, portanto um seminário através da web, aaa, para os professores que se querem registar não é? Como é obvio, sobre determinados assuntos ligados à nossa, à didática do inglês. Isso ajuda porque nós estamos a interagir, normalmente, pelo menos já houve dois ou três em que eu participei, que não eram professores só de Portugal, havia professores de inglês em França, Professores de inglês em Espanha, Itália também, agora não me recordo dos outros países, e isso é muito interessante. Verificar e comparar a nossa situação com as dos outros. Neste momento é aquilo que eu sinto falta na minha formação. É atualizar-me, ir para fora ou receber, não é? E haver uma troca maior de... uma interação maior entre professores de inglês do nosso país com outros.

M –Essa estratégia é sua, pessoal, ou é da escola?

P – Minha.

M – É só sua, ok.

P – Sim, aquilo que eu sinto como falha neste momento...

M – Sim... Não mas por exemplo, esse *webinar* foi a professora que procurou...

P – Fui eu que procurei sim!

M – Ok. Então forma é que a escola podia facilitar para ultrapassar este tipo de necessidades?

P – Eu acho que uma das coisa, por exemplo, que poderá aajudar, mas é cada vez mais difícil. Porque a burocracia é tanta que nos limita muito, e só com uma força de vontade muito grande é que nós podemos partir para projetos europeus, intercâmbios europeus, porque a partir daí estamos também a criar mais autonomia dos alunos, que eles, se estiverem incluídos num projeto assim eles têm que desenvolver trabalhos, interagir com alunos de outros países aaa, isso é, em todos os campos é... ótimo para eles, para os professores que participam, como também, há uma grande interação com outros professores normalmente da mesma disciplina, há um crescimento profissional. Pronto, poderia ser feito através de, de, de uma implementação de projetos de intercâmbio. O que acontece hoje em dia, aaa, eu já deixei de fazer isso porque a burocracia à volta da organização deste tipo de atividades, aquilo que é exigido cada vez que se organiza uma coisa destas aaa, não nos motiva para continuar, pelo contrário, as coisas estão cada vez mais difíceis e eu acho que há cada vez mais professores que estão a dedicar, que querem dedicar o seu tempo a essas coisas, porque não têm, não o têm.

M – Pronto, então entrando um pouco por aí, a um nível mais geral, sente que existem dificuldades na educação para a cidadania? Ao nível dos docentes todos.

P – Não, não sinto que haja dificuldades, não sei se eu estou a perceber bem a pergunta...

L – E necessidades de formação?

P – necessidade de informação ao nível...

L – De formação!

P – De formação ao nível da cidadania?

M – Ao nível da educação para a cidadania, sim.

P – Não, eu não acho. Acho que tem havido bastantes ações de formação creditada e não creditada para aaa... Para desenvolver depois nos professores, aaa... Uma vontade de trabalhar esses assuntos em sala de aula. Acho que temos tido ao longo destes anos, pelo menos desde que eu estou cá, nós temos tido aaa, acesso a várias coisas. Não me parece que haja uma necessidade grande a esse nível.

M – Ok, obrigada.

### **Entrevista professor 3**

Tiago – Então, relativamente à primeira pergunta, uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados, gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando-a acerca do que entende ser a autonomia dos alunos em contexto educativo.

Professora – Bom, aaaa, tem várias vertentes. Uma tem a ver com a autonomia na sua própria aprendizagem, na construção da sua própria aprendizagem. Aaa, depois tem a ver também com a autonomia na realização das tarefas propostas, que é uma coisa diferente. E depois tem a ver com a autonomia na comunidade educativa, na maneira como se inserem na comunidade educativa.

Tiago – Outra questão. Considera que aqui na escola Básica e Secundária de carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?

P – Da autonomia? Aaa bom, relativamente à última questão que abordei, com a autonomia deles enquanto membros da comunidade educativa eu acho que sim! Muito! E está comparativamente com as outras escolas, bastante mais que nas outras escolas.

T – quais é que seriam essas estratégias que identifica?

P – Aaaa, tem a ver com o facto de eles serem deixados sozinhos em sala de aula, quando estão...

Mafalda – aulas de substituição.

P - ... nas aulas de substituição, com o livro de ponto, com a responsabilidade de manter as salas arrumadas, limpas, a chave da sala... portanto todas essas responsabilidades. Depois, relativamente às outras vertentes da autonomia que eu referi, em relação à autonomia da gestão do estudo eu acho que não. Eu acho que eles estão muito pouco autónomos, não porque os professores não trabalhem nesse sentido, eu acho que é uma luta nossa, trabalhar nesse sentido, mas porque... E isso é bom, mas também tem a parte má. Os pais aqui na nossa escola são pais muito presentes na maior parte dos casos e atentos e que estão sempre muito empenhados em ajudar os filhos e acompanhar os filhos e às vezes isso traduz-se numa superproteção que os limita a autonomia em termos de serem capazes de estudar sozinhos, de organizar um resumo... Essa parte, sim.

T – Dentro daquelas estratégias que identificou, de que forma é que considera que estas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos? A questão do livro de ponto, das aulas de substituição...

P - Obriga-os a ser mais responsáveis, aaa, a responsabilizarem-se pelos comportamentos deles e dos colegas, uma vez que estão responsáveis pelo comportamento da turma quando estão sozinhos, aaa, obriga-os também a terem, a pensarem um bocadinho mais, por exemplo quando escolhem o delegado e o subdelegado, não escolher porque é amigo, não escolher porque é popular, mas escolher porque é alguém que vai conseguir gerir a turma, não é. Porque depois também essa pessoa vai ver, vai ser a imagem da turma não é, e portanto principalmente nessas duas questões.

T – Ok. E já agora, que outras estratégias ao nível de escola poderiam ser implementadas, que a professora achasse que poderiam ser... no sentido de promover a autonomia?

P – Aaaa, bom... Se calhar essa parte não é tão, tão fácil. Pelo menos em termos de autonomia enquanto elementos da comunidade educativa. Aaa, talvez fomentar um bocadinho mais a parte da, da associação de estudantes. Eu acho que a associação de estudantes tem um papel fundamental aí, porque nós só ouvimos falar da associação de estudantes no barulho da eleições não é, e depois não há, naoé, não damos por ela. E a associação de estudantes eu acho que tem um papel fundamental. Tinha que ser mais interventiva, os alunos tinham que perceber que ela existe, quando há uma festa e, portanto, a associação de estudantes eu acho que devia de desenvolver algum tipo de atividades para desenvolver também essa autonomia, porque eles próprios são pouco autónomos, muito...

T – Agora indo um pouco de encontro ao contexto de sala de aula, aaa, se utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos? Mais no contexto de aula.

P – no contexto da sala de aula? Pronto eu posso falar pelo meu grupo...

T – Exato, sim.

P – Pelo meu grupo de disciplina, não é? Pronto. O que nós tentamos muito fazer é, nós damos-lhe as ferramentas para descodificar enunciados, para trabalhar os enunciados. Tentamos promover a tal vertente que eu falei do, do, da autonomia no estudo e na aprendizagem, na construção da aprendizagem. Em relação à promoção da aprendizagem tem a ver com darmos-lhes situações que lhes permitam ser eles a chegar às conclusões, não é dar a teoria e depois vamos aplicar este exercício. É ao contrário. Partimos da situações, sempre que possível, nem sempre é possível, não é, tentar que sejam eles a construir o conhecimento. Depois também ensiná-los, acho que é uma coisa que eles não sabem, fazer resumos, tomar apontamentos, ver coisas que o professor diz mas que às vezes não escreve, que é importante eles aprenderem principalmente no 5º/6º/7º ano a fazer, não é. É dar-lhes essas ferramentas para depois eles conseguirem fazer isso sozinhos. E fomentar também aaa, o uso do manual, a consulta. Eles não sabem consultar, depois ir atrás, não se lembram da formula que demos na aula passada já não fazem, e não vão lá ver não é. Portanto, não lhes dar, não é, é muito mais fácil para nós em termos de gestão de tempo “olha a fórmula é esta” ou escrevê-la no quadro pela milionésima vez. Tentamos não fazer isso, não é, pelo menos eu tendo a fazer isso, tendo a dizer “olha isso foi na aula passada ou há duas ou há três, vai lá procurar. Ou está na página tal”. E é importante também isso para desenvolver a autonomia deles.

T – indo de encontro a isso mesmo era, era, essas estratégias qual o seu contributo para esta promoção da autonomia. Indo um bocadinho ao encontro...

P – tem a ver... aaa, em sala de aula tem a ver com isto que eu acabei de dizer não é, fazer com que eles construam partes do seu conhecimento e que se apropriem das coisas não é, porque é melhor do que eu dar uma regra e agora vamos utilizá-la, muitas vezes não lhes diz nada. Aaa, essa arte da procura, do ir à procura das coisas vai ajudá-los, por exemplos os meus alunos todos no básico fazem um portefólio com resumos da matéria que são avaliados e isso eles têm que fazer sozinhos e depois vêm perguntar se já está, se podem escrever de outra maneira, pronto. Eles têm uma coisa, resumo para eles é copiar o que

eu disse, não é escrever pelas palavras deles e às vezes eu até faço isso com os mais pequeninos, que é, tenho ser formal na transmissão do conhecimento mas depois “agora vamos lá escrever isto por outras palavras” que eles entendam que às vezes não têm nada a ver com a matéria não é, temos que... para eles é mais fácil entenderem o que aquilo significa pronto. Depois, enquanto diretora de turma tem a ver com a parte de, já de autonomia em termos de escola não é, com o cuidado... e por exemplo este ano eu percebi isso o ano passado na minha direção de turma, eles elegeram um subdelegado que... pronto porque era porreiro não é, e depois aquilo correu mal, como é óbvio. E depois queriam destitui-lo e eu disse “não, vocês elegerem! Se eu também não gostar do primeiro ministro tenho que o aguentar quatro anos. Elegeram-no, agora aguentam-no até ao fim!” “Aí vamos ser castigados!”, pois paciência. Portanto este ano eles já não escolheram assim, eles já pensaram duas vezes em quem é que iriam escolher para os representar, portanto, eles perceberem isso também na formação cívica na aula de formação, principalmente, que é importante também a aula de formação que nós temos para trabalhar essa parte da autonomia e de eles também perceberem a importância de quem os vai representar, a importância de escolherem quem, em sala de aula quando não está o professor vai conseguir gerir aquilo não é, e também responsabilizá-los, porque também não é, como no ano passado, havia muito “ah, se o subdelegado se porta mal, nós também nos portamos todos mal” e não pode ser, não é, eles também têm que perceber que são todos corresponsáveis quando estão em sala de aula não é, e têm que também saber gerir isso.

T – indo de encontro... Considera que existem outras estratégias que poderiam ser implementadas? E porque razão não as implementa? Condições materiais, temporais, espaciais... Que poderiam ser implementadas mas que não conseguimos aqui na escola.

P – pois, aaa... Eu acho que esta escola faz muito mais que a maioria das escolas, não é. Também se calhar porque temos um tipo de alunos diferentes, não é. Agora, há claramente limitações de tempo. Os professores, não é, temos pouco tempo... No meu caso, tenho a matéria para dar e tenho o exame, não é, se calhar se eu fosse professora... Sem disrimor das outras disciplinas, não é pela importância, mas é porque... sei lá, se o professor de história não der a matéria toda pronto, eles sabem um bocadinho menos de história mas não vão fazer um exame nacional, pelo menos no básico, estou a falar no básico que é onde é preciso, se calhar, promover mais esta autonomia. Aaaa, eu tenho um exame e portanto não posso também disponibilizar muito das minhas aulas e o facto de haver a

aula de formação ajuda imenso. Mas lá está, serve-me para a minha direção de turma. E não me permite trabalhar isso tanto, como eu gostaria, aaa, com outras turmas que não são a minha direção de turma, não é. Portanto, se calhar um bocadinho mais tempo para nós trabalharmos, mas isso já não tem a ver com a auto... com a escola, já ultrapassa um bocadinho a escola. Portanto aqui, não sei muito mais em termos da própria escola como a que... como o que é que, o que é que poderíamos fazer agora de imediato já para alterar isso.

T – Ok. Outra questão um bocadinho agora direcionada mais para a formação dos professores, considera que na escola, aqui na escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania? Existe alguma formação, aaa

P – Há coisas pontuais. Fazem-se muito aquelas formaçõezinhas há tarde, aquelas formações de 2/3 horas que são voluntárias. Aaaa... o problema é que uma vez mais, muitas vezes nós não temos disponibilidade de tempo para estar presentes, não é. Aaaa, umas pessoas se calhar não estão muito interessadas em estar presentes, também é verdade, não é, outras porque não têm muito tempo para estar presentes. Agora, é óbvio que acabamos por fazer essa formação um bocadinho informalmente, quando falamos uns com os outros, aaa, por exemplo, nas reuniões de diretores de turma, vocês estavam presentes na última quando estivemos a analisar o que é que se fez nas aulas de formação, como é que vamos gerir isso, aaa... E portanto eu acho que vamos fazendo um bocadinho informalmente. As outras formações, formações daquelas creditadas, etc., nós acabamos tendencialmente na nossa área e menos na área da formação para a cidadania.

T – Mas acha que seria importante esta oferta formativa?

P – Eu acho que sim eu acho que sim!

T – E porquê já agora?

P – Mais até nuns moldes de pequenas formações, porque eu falo por mim, não sei, se teria disponibilidade de fazer, por exemplo, uma formação de 25 horas ou de 50 horas nessa área. Já tive que fazer noutras escolas, mas porque estava no conselho pedagógico... portanto tinha outro tipo de responsabilidades. Mas não sei se me disponibilizaria para uma ação de 25 horas, por exemplo, a esse nível. Enquanto, se for uma palestra...

Mafalda – Estamos a falar de formaçõeszinhas mesmo da escola?

P – Sim! 2/3 horas internas da escola, ou mesmo outros professores que vêm cá fazer palestras sobre pequenos temas. Aaa, isso nesse aspeto sim acho que seria importante.

T – Pronto, já agora, indo de encontro a isto. Do ponto de vista pessoal, que necessidades formativas é que considerava ter ao nível da educação para a cidadania? Se tivesse que escolher alguma... de encontro ao perfil da professora neste caso.

P – Alguma, alguma área?

T – Dentro da educação para a cidadania... Alguma necessidade.

P – Sim, especifi... Eu acho que é mais geral, é mais geral, porque nós acabamos por, nas aulas de formação, que é quando trabalhamos mais essa parte, quando havia, mesmo essa disciplina, Formação para a cidadania, nós fomos assim um bocadinho atirados para ali sem nenhuma formação. Depois isso depende um bocadinho do bom senso dos professores, depende um bocadinho das suas vivências que são obviamente diferentes de escola para escola e dos alunos que temos à frente, não é, portanto... E nós acabamos por abordar todos os temas e mais alguns, desde o *bulling*, desde a educação sexual, desde o respeito pelos outros, às vezes questões filosóficas... Pronto, portanto não sei se seria propriamente uma área específica, mas lá está, uma vez que eu aponto para aquelas pequenas formações, que elas fossem o mais abrangentes possíveis. Já tivemos aqui, por exemplo, sobre o *bulling*, sobre... vai haver, ou não sei se houve já, agora no mês de maio, agora no mês de março vai haver um que tem a ver com a segurança na internet, e também é para os pais, etc.. Portanto essas pequenas... Mas e abrangendo essas área todas.

T – De que forma é que a escola poderia contribuir para ultrapassar essas necessidades, se calhar, de que forma é que a professora acha que a escola podia...

P – Fomentando essas formações e vindo pessoas de fora, aaa, falar sobre estes temas, por exemplo, o ano passado houve uma que tinha a ver... Foi com técnicas de proteção de menores, portanto também é uma parte importante nós trabalharmos, portanto, essas pequenas formações que vamos fazendo, não é. Agora, o que é que seria ideal fazer mais? Voltamos a questão do tempo. Era todos termos tempo e disponibilidade Para participar nessas formações.

T – Agora um bocadinho mais ao nível mais geral dentro do corpo docente, qual é que seriam, já agora dentro do grupo de matemática, se calhar, qual seria estas necessidades de formação, quais é que seriam as mais prioritárias desses, desses... Tendo em conta o corpo docente um bocadinho no geral.

P – Sim, em termos do grupo da matemática, bem... Para já, como nós temos muitos professores do quadro, professores que já estão na escola há algum tempo, se calhar, aaa, destes temas todos que falei, aqueles que estão mais relacionados com a área das ciências, se calhar não são tão importantes. Serão importantes para colegas de outros grupos, por isso é que eu acho que deviam abranger todos, mas aaa, por exemplo, a questão do respeito, dos direitos humanos, essa parte, que normalmente é mais trabalhada, e os colegas da área das ciências sociais sabem mais do que nós, não é, aaa... Para nós, se calhar para nós é menos fácil debater um tema desses não é, assim como para eles se calhar não será tão fácil outro tipo de temas que estão mais relacionados com as ciências. Portanto, no nosso caso eu acho que é mais relacionado com essa parte das ciências sociais.

T – Pronto, e a última pergunta de encontro à que fizemos à pouco, de que forma é que a escola poderia contribuir? É trazer se calhar mais...

P – Trazer ou até... e às vezes faz.

T – Ou mesmo entre grupos!

P – Eu acho que a escola faz, pronto. Aaa, mas por exemplo, a parte, essa parte dos direitos humanos, da... Algumas questões filosóficas até às vezes nós debatemos com os miúdos, discutem muito as questões dos direitos e dos deveres, eles só têm direitos, não têm deveres, não vale... Pronto, aaa, os colegas da filosofia, da sociologia, estão muito mais habilitados a abordar isso do que nós, portanto se calhar... E eles desenvolvem por vezes pequenas coisas e trazem às vezes colegas até de outras escola, pronto, portanto, eu acho que a escola já está a fazer, portanto deve continuar e deve-se reforçar.

T – Ok!

M – Ok. Obrigada pela...

T – Muito obrigado!

#### **Entrevista professor 4**

Estagiário - Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando-o acerca do que entende ser “a autonomia dos alunos em contexto educativo”?

Isabel – A autonomia dos alunos em contexto educativo passa por todos eles assumirem um comportamento responsável, inerente aos próprios deveres dos alunos consagrados no regulamento interno da escola.

Estagiário - Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?

Isabel – Considero.

Estagiário - Que estratégias que identifica que existem na Escola Básica e Secundária de Carcavelos para a promoção da autonomia dos alunos?

Isabel – O facto de os alunos transportarem o livro de ponto é uma forma de autonomia, até porque é um documento oficial, que tem de ser preservado e isso tem ocorrido de uma forma perfeita. Os alunos quando estão em aulas de substituição, quando o professor falta e ficam na sala de aula o delegado é responsável por supervisionar as atividades que desempenham e isso é uma forma de autonomia. A minha experiência própria é muito mais do que isso, já tive que me ausentar para estar presente em reuniões, que me pedem para estar a participar em representação da escola e deixo os meus alunos, entregues a si próprios e não tem havido problema, mas é a minha experiência pessoal.

Estagiário - De que forma considera que estas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?

Isabel – Eu acho que estas estratégias todas elas, vão fazendo com que o aluno aos poucos ganhe consciência do papel que têm, e da forma como têm que se movimentar, movimentar obviamente entre aspas, no sentido de terem uma serie de comportamentos, de uma forma autónoma, porque autonomia implica responsabilidade e quando falo autonomia falo muito de responsabilidade. Por isso é uma forma de criar responsabilidades nos alunos e é o que nós pretendemos, fazer com que os alunos quando saírem da escola de carcavelos sejam cidadãos, responsáveis pelos seus atos, porque se não forem responsáveis na escola dificilmente serão responsáveis na sociedade.

Estagiário - Que outras estratégias considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos, ao nível de escola?

Isabel – Para promover a autonomia, à semelhança certamente do que se faz com os livros de ponto, certamente por turma, nomear um grupo de alunos, um ou dois alunos responsáveis por no final da aula verificar se a sala de aula fica arrumada, certamente ... por exemplo, o problema não é muito recorrente, mas ainda é um problema que nós temos, chegarem atrasados, talvez discutir isso com os alunos na formação, e questionar os alunos para eles próprios sugerirem estratégias para colmatarem o problema. Ao nível da interação com os mais pequenos, acho que todas as atividades que envolvam alunos de diferentes níveis etários, que envolvem a heterogeneidade, acho que muitas atividades deveriam ser não homogéneas mas sim heterogéneas no sentido de misturar alunos de diferentes níveis etários e diferentes níveis de ensino, porque os mais pequenos, se os mais velhos forem alunos responsáveis e autónomos aprendem, portanto penso que poderá passar muito por aí algumas dessas estratégias.

Estagiário - Em contexto de sala de aula se a professora utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos?

Isabel – Sim.

Estagiário – Pode nos dar alguns exemplos?

Isabel – O facto de os deixar a trabalhar sozinhos ...

Estagiário – Sim essa já nos tinha dito.

Isabel – O facto de lhes dar orientações para um determinado trabalho e terem que apresentar um produto final, o facto de eu me ausentar e serem responsáveis e ficarem sozinhos, sei lá ... quer dizer, quase que nem consigo ... objetivar porque eu sigo os alunos de 10º e 11º ano, os alunos quando chegam ao 10º ano já vêm com alguma autonomia e eu não ... tenho ... não consigo identificar ... comportamentos nos miúdos, nestes alunos que denotem alguma falta de autonomia, ou seja, evidente que alguns são infantis ainda, mas são alunos, pelo menos as turmas que tenho este ano são muito autónomos do ponto de vista da responsabilidade, de lhes atribuir uma tarefa e cumprirem, dar-lhes tarefas que têm de cumprir o prazo, senão cumprir o prazo paciência não sou tolerante, por exemplo em termos de trabalhos de grupo, se eu mandar um aluno fazer um

trabalho de grupo, de pesquisa, de investigação, eu digo-lhes em janeiro, este trabalho é para estar pronto, por hipótese na semana da ciência e um aluno, só para lhes dar um exemplo, um aluno vai-o me dizer a semana passada eu disse-lhe que no carnaval estou disponível para discutir com vocês e vós orientar, passou o carnaval, e na última aula veio ter comigo e disse-me professora eu queria falar consigo sobre o trabalho ... não é tarde, vais ter as consequências, portanto quando eu lhes dou um trabalho que eu acho que envolve, trabalho entre aspas, que não é uma coisa leve, eu exijo deles autonomia e a autonomia é cumprir prazos, se eu estipulo uma data para discutir o trabalho, tem de ser essa a data para discutir o trabalho, porque se vou flexibilizar muito, quer dizer eles não têm autonomia nenhuma, quer dizer sou que ando com eles ao colo e portanto nesse aspeto acho que é uma forma de eles terem autonomia, inclusivamente às vezes dar-lhes pedaços de conteúdos para eles apresentarem aos colegas de matérias.

Estagiário - Considera que existem outras estratégias que poderia implementar? Se existe uma razão para não as implementar

Isabel – À uma estratégia que pode ser uma forma de autonomia e que eu não utilizo deliberadamente, por exemplo vou com eles a uma visita de estudo, a Lisboa por hipótese, uma forma de autonomia, que seria uma forma de autonomia e há professores que o fazem ... eles irem pelos seus próprios meios, dizerem aos pais irem de comboio, por exemplo, eu deliberadamente não o faço, não o faço porque não quero correr riscos, numa coisa que às vezes pode haver um azar, um miúdo cair, dormir no comboio, acho que isso podia ser uma forma de autonomia os alunos deslocarem-se para percursos relativamente perto da escola, de forma autónoma, sozinhos ... mas para mim podia ser, mas não vou por aí...

Estagiário – Pelos perigos que isso implica?

Isabel – Sim, pelos perigos que pode implicar.

Estagiário – Saindo um poucos das estratégias, considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania?

Isabel – Não, não considero. Não é suficiente, mas cada professor é um adulto responsável que optou por uma profissão e se a escola não oferece, o professor tem obrigação de

procurar e saber onde existe essa informação para se formar e onde adquirir e hoje em dia à tanta coisa ....

Estagiário – E considera que essa oferta formativa seria importante, oferta formativa aqui na escola?

Isabel – Acho, acho que seria importante essa oferta formativa.

Estagiário – Porque razão?

Isabel – Acho, porque há uma grande heterogeneidade nas escolas, as escolas são muito heterogéneas, esta oferta é para professores?

Estagiário – Esta oferta é para professores ...

Isabel – Há uma grande heterogeneidade ao nível da formação, as escolas vão perdendo a pouco e pouco a sua matriz, a sua identidade cultural, a sua cultura de escola, porque hoje em dia aconteceu muito rapidamente nas escolas, um número significativo de professores que saíram e que faziam parte de um caldo entre aspas escolar e vieram muitos professores novos com muitas formações diferentes com muitas vivências diferentes e por vezes não conhecem bem exatamente, não conhecem o projeto educativo da escola, não conhecem também o plano de atividades da escola e estão muitas vezes só de passagem e estão só de passagem e muitas vezes esquecessem se que os valores, hoje em dia, a transmissão de valores, o facto de falar com os alunos e o facto de os alertar para uma serie de coisas, certamente é mais importante que dar um bocadinho de matéria e portanto eu acho que de facto sim.

Estagiário – Do ponto de vista pessoal que necessidades formativas considera ter ao nível da Educação para a cidadania?

Isabel – Eu tenho feito tantas formações, todos os anos faço formações, eu não preciso de créditos para nada e todos os anos faço formação, tenho feito formação em muita coisa, em ... sei lá ... ao nível do contato dos alunos, ao nível do bullying, ao nível do consumo de álcool ao nível do consumo de drogas, todos os anos, sempre ... não é sempre é todos os anos obrigo me a mim mesma, mas quantos mais vierem para mim melhor.

Estagiário – Então não sente assim necessidades?

Isabel – Não ... eu sou professora à 30 anos e nunca mandei um aluno para a rua.

Estagiário – E um nível mais geral, os docentes aqui na escola?

Isabel – Considero e considero que não tenho grandes carências a essa nível mas claro se houvesse uma formação na escola participaria com todo o gosto e de certeza que iria aprender imensas coisas. De certeza que iria aprender imensas coisas e que se calhar iria aprender coisas com outros professores mais novos, que as vezes têm dificuldades de expor as suas ideias e as vezes até podem pensar que poderão não ser bem vistas, uma serie de coisas, que acho que poderia ser uma forma de quebrar gelo, desbloquear uma serie de ...

Estagiário – E acha que o corpo docente tem algumas necessidades formativas acerca de..?

Isabel – Acho, acho e inclusivamente eu coordeno a formação aqui na escola e os diretores de turma pedem me muita formação nessa área, pedem muita formação nessa área, inclusive vou ter uma reunião ao nível da educação para a cidadania e aquilo que é mais pedido, também a gestão de conflitos, mais ao nível dos alunos ... a maior parte das ações de formação solicitadas pelos professores ... eu na quinta-feira vou ter uma reunião com o centro de formação para apresentar esse plano ... passa muito pelo relacionamento interpessoal e essa da educação para a cidadania é daquelas que as pessoas pedem mesmo.

Estagiário – A professora já falou um bocadinho, mas de que forma a escola poderia contribuir para ultrapassar as dificuldades indicadas ao nível dos professores?

Isabel – É assim só há duas formas de a escola ultrapassar essas dificuldades, vocês talvez não saibam mas os centros de formação é algo que está em vias de extinção, os centros de formação neste momento estão sem qualquer apoio financeiro para fazer formação para as escolas, toda a formação que se faz para as escolas é paga, grande parte é paga e à muitos professores com diversos motivos que não preciso elencar aqui, recusam-se a pagar formação, para terem formação, a formação anda a volta dos 50/75 euros, por um ação de 25 horas e não querem. Há outra forma que é fazerem autoformação partilha na escola de boas práticas, de pessoas que possam ter formação numa ou noutra área, nomeadamente nesta área e desmultiplicar essa formação para os colegas, inclusivamente a escola aprovou esse plano em conselho pedagógico e mais considerou que essa forma de formação pode ser utilizada na autoavaliação do professor, resta é a ultima coisa que é quem quer fazer e quando se pergunta quem quer fazer, não é fácil de encontrar, as

peças estão assoberbadas, mergulhadas em papéis, em coisas .... a progressão na carreira não tem ajudado, as pessoas não sentem muitos incentivos e não é assim tão fácil quanto isso, eu não considero que ... eu sei que há professores aqui na escola que têm ... que são formadores, já fiz o levantamento humano, já perguntei quem queria fazer esse tipo de formação, desmultiplicar-se em formação, a vários níveis, não só a educação para a cidadania, mas não é fácil não pensem que é fácil.

Estagiário – Obrigada!

### **Entrevista professor 5**

Mafalda – Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados, gostaríamos de iniciar a entrevista questionando-a acerca do que entende ser a autonomia em contexto educativo?

Professora – Para mim, essencialmente é a facilidade dos alunos terem, aaa, em estudar, em pesquisar, em aplicar os conceitos que adquirem nas aulas a novas situações, aaa... E acho que é isso.

M – Considera que na escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos? Em contexto de escola!

P – Em contexto de escola penso que sim.

M – Consegue dar-nos algumas... alguns exemplos daquilo que a professora percebe?

P – Por exemplo, através dos trabalhos que são pedidos aos alunos, que já vai, vai-lhes permitir abrir algumas expectativas em relação ao futuro, saídas de futuro, por exemplo.

M – E... pronto isso acaba por responder também a esta pergunta. Que outras estratégias, ao nível de escola, considera que poderiam ser implementadas no sentido da formação para a autonomia, aaa, e que não são?

P – Não estou bem assim a ver... Não me lembro.

M – Ok. E então, assim mesmo em contexto de sala de aula, enquanto professora, que estratégias utiliza com vista à promoção da autonomia dos alunos?

P – É mais isso, nós nas áreas das ciências é mais trabalhos de pesquisa, para... elaboração de trabalhos, aaa... Trabalhos de grupo, em que eles também têm que saber lidar uns com

os outros e portanto há sempre uma ajuda de uns em relação aos outros, uns com mais facilidade do que outros e portanto acaba por ser uma auto-ajuda de uns em relação aos outros... é isto.

M – Ok. E considera que existem outras estratégias que poderia implementar e que, por alguma razão, não implementa?

P – Tendo em vista a autonomia?

M – sim!

P – Também no laboratório, porque nós às vezes, o próprio, as próprias aulas práticas requer que haja da parte do aluno uma autonomia para conseguir fazer os próprios trabalhos não é. Nem sempre se consegue fazer tanto porque há falta de materiais, há falta de recursos que muitas vezes era muito mais fácil, pondo os alunos a trabalhar no laboratório autonomamente e eles tentarem descobrir, tentarem chegar a determinadas conclusões sem ser daquela aula teórica, o costume.

M – Ok. Agora falando um bocadinho mais dos professores. Considera que na escola básica e Secundária de caravelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania?

P – Acho que não.

M – E considera que essa oferta seria importante?

P – Acho que sim, acho que sim.

M – Porque...?

P – Porque nos iria permitir ter outras visões sobre formas de promover a autonomia dos alunos.

M – Então e do ponto de vista pessoal, que necessidades formativas sente ao nível da educação para a cidadania?

P – (silêncio). O que é que eu sinto? (risos). Vocês fazem cada pergunta... Como é que é?

M – Do ponto de vista pessoal, que necessidades formativas considera ter ao nível da educação para a cidadania?

P – Às vezes tenho dificuldade em saber lidar é com alguns alunos, aaa, e saber que estratégias é que hei-de usar com alguns alunos que têm muita falta de autonomia, que são muito calados e que são muito introvertidos. Isso aí se calhar é que podia haver formação para a gente ter um... estratégias para lidar com esse tipo de alunos.

M – E esse tipo de formação acha que poderia vir da escola? Acha que... Pronto, de que forma é que a escola, é a pergunta, o seguinte, poderia contribuir para ultrapassar as necessidades?

P – eu acho que sim, eu acho que se calhar há na escola... professores, colegas que seriam capazes de fazer esse tipo de ações.

M – Acha que é esse contributo que poderia vir da escola?

P – Claro.

M – Ok. E ao nível mais geral, ao nível dos docentes gerais, considera que, também eles, têm necessidades ao nível da formação ao nível da educação para a cidadania?

P – Eu acho que todos, todos, todos precisamos e era uma mais valia.

Leandro – E que necessidades consegue realçar dessas? Não tanto geral mas focar mesmo uma necessidade que ache, uma ou outra, que ache mesmo que o corpo docente precisa, ou que revela.

P – De momento...

M – Não consegue objetivar, tudo bem. Vol... Pronto e voltando a perguntar, de que forma é que a escola poderia contribuir para ultrapassar as dificuldades identificadas ao nível dos...

P – É mais ao nível de, de formação.

L – Do corpo docente.

P – Do corpo docente sim, e dos funcionários também.

M – Ok, pronto. É só.

P – Está?

L – Sim, muito obrigado!

### **Entrevista professor 6**

Mafalda – Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados, gostaríamos de iniciar a entrevista questionando-a acerca do que entende ser a autonomia dos alunos em contexto educativo?

Professora – (silêncio). Começando por uma pergunta muito difícil, com uma resposta que com certeza não será, aaa... Científica, mas de qualquer forma, o que é que eu entendo por autonomia dos alunos? Para já aaa, há diferentes tipos de autonomia, considerando as diferentes faixas etárias. Mas falado ao nível de um secundário considero que a autonomia dos alunos em contexto pedagógico é um aluno realmente ter responsabilidade pelas tarefas que tem que executar dentro e fora de aula ou até... Isto não significa que se necessitar de ajuda deverá obviamente pedir esse apoio ao professor ou aos professores. Aaaa, autonomia no sentido de o aluno ser capaz de compreender um problema e tentar pesquisar solução para a resolução do mesmo. É nesse sentido. Autonomia é também aaa, iniciativa de poder orientar-se pelos seus próprios métodos. Nem todos os alunos trabalham da mesma maneira e podem chegar a resultados positivos de diferentes formas. Portanto...

M – Considera que na escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?

P – Se são implementadas? Julgo que sim. Isto em termos muito abstratos. Mas por outro lado, eu acho que existem outras práticas, digamos assim, na escola que, de alguma forma, podem inviabilizar ou condicionar essa mesma autonomia, eu dou um exemplo, aaaa, quando nós prometemos aos alunos guiões de estudo, aaa, de orientação de estudo, de certa forma estamos a preparar, a fazer uma preparação de um trabalho que poderia ser feito por um aluno. Por outro lado, nem todos os alunos conseguem fazer essas, essas... gradativamente essas passagens e portanto sentem-se um pouco perdidos e de facto em termos de métodos de estudo. Mas a escola sim, a escola promove, promove... eu penso que sim.

M – E consegue-nos dar algum... dar alguns exemplos dessas estratégias que identifica de promoção da autonomia dos alunos?

P – Por exemplo, posso-vos dar exemplos em termos da, de uma disciplina que eu dou que +e teatro, em que eles têm bastante autonomia para se organizar em trabalhos de expressão dramática, em que escolhem os adereços e muitas vezes com quem querem trabalhar. Obviamente que quando as coisas não resultam eu tenho de intervir. Mas eles gozam de um grande espaço de autonomia e de interação de pares.

M – E assim mais ao nível da escola?

P – autonomia, por exemplo, de... O facto de termos uma associação de estudantes é extremamente positivo e é imprescindível para a vida de uma escola. Emprega novas dinâmicas de grupo, aaa, e está, digamos assim, atenta às necessidades não curriculares, mais não curriculares dos alunos. Uma delas é já conhecida vossa, é o facto da nossa escola não ter toques e portanto os alunos já percebe quando é que têm que estar presentes e quando têm que sair.

M – E de que forma é que considera que essas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?

P – Mais uma vez desembocam na responsabilização. Acho que eles, quando os alunos percebem que realizar determinado evento dá trabalho, mas também prazer e os resultados são benéficos. E isso é uma forma de cativar, de motivar para novos investimentos, novos desafios.

Leandro – E que outras estratégias poderiam ser implementadas ao nível da escola? Para promover a autonomia.

P - Não sei se as assembleias de alunos, aaa... Não só no início do ano, mas com maior periodicidade. Aaaa, acho que, por exemplo, acho que faz falta um jornal! Um jornal ou uma rádio, acho que os alunos poderia estar com... Ter uma participação mais ativa, mais próxima da comunidade educativa.

M – E em contexto de sala de aula? A professora já nos falou da estratégia do teatro... Utiliza estratégias?

P – Sim! Trabalhos de grupo, ou alguns temas que possam ser discutidos em história. Nem sempre, mas podem alguns. Podem ser discutidos sobretudo quando estamos a compa... aaa, a tentar falar de temas com abordagens numa perspetiva de passado, presente, futuro. Partimos sempre de um conceito contemporâneo ou partindo de uma realidade próxima do quotidiano do alunos, de uma vivência para chegar a um conceito mais abstrato ou mais difícil, a maior parte vai ser dado.

M – E de que forma essas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?

P – Sim, eu penso que sim porque faz com que os alunos exercitem uma análise crítica e portanto que, de certa forma, possam também aaa, chegar a conclusões, sem que essas conclusões sejam primeiro dadas pelo professor. Depois podem ser complementadas obviamente e corrigidas.

M – Considera que existem outras estratégias que poderia implementar, mas que não implementa por alguma limitação?

P – O tempo, por exemplo, limita muitas vezes é que, por exemplo, aaa, possamos fazer discussões mais alargadas, através do visionamento de documentários e de filmes, que mesmo romanceados têm acontecimentos históricos importantes e por vezes a falta de tempo, aaa, o cumprimento do programa e também considerando que nem todos os alunos aderem a essa mesma estratégia. Há alunos que precisam ,ainda, de quase *voz-off* do professor para poderem perseguir o seu... a sua análise.

M – Veja lá se podemos continuar ou se...

P – Mais um minuto ou dois...

M – Temos quatro perguntinhas. Então pronto. Considera que, mudando o pouco o registo, considera que Na escola Básica e Secundária de carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania? Dos valores...

P – Formativa, formativa... Eu não sei se me estou a esquecer, mas assim de momento, formativa ao nível da cidadania, aaa, não estou, não estou assim a ver nestes últimos anos... Tem havido sim, oferta formativa, mas muito mais ligado a questões de indisciplina, gestão, cursos, aaa, quando digo... o nome não me está a ocorrer.

Leandro – E considera que seria importante?

P – sim, considero. Considero que é sempre importante, no entanto...

L – E porquê?

P – No entanto tem havido sempre ações que estão muitas vezes ligadas a eventos históricos, como por exemplo a celebração do 25 de abril que normalmente são aproveitados, e bem aproveitados para se promover esses, esses direitos e deveres da cidadania. Também ao nível das ciências, o clube de saúde de alguma forma dá alguma formação. Mas formação para nós professores, não.

M – Porque seriam importante essa oferta formativa? Porque é que acha que seria importante?

P – Porque eu acho que uma escola antes de, de, de... antes de mais tem de obviamente formar ou ajudar a formar cidadãos. A educação, obviamente a educação não formal vem de casa, os alunos passam por uma triagem na escola, desde o início do infantário até á universidade. Essa triagem vai afunilando mas há valores que vão sendo incutidos e têm de ser aprimorados e têm que ser ventilados e aperfeiçoados. Aaaa, e de qualquer forma são as vivências não é, do quotidiano que nos ajudam a dar resposta e perceber se realmente esses, esses, essas ferramentas estão interiorizadas ou não.

M – E do ponto de vista pessoal, que necessidades formativas considera ter ao nível da educação para a cidadania?

P – (silêncio). É difícil, Se pensarmos que a cidadania está incutida em todas as formações, obviamente que sim. Estou a fazer uma formação neste momento de expressão dramática/teatro, no teatro experimental de cascais. Aaa, mas especificamente não.

M – Ok. Então e a um nível mais geral, de todos os docentes aqui na escola, se considera existir necessidades de formação ao nível da educação para a cidadania?

P – Se considero que deve haver?

M – Se considera que os docentes têm necessidades desta informação? Desta formação ao nível da cidadania.

L – Formação!

P – Docentes e não docentes. Eu, eu , eu... Vocês falam muito nos docentes, mas eu queria dizer uma coisa, a comunidade educativa não é só formada pela docentes e os alunos!

M – Claro.

P – E têm-se desinvestido muito na formação não docente. Ou seja, desinvestido no ministério, não é. Veja-se o caso da escola, que nós funcionamos de facto, às mil maravilhas aaa, se pensarmos que trabalhamos com um *rácio* muito inferior àquele que deveria ser em termos de funcionários, auxiliares de ação educativa.

M – Podemos só fazer a última pergunta? É rápida!

P – sim! Os meus alunos vão-me matar! (risos)

M – Ao nível das necessidades dos docentes, mesmo da comunidade docente só, de que forma a escola, básica e secundária de caravelos poderia contribuir para ultrapassar essas necessidades, essas dificuldades.

P – Aaaa, investir mais na... e relativamente... levar à discussão também. Aos grupos e departamentos, essa... sentir essa pul... essa necessidade. Avaliarmos de facto se essa necessidade e uma necessidade generalizada ou se é sectária.

M e L – Ok, muito obrigado!

### **Transcrição da Entrevista do professor 7**

Mafalda – Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados, gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando acerca do que entende para si ser a autonomia dos alunos em contexto Educativo?

JPA – Bom, aaaa...A autonomia dos alunos em contexto educativo? No sentido mais abrangente, não especificamente aqui na escola, é isso que estão a perguntar, não é?

M e L – Sim, sim.

JPA – Eu acabo por cruzar, acabo por cruzar muito, as duas ideias, as duas perspetivas. É um dos objetivos de qualquer sistema educativo, cá em Portugal sem dúvida é um dos mais importantes e aqui na escola também se trabalha imenso, imenso nesse sentido. É realmente dotar os alunos com ferramentas, capacita-los para se inserirem de uma forma,

de uma forma proactiva na sociedade, pronto, e conseguirem gerir o seu percurso de vida. Para isso a escola é fundamental porque possibilitará sempre um conjunto de instrumentos que são uteis pela vida fora. Ou seja, é esse o sentido muito, muito lato.

M – Certo. E considera que na escola básica e secundária de carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia, para os alunos?

JPA – Eu acho que são implementadas algumas estratégias, bem, agora neste momento estar a falar da escola é um bocado complicado porque ela está aí na, debaixo da atenção de tudo e de todos, não é? Mas acho que sim, há uma serie de, de medidas que são tomadas aqui na escola e que fogem um bocado ao que é o dia-a-dia das outras escolas, do que é normal, não é. A maior parte das escolas.

M – Consegue identificar quais são essas estratégias?

JPA – Sim. Por exemplo, alguns exemplos práticos. A questão é simples, a questão de não haver toques, por exemplo, acaba por conceder aos alunos o dever, o cumprimento do dever da pontualidade, não é, e eles habituarem-se a cumprir esse dever que é um dos pilares do funcionamento de qualquer organização social. É ótimo. Por exemplo, a questão também do, serem os responsáveis pelas turmas a gerir dia a dia o livro de ponto também. Que era uma medida que quando foi falada originou uma grande discussão aqui na escola, os alunos perder, os alunos estragar, eles vão riscar, vão retirar faltas e de uma forma assim um bocado absurda e também, pelo menos com as turmas com quem eu trabalho, é uma medida que é diferente das outras escolas que eu conheço e que tem funcionado bem e os alunos acabam por se apropriar do livro e levar aquela a peito e cumprir, porque também não é habito e dá-lhes responsabilidades acrescidas e é muito importante para o desenvolvimento da autonomia. Por exemplo essas são duas que eu me lembro logo assim à partida.

L – E acha que poderiam ser implementadas outras? No âmbito da escola, nesta escola, podiam ser implementadas outras?

JPA – Podem. Podem ser sempre, não é, podem ser sempre implementadas mais medidas, sempre.

L – No sentido de, d ganho de autonomia.

JPA – Do ganho de autonomia eu acho que sim. Eu acho que podem ser várias. Pronto, embora aqui já se tenha dado uma serie de passos muito à frente do que é habitual. Até, agora lembrei-me, até na própria questão da avaliação, da avaliação ser uma avaliação muito globalizante e sistemática, e os alunos não serem apenas avaliados pela média dos testes como é habito noutros, na maior parte das escolas. E todos os instrumentos de avaliação terem o mesmo peso, etc, tudo isso os responsabiliza, não é, e deverá, deverá, não é, teoricamente, contribuir para o desenvolvimento dessa autonomia, portanto. Já demos muitos passos, agora são pequenos ajustes que se podem ir fazendo.

M – Ok. E em contexto mais de sala de aula, o professor utiliza estratégias com vista a promoção da autonomia dos alunos?

JPA – Isto, isto varia, quer dizer, fugindo um bocado à questão. As aulas e isso é um dos aspetos que me atrai, agora fugindo um bocado à vossa pergunta, ou não, não sei. Um dos aspetos que mais me atraiu desde sempre aqui na profissão docente, já lá vão quase 30 anos, foi eu próprio sentir autonomia na gestão do meu dia-a-dia e da minha profissão, pronto. E, e essa, essa sensação de ser autónomo e puder gerir as aulas em função das especificidades da turma que temos à nossa frente, acaba por nos levar a perceber que...bem, as aulas se nós formos sinceros, as aulas e os alunos, a maior parte das vezes por mais que nós as preparemos, há n situações que são imprevisíveis e que nós temos que resolver no momento, e pronto, e sem duvida que eu tento sempre promover nos alunos essa, essa, o desenvolvimento desse sentido, não é, serem autónomos é fundamental, pronto, não é fácil, digo-vos já que não é fácil, nem há receitas, era ai que eu queria chegar. Mas eu acho que todos nós, não só eu, mas todos os meus colegas usamos mil e uma estratégias e tentamos e tentamos dar.

L – E consegue enumerar algumas?

JPA – Por exemplo, assim coisas mais básicas, o estabelecimento de trabalhos em parcerias, por exemplo, em sala de aula. Uso muito os alunos, caso muito os alunos, um aluno melhor com um com mais dificuldades para que aquele que tem mais aptidão para a Geografia consiga ajudar e dar a volta ao colega que tem, tem mais problemas, por exemplo. Junto-os muito e faço muito trabalho de pares nesse sentido, por exemplo, portanto, é um, para mim é uma boa estratégia e tem resultado. Portanto, a questão da participação das minhas turmas também, aaaa, a participação em sala de aula é muito importante e eles participam muito, mas é sempre uma participação, e eles aprendem logo

no início, é uma participação, tem que ser ordeira, pronto, e eles, eles habituam-se realmente a participar um de cada vez e a respeitar os tempos de espera para os outros colegas participarem, ou respeitar o professor quando está a falar e não há intervenções paralelas e desajustadas e habituam-se a isso desde cedo e as aulas funcionam muito bem e acabam eles próprios por saber gerir isso. No fundo, como professor e como diretor de turma nós tentamos, tentamos ao máximo trabalhar as turmas de modo, que é o ideal não é, que elas acabem por funcionar em regime de auto gestão, não é. E aí é chegar à autonomia no sentido pleno, já tive uma ou duas direções de turma ao longo destes quase 30 anos de serviço, em que o esquema estava tão bem montado e eles conheciam-me tão bem e eu conhecia tão bem os alunos que praticamente eu não tinha que intervir, eram eles que organizavam e geriam todo o processo, pronto, lá estava a tal autonomia e era, tudo era feito de forma clara e evidente e muito interessante em termos comportamentais. Isso era o ideal, era chegar lá, consegue-se com algumas turmas, após muito trabalho conjunto, mas com outras é muito mais difícil como é óbvio, não é, e já se sabe, à partida quanto mais novinhos forem os alunos, maior será a dificuldade em instalar este, este regime de autonomia e gerir todo o processo, no secundário o processo está um pouco mais facilitado, teoricamente, depende das turmas.

M – Considera que existem outras estratégias que poderia implementar?

JPA – Sim, tal e qual como na escola, há sempre outras estratégias e nós vamos sempre aprendendo e ainda aqui há um mês atrás, mês e meio fui a uma ação de formação com colegas de variadíssimas escolas e ouvi lá várias estratégias seguidas por colegas noutros estabelecimentos de ensino e que achei bastante interessantes e que nunca me tinham ocorrido. Portanto, uma pessoa vai aprendendo sempre ao longo da vida e nem pode por de lado essa perspetiva, isso há sempre hipóteses de melhorar e de aprender estratégias novas e aprender a usar.

M – E existindo essas outras estratégias, porque razão não as implementa? Existe alguma dificuldade, se tem alguma dificuldade.

JPA – Não, não, à partida não, ou porque as vezes não ocorrem ou porque eu felizmente não tenho, sou um bocado privilegiado nesse aspeto, deixa-me cá como eu devo fazer o enquadramento da questão. Eu vou no meu 28º ano de serviço e eu fui aluno desta escola e praticamente sempre trabalhei aqui, vivo aqui ao lado, ou seja, isto é a minha casa, no fundo, portanto eu estou perfeitamente situado e sei como me mexer aqui dentro e sei o

que devo fazer e conheço muito bem os alunos e os colegas e tudo, os funcionários e por ai fora, portanto é relativamente fácil controlar as situações e prevenir determinados eventos mais complicados dentro da sala de aula. E as aulas e o dia-a-dia aqui dentro correm bem, por isso se calhar nunca me senti na necessidade de ir muito mais além, estão a perceber? É uma questão, sinto-me bem aqui dentro e sinto-me seguro, sinto-me à vontade e isso os alunos percebem logo, não é. E é, pronto, os alunos conhecem tão bem os adultos que tem à sua frente que eles veem logo como é que vão agir e percebem se o professor está à vontade não só no domínio dos conteúdos científicos, mas muito em termos comportamentais, isso contribui imenso para dar a aula num clima mais saudável, mais propício às aprendizagens em que há tempo para tudo, e portanto, nunca houve, assim se calhar, muita necessidade em ir muito além daquilo que se vai fazendo, porque os resultados têm sido bons.

M – Ok.

L – E acha que existe oferta formativa para os professores, neste âmbito da educação para a cidadania, para a autonomia dos alunos?

JPA – Eu penso que já tenha havido mais, há alguns anos atrás. Presentemente, por aquilo que tenho visto e tenho feito dentro desse campo, especificamente, não tenho, pelo menos aqui no concelho de Cascais e no centro de formação respetivo, não tenho visto assim, ou eu estou, ou passa-me um bocado ao lado, ou não tenho visto assim nenhuma formação que me, que me conduza nesse sentido e que seja assim especialmente atrativa.

L – E considera que era importante?

JPA – É, é sempre importante, eu acho que sim.

L – E porquê?

JPA – Por um lado para abrir, para abrir novas perspetivas e novos caminhos, não é, novas estratégias como vocês disseram. E segundo porque esse tipo de formação permite sempre a partilha de experiências e a troca de experiências com outros colegas, situados noutros contextos e é sempre enriquecedor para todos nós no fundo.

M – Ok. Do ponto de vista pessoal, que necessidades formativas considera ter ao nível da educação para a cidadania?

JPA – Neste momento não é um campo específico de formação que me preocupe muito, haverá outros e nós todos os anos somos, é nos pedido no final do ano que retratemos as necessidades de formação dos diferentes grupos disciplinares e esse não terá sido o mais focado nos últimos anos, por acaso temos apontado mais outro tipo de, de, preocupações, no âmbito do domínio de algumas ferramentas de informática, na gestão das novas metas curriculares, na, até, um que foi muito apontado o ano passado e foi pedido, por acaso não se concretizou, tinha a ver com a aplicação de primeiros socorros.

M – Então essas necessidades são mais a nível geral, do corpo docente no seu geral. Então, pronto, então assim mais a esse nível considera que existem essas necessidades? Considera que é importante resolve-las. De que forma então é que a EBSC poderia contribuir para ultrapassar essas dificuldades?

JPA – Era, para mim era fundamental ir implementando formação nesse sentido, formação, eu sei que há muitos agrupamentos que vão conseguindo fazer isso, pronto, conseguem formação, até maior parte das vezes gratuita e tudo, portanto, pequenas oficinas as vezes de algumas horas são importantes, não é preciso que seja creditada, nada disso, mas pelo menos para nos levar a pensar em nos por a mexer no assunto, como vocês dizem, para não ficar esquecido. Há uns anos atrás, quando apareceu a, não é bem uma disciplina, a formação cívica, e constava do currículo dos alunos todos, pelo menos até ao 9º ano, aí havia uma série de formações, uma série de manuais que foram publicados por vários colegas, etc, havia muita coisa. Depois isso foi sendo eliminado e concentraram-se as diferentes equipas do ministério foram concentrando as horas nouro tipo de disciplinas, foram subtraindo área de projeto, formação cívica, estudo acompanhado e por aí fora, e concentrando a carga horária mais nas disciplinas nucleares, digamos assim, e esse campo morreu um bocadinho, digamos assim, mas pronto aqui na escola como vocês sabem há Formação, pronto, há um tempo de 45min no horário das turmas, do diretor de turma, até ao 10º se não estou em erro, tenho uma direção de turma do 10º e também temos. E portanto, quase semanalmente nós vamos gerindo muitos desses assuntos com a nossa, pelo menos com a nossa direção de turma, enquanto diretor de turma, não é? Não é um assunto que esteja esquecido, vai-se fazendo, mas também acho que, por um lado a escola deveria para os professores. Acho também que muitos dos assuntos que estão na formação, agora isto aqui é um pequeno desabafo, a parte da sexualidade, da educação para a saúde, por aí fora, todo aquele, para os alunos acabam por ser um bocado repetitivos e eles acabam por ficar cansados, são sempre as mesmas

atividades, e principalmente os alunos mais velhos, os meus são do secundário, muitas daquelas atividades começam já a ser, eu próprio, a por assim de lado, porque ou são demasiado infantis ou já fizeram aquilo muitas vezes ao longo, ao longo do seu percurso escolar e como tal depois já não agarram tão bem naquele tipo de atividades. Mas acho que a escola deveria implementar e realmente com pessoas vindas de fora, mostrando, partilhando outras experiências, pode ser que sim, pode ser que se abrissem novos caminhos e se criassem novas estratégias e se tratassem novos temas, para, e que depois nós aplicássemos no contexto de sala de aula. Acho que sim, porque não.

L e M – Obrigada.

JPA – Está tudo? Cumprimos o tempo?

### **Entrevista professor 8**

P – Eu tenho faltado, vindo e faltado ... e à medida que ... desde há 7 anos, à medida que entro na escola os meninos estão cada vez piores. Pronto, se me perguntares no atual é uma coisa, se me perguntares no passado é outra, tinham uma autonomia muito maior.

Estagiário – Bem é um bocadinho de encontro a isso, que a gente queria saber e relacionado com a 1ª pergunta.

P – Portanto se quiseres o atual ....

Estagiário – Nós já vamos perguntar relativamente à atualidade. A 1º pergunta é uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados gostaríamos de saber o que entendes ser “a autonomia dos alunos em contexto educativo” na tua opinião?

P – É pá é ..., passa por os meninos saberem o que estão a fazer terem objetivos, cumprirem as regras e os funcionamentos em função dos objetivos que pretendem, passa por ai. Se são capazes de o fazer ou se têm de ser ajudados.

Estagiário - Consideras que aqui na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos, mais ao nível da Escola?

P – Pontualmente, pontualmente sim.

Estagiário – Se sim, quais são essas estratégias aqui na Escola?

P – À a realidade e à o politicamente correto...

Estagiário – É a tua percepção...

P – A minha percepção é não.

Estagiário – A percepção é não. Então qual consideras serem as razões dessa inexistência dessas estratégias, qual a razão?

P – Ao nível de escola, falta de comunicação, falta de informação, falta de colaboração/coordenação entre os professores, falta de solidariedade, falta de tempo, super trabalho desnecessário, burocracia a mais.

Estagiário – Então que estratégias consideras que poderiam ser implementadas na escola no sentido da promoção da autonomia dos alunos?

P – Tinha de mudar muita coisa, a atitude dos professores, a atitude da direção, aumentar a imagem que o professor tem perante os alunos, que isso é um problema social, não é de escola. Relativamente à escola, teria que haver mais solidariedade e colaboração, mais trabalho de grupo, coisa que não existe, existe cada um a olhar para o seu umbigo e às vezes quando há problemas não é apoiado, isso queria um cumprir uma fração no grupo tás a ver, que na educação não pode haver. Já não sei qual era a pergunta ...

Estagiário – As estratégias que poderiam ser implementadas, alguns exemplos.

P – Era isto não acontecer, e para isto não acontecer, era necessário mudar muita coisa, por exemplo a vossa formação, os novos professores e nem sei bem, se vem ao caso, nem sei bem...

Estagiário – E mais contexto de sala de aula, de uma forma mais autónoma pelos professores, se a P utiliza estratégias com vista a promover autonomia nos seus alunos?

P – Sempre.

Estagiário – Pode nos dar alguns exemplos.

P – Olha ainda hoje, foi para o sarau não dei aula e disse-lhes e vocês têm de se organizar disse-lhes têm de fazer isto, isto e isto, agora quero ver e cumpriram. E eles deram o

aquecimento, foram buscar o material, controlaram o material, dei-lhes apenas indicações do que queria que fizessem e eles cumpriram.

Estagiário – Mas isto foi hoje, eles estão habituados?

P – Sempre, eles fizeram, eu faço comando.

Estagiário - De que forma considera que essas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos, de que forma estes pequenos exemplos podem contribuir?

P – De que forma contribui, na tomada de consciência dos objetivos, no empenhamento que têm de ter para conseguirem os objetivos. Se os objetivos passarem por autonomia em grupo, por exemplo, eu estou em grupo mas sou autónomo, não preciso da indicação de um polícia para me portar bem. Sabes que a nossa disciplina é muito importante para isso.

Estagiário - Considera que existem outras estratégias que poderia implementar? Se sim, por que razão não as implementa? Por razões temporais, espaciais, materiais?

P – Eu tenho duas realidades a via dos profissionais e a via do ensino e a via do ensino é completamente diferente e a atuação é muito diferente. E temos de nos adaptar ao contexto que temos, ao grupo que tens, à turmas excecionais que tu identificas e não precisas de muito. A meu ver as turmas excecionais deviam estar direcionadas aos professores excecionais, não .... as turmas excecionais deviam estar direcionadas para os professores .... e as turmas complicadas aos professores excecionais e não isso que acontece. Isto para dizer que geralmente os professores com mais experiência têm as turmas excecionais, isso qualquer um é bom professor. Quando tens uma turma de 12ºano que é autónoma e dizes vou ali já venho, vocês têm de cumprir isto, isto e isto, isto em qualquer disciplina não é só na nossa, isto, isto e isto, as turmas excecionais fazem. Como diria alguém, na faculdade nos meus tempos, dizia ... não sei se foi o “Monge da Silva”, quem foi, o professor é excelente quando deixa de ser preciso, é o objetivo do professor, portanto o objetivo é esse. Portanto depende das turmas, nos profissionais tenho que ser polícia constantemente ... Estratégias, estou constantemente a tentar arranjar visitas de estudo para os motivar, responsabilidades várias pequenas, vai aumentando de dificuldade e de responsabilidade, isto nos profissionais que tenho mais liberdade nas matérias, tás a ver... quando tu estás mais agarrado às matérias isso é mais complicado.

Estagiário – O que poderia ser feito que ainda não é feito ainda, que estratégias poderiam ser implementadas?

P – Mas ao nível do ensino, ao nível da sala de aula?

Estagiário – Ao nível da sala de aula, desde que seja em contexto de sala de aula.

P – Não sei ... não estou a ver ...

Estagiário – Porque razão não se implementa, porque não tens espaço, porque não tens tempo?

P – Por causa dos programas, os programas limitam muito. Já vos disse. O que eu acho é inconcebível, mas ... essas questões estão na base de isto tudo mas não vão por aí...

Estagiário – Relacionado com outra temática, considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania?

P – Sim...

Estagiário – Pode nos dar alguns exemplos?

P – De vez em quando fazem umas sessões, não sei se este ano fazem, mas em anos anteriores faziam, regularmente todas as quartas-feiras na biblioteca para os professores, em que os professores mais velhos e mais experientes, pessoas interessantíssimas partilhavam os seus trabalhos académicos, faziam palestras e debates.

Estagiários – Mas sobre cidadania?

P – Sobre cidadania, sobre os valores, sobre a ética profissional e não só. Agora não sei se há, porque os professores estão sobrecarregados, trabalhos, burocracia ...

Estagiários - Que necessidades formativas sente ao nível da Educação para a cidadania, algo que pudesse ser importante para a formação da P, que achasse que fosse importante?

P – Estar atento à vida, estar atento às mudanças ...

Estagiário – Sentes que não consegues estar a par disso?

P – Sinto que consigo.

Estagiário – O que precisavas, que necessidades formativas ao nível da Educação para a cidadania, um tema que fizesse falta, achas que não tens?

P – Não muitos temas que me fazem falta, mas não são da minha esfera ... como diretora de turma, como coordenadora de grupo ... aquilo que eu sinto é que há áreas que nós não dominamos, nem temos que dominar, queremos resolver os problemas ... olha eu tenho uma agora na minha direção de turma, o menino bate na namorada, tem que ter apoio da escola, tem que ter apoio dos colegas, tem que ter ... e apoio da comunidade escolar, e eu não tenho nada disto. Percebes portanto, é preciso estar desperto e querer resolver o problema, à pessoas que fecham os olhos, normalmente formação, formação em psicológica, formação em lidar com problemas de violência dos namoros, gravidezes indesejadas, como já tive noutras escolas. Não é a minha esfera, por isso vou buscar à comunidade escolar.

Estagiário – Indo ao encontro disso, como é que a escola ...

P – Olha por exemplo o Projeto Vidas, que estou a tentar implementar, tem a ver com isso, que a comunidade venha à escola, de diversas áreas, falar das escolhas, para o “never give up”.

Estagiário – Não só os alunos, mas os professores?

P – Acho que os professores também precisam, digo eu, porque os professores às vezes também estão ... vocês vêm muitas vezes ... aqui nos intervalos ... bem enfim, se tu tiveres atento, vês miúdos muitas vezes a baterem-se, muitas vezes a empurrarem-se ... deves intervir ou não, há quem intervenha e depois se sujeite a criar confusões, há quem não intervenha e ignore ... como podemos resolver isso ... a nível micro ... a escola tem de dar mais apoio aos professores, porque os professores querem estar disponíveis para resolver os problemas ...

Estagiário – Então em relação à formação ....

P – Eu pessoalmente agora, .... não sinto necessidade, porque quem já é professor, mãe, pai e já tem anos de experiência e que goste da profissão, já faz parte da educação, percebes ... os novos se calhar ... .

Estagiário – Pegando agora um pouco nisto, a um nível mais geral ... se achas que o corpo docente aqui da escola precisa dessa formação, nesta temática ...

P – Eu não tenho muita noção do corpo da escola ...

Estagiário – Por exemplo, pode ser propriamente no grupo de Educação Física ...

P – Liberdade de expressão ...

Estagiário – Mas a um nível mais geral não tens noção, não sentes nenhuma ...

P – As pessoas têm de estar bem com elas próprias, para poder estar bem com os alunos, não formação que resulte, enquanto isso não se resolver ... isto digo-te ao fim de anos de experiência ... é como eu digo aos meus alunos ... não faz isso e eles desculpe, desculpe, desculpe ... não podes fazer por isto e isto e isto e isto, está bem ... está bem eu vou melhorar aqui .... porque estás me a dizer isso para me calares, enquanto não integrares nele próprio, aquilo que tem de ser feito, portanto a formação ... se tu no meio de 100 alunos agarrares 10, neste sentido ... estás feliz, no sentido da mudança, eu tenho alunos que mudei, tenho a noção perfeita que mudei, que foram para Educação Física por causa de mim, mas isto no meio de muitos é bom, ... mas eu acho que esse é o objetivo, é preciso sermos para mudarmos todos, tem de haver empatia e não sei se só com a formação dava ... pode ajudar.

Estagiário – E como é que a escola pode ajudar a ultrapassar essas dificuldades?

P – Pode, solidarizando-se ... abrindo mais espaços de diálogo sem questões ... eu acho que a reunião de ontem onde vocês tiveram ... isso não se admite, quando isso acontece entre colegas e isto é um exemplo, entre colegas quando isto existe é grave, quando chega a este ponto, a falta de respeito pela opinião do outro, é grave, o que é que tu podes fazer ... tu tens uma opinião da qual não abdicas ... eu costumo dizer é a luta de egos, é tenho uma opinião que ... eu percebo, eu percebo que nós professores temos sempre de aprender ... e é nesta forma de estar que eu me revejo na vida e na escola, quando isso não acontece ... nós próprios nos interiorizamos ... porquê que andamos cá .... o projeto educativo, o perfil do professor, tudo isso está decidido ... o falar, a cidadania, essas atitudes, pode ... porquê, não sei, é o destino, e nós ou lutamos contra isto e às vezes estamos isolados, mas pronto .... enquanto nós formos autênticos, podemos ao menos transmitir isso aos alunos, eu vou vos dar um exemplo, esta turma que tenho agora inicialmente entrei muito mal com eles e eles comigo, e enquanto eles não me conhecerem e eu a eles, não dá, quando a gente se conhecer e souberem como eu sou, corre tudo lindamente, mas é preciso estarmos bem, respeitarmo-nos ... portanto ao nível dos colegas, talvez ... nós ao nível

do desporto vemos tanto isso ... na competição vêm às vezes outros colegas, que estão em competição com a equipa, pior, a serem piores propriamente do que os alunos. A gente está em grupo, está tudo aos berros e falar uns com os outros, como é que tu podes ser bom professor assim ... trabalhas só para as aparências e isso não faço ... desculpem lá isto ...

Estagiário – Não, não, obrigada.

### **Transcrição da Entrevista do professor 9**

Tiago – A primeira pergunta seria. Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados, gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando acerca do que entende ser a autonomia dos alunos em contexto Educativo? O que é que entende por autonomia em contexto de escola.

AD – Em contexto de escola ou no contexto da nossa escola?

L – Contexto educativo.

AD – No contexto educativo. Bom, vamos ver... É suposto os alunos desenvolverem a sua autonomia até ao fim do ciclo escolar. E eu estou a compreender isso até, neste momento, até ao fim do 12º ano. Pronto. Aliás, os perfis dos alunos também estão feitos nesse sentido, não é, eles estão numa idade de crescimento, de desenvolvimento e por isso eles vão desenvolvendo a sua autonomia ao longo do seu percurso escolar. Por isso a escola deve preparar-se para essa situação.

L – Mas o que é para si essa autonomia?

AD – Essa autonomia pode ser mostrada, é isso que querem que eu responda?

L – O que é que para si é essa autonomia?

AD – Essa autonomia, por exemplo, na escola pode ser entendida, vou dar dois exemplos. Um à forma como é pedida, que os alunos, que os nossos alunos desenvolvam a sua autonomia dentro do espaço das aulas de substituições, por exemplo. Não é, e vocês sabem que na nossa escola um dos objetivos principais das aulas de substituição é exatamente, os alunos terem a capacidade de gerir aquele tempo. Nesse sentido, nesse

sentido é suposto que eles ao longo, com a experiência que vão adquirindo, desenvolvam uma autonomia individual e coletiva, na forma de estar naquele espaço educativo. Pronto, esta experiência acontece na escola já há alguns anos, eu por acaso sou coordenador das substituições e entendo que tem havido uma melhoria em relação a isso. Por outro lado, tenho a experiência por exemplo da turma de 11º ano de expressão artística. E sou professor de desenho e de projeto, duas disciplinas que são teórico-práticas e que eu penso que os alunos devem estar na aula de uma determinada forma, de uma determinada maneira de estar. São alunos que têm entre 16 e 20 anos e por isso já adquiriram alguma autonomia individual, alguma forma de estar. Quer dizer, mas as coisas não estão resolvidas, não quer dizer que eu não lhes dê uma determinada liberdade e que eles consigam entendê-la como eu desejaria, alguns não entendem e por isso podem haver até algumas situações que eu poderei não esperar. Mas, por isso, eu sou um coordenador do trabalho e espero que eles depois dos trabalhos lançados e dos trabalhos que eu vou coordenando, individualmente e coletivamente, por exemplo ao nível dos trabalhos de grupo, eles consigam ter a sua autonomia ao nível do desenvolvimento desses trabalhos. Ou seja, entendo que não devia ser necessário nessa idade o professor estar constantemente a dizer, vocês não se esqueçam quem têm isto, isto e isto, as tarefas são para fazer. Por isso, as tarefas são combinadas, há uma calendarização e a partir daí eles devem ter a capacidade, a autonomia para desenvolver o seu trabalho dentro daquele período determinado. Se assim for, se isso for possível em todas as turmas, nós podíamos ter, por exemplo, uma escola, eu não vou utilizar bem o termo, uma escola mais aberta. Ou seja, em que o professor é um facilitador da aprendizagem e um orientador, mas não um polícia em termos clássicos, não é, em termos tradicionais, uma sala fechada com o professor à secretária, com 30 alunos à frente. Eu entendo e desejo que o ensino não deve ser isso.

L – Certo. Então e na nossa escola, já falou de uma das estratégias que é as aulas de substituição serem da responsabilidade dos delegados de turma. Que outras estratégias considera que são implementadas na escola para a promoção dessa autonomia?

AD – O transporte do livro de ponto pelos alunos, por exemplo, não é.

L – Apenas essa?

AD – Apenas essa. Estou a tentar lembrar-me de mais, ou de outras possíveis. Vamos ver, no que diz respeito às aulas, é essa estratégia das aulas de substituição, há muitas

atividades que podem passar por ai. Não é, e nós realmente não falamos delas, mas há muitas que podem passar por ai e que com o desenvolvimento da consciência, dessa consciência, os alunos podem vir a desenvolver no futuro outro tipo de atividades.

L – Continuando, e essas estratégias, o que é que acha que contribuem para a promoção da autonomia dos alunos? O livro de ponto, as substituições, já falou um pouco da substituição. O livro de ponto.

AD – Leva-os a perceber a forma como a escola se organiza e a pensar como é que eles podem participar nessa organização, porque estão-lhes a pedir uma tarefa, é preciso que eles percebam que essa tarefa faz parte de muitas tarefas que fazem com que a máquina funcione. Por isso, se nós queremos uma escola com participação dos alunos, culminando mais tarde com a participação dos alunos numa coisa que deve ser séria, que é, como é que se diz, que é a associação dos alunos.

L e T - Associação de estudantes.

AD – A associação de estudantes, a associação de estudantes deve ser entendida como uma coisa séria e não me parece que por exemplo, na nossa escola funcione bem, não funciona, não funciona bem, parece-me que se podem fazer muitas críticas em relação a isso.

L - Indo um pouco em direção ao que acabou de dizer, que outras estratégias a nível de escola podiam ser implementadas para haver uma maior promoção da autonomia dos alunos? Começando se calhar por essa Associação de Estudantes.

AD – Por exemplo, haver atividades, haver atividades, no espaço exterior escolar em que os alunos pudessem gerir essas atividades.

T – Dinamizar.

AD – Por exemplo, essas atividades podiam ser geridas pela associação de estudantes, desde que tivéssemos espaços determinados para determinadas atividades, desde que essas atividades pudessem acontecer em determinadas alturas ou sempre, desde que não prejudiquem o andamento normal das aulas, etc, etc, etc. Eu sei que por exemplo em relação à nossa escola e no atual espaço disponível, a situação é complicada porque a maior parte do espaço exterior, uma grande parte, não é, está, ou faz parte, dos espaços utilizados pela Educação Física. Mas, talvez, se pensarmos bem, talvez se consiga arranjar

outros espaços onde os alunos possam ter outro tipo de atividades. Eu pessoalmente acho, acho que na nossa escola se deveria ter esses espaços, esses espaços, neste momento está a ser difícil, nós estamos num espaço recente, novo, novo, com novas paredes, novas divisões e ainda não percebemos bem o espaço, andamos a tentar perceber, talvez como tirar o melhor partido dele. E era importante que os alunos quando estão fora das aulas pudessem perceber melhor esse espaço, até provavelmente alguns grupos já descobriram, não é, mas realmente espaços disponíveis, por exemplo, para os alunos jogarem à bola de uma forma recreativa fora das aulas de educação física, parece-me que não há. E eles de vez em quando aparecem à nossa frente com a bola nos pés e nós dizemos “epah, não podes jogar aqui!” quer dizer, é complicado. Não há, não há lugares construídos para outro tipo de atividades, por exemplo, nós temos alunos do 5º ano e podíamos ter que, por exemplo, sei lá, o jogo do Mata num sítio qualquer, esse tipo de jogos, são direcionados para aquele tipo de idade. Temos de descobrir, temos de pensar.

T – Ok.

L – Então e a nível de sala de aula, utiliza estratégias para a promoção dessa, da autonomia dos alunos? Quais?

AD – Diariamente. Eu atualmente só trabalho com o 11º ano, mas eu acho que isso é fundamental. Agora, não é fácil, não é fácil os alunos perceberem, ainda ontem falei com os meus alunos, os alunos perceberem, e falo sempre que entendo que é necessário, que as coisas não estão a funcionar, por exemplo, a 100%. Eu gosto de distribuir tarefas e sentir que durante 90min ou 180min, como as vezes tenho dois blocos seguidos, que durante aquele tempo cada aluno desenvolve as suas tarefas. Eu preciso de perceber no fim do dia que todos os alunos desenvolveram as tarefas que eram esperadas. E muitas vezes vejo, observo, que houve 1 ou 2 ou 3 alunos que só trabalharam durante meia hora. Isso, e isso não pode acontecer ser, por isso eu chamo-os à atenção para esse tipo de consciência, constantemente. Porque eu defendo exatamente isso, que, eles devem ser cada vez mais autónomos. Eu no fim do décimo, decimo, eu no fim do ciclo escolar, no secundário os alunos devem entender isso já. E por isso deve-lhes ser dada alguma liberdade para que eles possam funcionar assim.

L – E a contribuição que esse trabalho permite, de, ao nível da autonomia, é por exemplo, eles sentem-se responsáveis pelo próprio trabalho? Terem-se valorizado?

AD – Exatamente. Existe um caminho traçado, há um caminho traçado e esse caminho é explicado, muitas vezes há hipóteses para vários caminhos, n nosso caso, no campo das artes, mas há passos que digamos, obrigatórios, há fases, não é, em cada plano traçado, há fases do trabalho que tem de ser, pelos quais todos passam. E isso é o caminho esperado. À vezes que há tarefas que nós sabemos, para esta tarefa é destinado x horas, não é, x horas, por isso dentro daquele tempo é esperado que determinado trabalho seja desenvolvido.

L – E tem outras estratégias?

AD – Não sei se respondi.

L – Sim, respondeu. Já tinha respondido até noutra pergunta, só quis clarificar. E acha que existem outras estratégias que poderiam ser implementadas?

AD – Ao nível da autonomia?

T – Sim.

L – Sim, ao nível da sala de aula, para a autonomia.

AD – Ah sim. Ao nível, dentro da sala de aula?

L e T – Sim.

AD – Dentro da sala de aula. Sim, no ensino secundário, no secundário uma das possibilidades é o professor levar os alunos a preparar as próprias aulas, não é, desde que haja condições para isso, porque nós hoje...

L – E porque é que isso não acontece?

AD – Nós hoje muitas vezes. Exatamente, eu ia agora referir isso. Nós hoje muitas vezes falamos porque vivemos no meio de um mundo altamente tecnológico. Mas nós não temos essas condições. E nós realmente aqui na escola na minha sala de aula eu não tenho essas condições, e se eu tivesse essas condições era muito possível fazer isso. E eu gostava de as ter. Por isso, para novas estratégias muitas vezes é exigido outro tipo de condições, não é, de equipamentos, de recursos vários, etc, não é. Eu puder trabalhar, por exemplo, de porta aberta, com 2 ou 3 professores, em vez de trabalhar sozinho, por exemplo na minha aula de projeto, o ideal era eu trabalhar com 2 ou 3 professores, por exemplo. Em

que os projetos fossem mais direcionados para uma determinada pessoa, por exemplo, em vez de eu, por exemplo, ter de trabalhar com todas as áreas por exemplo.

T – ok. Outra pergunta, um bocadinho direcionado para outro âmbito, se considera que na EBSC existe oferta formativa, para os professores, no âmbito da educação para a cidadania. Se este tema da educação para a cidadania é aqui na escola, se existe oferta formativa?

AD – Neste momento? Por acaso não tenho bem presente o plano de formação do conselho pedagógico para este ano. Tenho a impressão que havia, havia lá alguma coisa escrita sobre isso. Mas já houve, já houve anos vários, que eu já dei formação sobre isso aqui na escola para professores, por exemplo.

Sim, indo em contra, se considera que esta oferta poderia ser importante, até mesmo alguns exemplos que nos pudesse dar dessa mesma oferta.

AD – A nível da temática cidadania? Só para os professores? Para a formação contínua dos professores?

L – Oferta formativa para professores.

T – Sim.

AD – Sim eu acho que isso devia ser, devia ser um tema para mim eu considero o que é um tema abrangente, não é, nós a partir dele, dentro da escola, nós a partir desse grande tema podíamos discutir e ir para outros temas. Eu acho que ele pode existir até todos os anos. Depois dependendo de determinadas variantes não é. Mas a cidadania é uma coisa, muito larga na vida da escola e na educação, (não é). É mesmo uma área que nós provavelmente trabalhamos pouco. Por isso, se fosse muito trabalhado ao nível da formação de professores portanto, e depois essa passagem para os alunos Bem, nós neste momento não temos nenhuma disciplina sobre cidadania para os alunos, por exemplo. Ou seja, nós podemos aproveitar e penso que a escola está neste a seguir uma estratégia que leva isso. Que é no espaço educativo que nós chamamos Formação, que é desenvolvido pelos diretores de turma e pela direção. O caminho, eu penso que deverá de ser esse. Grande parte da, do tempo disponível para essa atividade deve ser tomado exatamente por ai. E depois o restante pelo tipo de por uma parte administrativa que é necessário também fazer.

T – Ok. Indo ao encontro, então, este ponto. Do ponto de vista pessoal, que necessidades formativas considerava ter ao nível da educação para a cidadania? Qual era mesmo a grande, o grande foco que podia ser estas formações caso existissem.

AD – Pois, hoje em dia discute-se muito os valores, os valores e a ética. E eu para mim são duas, dois conceitos estruturais de toda essa conversa feita de cidadania, porque nós constantemente falamos que de geração em geração e que nas últimas décadas se tem deixado cair valores e a sociedade alterou-se mudou naturalmente e globalizou-se. Caíram os valores e apareceram, parece que apareceram outros. E isso não está devidamente esclarecido. E a escola é uma entidade que se deve orientar por determinados valores que devem ser muito claros para todas as pessoas, para todos os intervenientes no processo educativo. Há determinados valores que são estruturantes e nós não devemos fugir deles.

L – E de que forma é que a escola podia colmatar essas necessidades?

AD – de que forma? Arranjando uma estratégia clara para trabalhar bem esses valores, devem ser na escola visíveis, quando eu digo devem ser visíveis devem estar escritos, devem passar à frente dos nossos olhos quase diariamente. Devem fazer parte de uma forma muito clara da missão da própria escola, não é. Como, como é que eu ia dizer, devem estar claros não é, devem estar bem iluminados, devem estar bem na cabeça de todos. E desde, desde que o aluno entra, quer dizer, eles devem ser trabalhados. Desde o primeiro ciclo, não é desde o primeiro ciclo, quando nós aqui neste edifício recebermos os nossos alunos do agrupamento das escolas do primeiro ciclo. Eles devem chegar cá, com, já com esses valores.

T – Aqui tínhamos uma questão um bocadinho mais geral, que qual considerava serem as necessidades do corpo docente da escola em termos de escola mesmo, qual seriam estas necessidades de encontro à educação para a cidadania tendo em conta este contexto escolar, direcionando mesmo aqui para a escola.

AD – Para a nossa escola? Para a EBSC?

L – E para o corpo docente.

T – Sim. Esse corpo docente, os professores aqui da escola, qual seria mesmo algo que fosse mesmo importante para a sua formação e que tivesse um resultado mais, mais rápido até e com maior sucesso.

AD – Bem, é assim. A escola nos últimos anos, o corpo docente da escola nos últimos vou dizer meia dúzia de anos, podem ser 7 ou 8 ou 5 ou 6, tem tido uma variação muito grande, há 10 anos atrás havia um corpo docente solido, eram sempre as mesmas pessoas, começou a haver uma grande variação e por exemplo o ano passado entraram em cerca de 200 professores, entraram 70 professores novos, ora, não há, não há, não há instituição que aguarde, não é, perder ou alterar o seu corpo de recursos humanos em 40% todos os anos, porque todas as estratégias furam, não é, temos de estar sempre constantemente a emendar as coisas e isso não, deve-se ter cuidado em relação a isso não é. Parece-me que este ano vai haver agora um novo concurso, vão abrir várias vagas para a escola novamente e por isso é natural que o corpo a partir do ano que vem e nos próximos anos seja mais estável, estável, mais estável. Por isso, a partir dai pode-se procurar um trabalho. Agora esses objetivos dependem do projeto educativo da escola, daquilo que a escola quer ser, o que é que a escola, a pergunta é: o que é que a escola quer ser nos próximos anos? É a partir daí que nós definimos exatamente esse caminho. Não sei se respondi.

T – Sim. Se por acaso tinha algum exemplo de uma coisa concreta que nos pudesse dar acerca desta necessidade, relativamente até ao próprio contexto dos alunos, ao próprio, direcionando, ou seja, que esta medida conseguisse influenciar os alunos aqui da escola. Estas necessidades de formação que depois conseguíssemos utilizar essas formações com impacto nos alunos?

AD – Objetivos muito claros, é, traçar objetivos muito claros, não nos interessam muitos objetivos, interessam-nos dois ou três que são esses a referência do nosso caminho. A missão, a escola ter uma missão muito clara, esses objetivos ou essas ideias dependem disso e depois serem assumidos por toda a comunidade escolar e educativa e educativa, porque eu entendo a comunidade escolar o que se passa e o que tem uma doação direta com os intervenientes dentro do edifício escolar é uma coisa mais alargada, não é, deve ser entendida assim. Por isso é preciso perceber, quer dizer que neste momento começa-se a perceber, por notícias que saíram, que a EBSC funciona de uma forma diferente da escola ao lado, não é. Pronto, isso deve ser muito claro e toda a gente deve saber que é assim, marcamos a diferença por isto, por isto, por isto, depois do caminho claramente traçado então vamos ver de que premissas é que nós partimos para depois traçarmos o nosso caminho.

T – Ok.

L – Está certo, muito obrigado pela colaboração.

### **Transcrição da Entrevista prof 10**

Tiago – Primeira pergunta. Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados, gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando acerca do que entende ser a autonomia dos alunos em contexto Educativo?

P – AAAAA...Pronto, para mim autonomia dos alunos é eles conseguirem ir efetuando aprendizagens a diferentes, não apenas às disciplinas mas coisas práticas também do dia à dia, sem estarem sempre a necessitar que alguém decida por eles e que alguém os ajude.

T – OK. Segunda questão. Considera que aqui na escola secundaria, básica e secundária de carcavelos são implementadas estratégias para essa promoção da autonomia? Se acha que são implementadas as nivel de escola.

P – Sim, acho que se tenta bastante implementar isso.

T – Quais é que seriam essas estratégias que identifica aqui na escola?

P – Pronto, em teros de sala de aula.

L – Não, a nível da escola.

T – Mais, aqui primeiro mais a nivel de escola mesmo, depois já iremos a essa parte de sala de aula.

P – A nível de escola mesmo. Todo o funcionamento da escola, o facto dos alunos terem por exemplo: que tomar conta do seu material, aaaaa, serem, serem eles responsáveis por trazer o material necessário, por exemplo para a vossa disciplina, Educação física, a minha, educação musical e por ai fora. Portanto eles tem, eles são responsabilizados por isso e tem de ser eles a tratar do assunto, o facto de terem de mudar de sala, terem que gerir por exemplo o tempo dos intervalos e saberem inclusive, pronto não há toques, eles tem de estar atentos a essas coisas, saberem que tem de ir para a aula, que tarefas é que tem de fazer. Aaaaaaa...o facto de haver ordem por exemplo a nivel do bar e do refeitório, não é, a terem que estar, a terem que tirar senhas, inclusive atempadamente, para o

refeitório, não é, é da responsabilidade deles ou dos pais deles, mas deveria ser da deles até. Aaaaaa e terem que ter horários também para isso e uma ordem para isso, arrumar por exemplo os tabuleiros. Aaaaaa, terem cuidado com as instalações que são de todos, com o material, com as casa de banho, essas coisas todas. Eu acho que isso.

T – De que forma é que essas estratégias podem mesmo contribuir para esta promoção da autonomia? Pegando numa ou outra dessas estratégias, de que forma é que elas podem contribuir para a autonomia?

P – Sóooooooooó, só implementando certos hábitos, que são fundamentais depois para o dia à dia mais tarde também é que eu acho que se cria autonomia, pronto, há regras que tem de passar por todos, não é, e não são só para agora, são para mais tarde e nesse aspeto eu acho que o cumprimento ou o exigir-se que se cumpram essas regras e estarmos atentos e termos uma atitude também solidaria, pedagógica para com eles para quando não respeitam essas regras e mostrar. Eu acho que isso existe, não existe só o ralhar mas existe também explicar que se deve ter feito isto ou aquilo, portanto, eu acho que isso é fundamental e pode contribuir, sim.

T – Que outras estratégias é que ao nível da escola poderiam ser implementadas na sua opinião aqui na escola. Alguma que se recorde, que acha que pudesse ser, ao nível da escola, fosse implementada aqui na escola, que pudesse surtir efeito em relação à autonomia.

P – Um bocadinho complicado, é assim, pronto, eles também já tem nas próprias visitas de estudo, quando se deslocam fora que dar uma certa imagem da escola, isso também funciona, não é com todos, mas também funciona. Aaaaaaaa...eventualmente, algumas tarefas e já se falou nisso e penso que de vez em quando se implementa. Por exemplo, falou-se, penso que está, que houve essa ideia de assinalar certos dias, por exemplo o dia da arvore, o dia de outra coisa qualquer e plantar coisas, apanhar lixos, por exemplo também de vez em quando houve turmas que fizeram isso e é assim, não há muita disponibilidade da parte dos professores, mas de vez em quando fazem isso e se calhar deviam fazer mais vezes porque eu acho que isso contribui bastante.

T – Responsabilizar os alunos nessas tarefas.

P – Responsabilizar os alunos por essas tarefas por por uma serie de tarefas comuns, não é, para o bem comum.

T – Ok. Agora pronto, indo mais de encontro ao contexto de sala de aula, se utiliza estratégias com vista a promoção da autonomia dos alunos? Agora mesmo dentro da sala de aula, na experiencia da professora, no caso da E. Musical, neste caso.

P – Sim, para já eles regras para cumprir, por exemplo para fazer musica prática, pronto, e não só, escrever os sumários, todas as tarefas, portanto, e por exemplo, em cada aula há um aluno diferente responsável pelo sumario, por escrever o sumario e registar uma serie de coisas. Isso já ajuda. No final da aula também serem responsáveis por deixar a sua cadeira no sitio, limparem tudo em volta. Durante a aula, aaaaaaa, fazer coisas em grupo, portanto, eles serem responsáveis por, por um grupo não por eles sozinhos, mas também pelos colegas pelo trabalho que se faz com os colegas. Aaaaaaaaaa, e muito dialogo, muito dialogo, ponho em questão muita coisa que os faz pensar, que os faz chegar a conclusões. E eu acho que isso, o dialogo é fundamental para eles pensarem por eles, para terem de facto autonomia perante tudo o que os rodeia, a musica também.

T – Essas estratégias então, essas estratégias que contribuem para a promoção dessa autonomia, dentro dessas...

P – Até porque a minha disciplina tem muito carater social, não é, portanto, não só a história da musica ao longo dos tempos, como a história Da musica, como a musica, alias, relacionada com imensas tarefas, e o facto de eles fazerem musica prática também socialmente, eles tem que a fazer em grupo e tudo isso, está relacionado com outras questões, a musica por exemplo, muitos grupos de rock e não só, portanto, relacionado, por exemplo com certo narcisismo, com drogas, com álcool, portanto, tudo isso são questões que muitas vezes abordo dependendo da idade dos alunos, não é.

T – Fazendo pensar um bocadinho.

P – Fazendo pensar que a musica pode ser uma coisa equilibrada e que à que escolher esse caminho.

T – Isso pode mesmo, no seu entender, contribui para essa autonomia deles? Essas...

P – Eu penso que sim, eles questionando as coisas, pensando sobre os assuntos, eles próprios chegam à conclusão certos, certas coisas não os vão ajudar no futuro, portanto, podem fazer a escolha deles, isso é autónomo para a autonomia.

T – OK. Considera que existem outras estratégias poderia implementar e porque razão não as implementa? Por exemplo, por razões materiais, espaciais, temporais, algumas limitações que se calhar podia implementar outras estratégias que por alguma limitação não...

P – Há limitações porque são muitos alunos, normalmente dentro da sala de aula o espaço também não é muito, porque há outras tarefas e outros jogos que poderia fazer se fossem um bocadinho menos e que também os, aaaaaaa. Socializa com os outros e portanto, também responsabiliza perante os outros, não é. Portanto, cria confiança, essas coisas todas. Esse é um certo limite, aaaa, também não se dialoga tantas vezes quantas eu gostaria, gostaria de falar, por questões mais pessoalmente, pela mesma razão, porque como são muitos depois gera-se as vezes, tenho que ir gerindo as coisas, não é. E as vezes faz-me um bocado de falta ter sempre à mão, computador, portanto, todas as novas tecnologias, porque há imensa coisa interessante para mostrar, boas e más. Boas práticas e más práticas.

T – As questões do material.

P – As questões do material também, porque não tenho. É não podem estar todos a tocar ao mesmo tempo. Também não há material suficiente para isso, mas isso também por um lado é assim, tenho um grupo a tocar, os outros tem de estar a respeitar se querem ir tocar a seguir, pronto. Mas claro que seria mais fácil se tivesse para todos ou pelo menos para metade da turma de cada vez. Isso condiciona um pouco.

T – Ok. Agora um bocadinho relacionado com outra temática, se considera que aqui na EBSC existe oferta formativa no âmbito da educação para a cidadania? Algumas ações de formação que sejam implementadas aqui pela escola. Se acha que sim, se podia- nos dar algum exemplo dessas ações? Essa oferta formativa.

P – Sim, por exemplo todos os anos há uma série de atividades com o lar da Boa Vontade, não é, lidar com pessoas com, com algumas condicionantes também na vida e perceber que, pronto, como certas coisas funcionam. Há alunos de diferentes tipos também, eu acho que isso em si, o facto de se trabalhar para a inclusão já tem muito a ver com isso. Aaaaaaa, há muitas ações de formação com a polícia segura, não é, portanto, sobre a segurança rodoviária, segurança para assaltos e essas coisas todas, portanto há bastantes coisas. Eu aqui à tempos participei numa com uma turma, por exemplo, sobre o

alcoolismo e achei muito interessante, há muitas coisas do PES também, do clube de saúde, eles também fazem uma serie de iniciativas, vêm cá inclusive enfermeiras e pessoas responsáveis por certos assuntos, há rastreios, por exemplo, dentistas e coisas assim. Eu acho que sim, que se faz muita coisa para, para perceber como é que as coisas funcionam à nossa volta, não taos só centrados nos conteúdos da escola.

T – Ok. Do ponto de vista pessoal, que necessidades formativas é que considerava, considera ter ao nível da educação para a cidadania? Ou seja, alguma temática que a professora achasse que fazia mais falta, que poderia ser importante no processo de formação.

P – Para os alunos?

T – Para si, para si. Que pudesse melhorar, que pudesse escolher uma temática dentro da educação para a cidadania.

P – Para mim, dentro da educação para a cidadania. Eu já fiz, por exemplo, algumas coisas sobre a indisciplina, aaaaa, mas gostava de fazer mais sobre estratégias mesmo, aaaaaaaa, portanto, jogos, atividades de desenvolvimento pessoal, eu acho que fiz algumas, mas fiz poucas, acho que, gostava de ter mais diversidade sim.

T – Ok. De que forma é que essas necessidades, de que forma é que a escola podia contribuir para ultrapassar essas necessidades? Trazendo, se calhar cá mais, mais pessoas...

P – Sim, eventualmente, porque é assim, há cursos de formação que são, as vezes não temos acesso, muitas vezes são feitos noutras escolas e aquilo fica cheio portanto já não há vaga. Eventualmente se se conseguisse aqui a nivel de escola, seria mais fácil frequentar, porque eu tentei inscrever-me precisamente numa serie de, já perdi uma serie de formações, aquelas que nós temos de fazer e que devemos fazer para estar sempre atualizados e não consegui mesmo vaga por causa disso. Eu acho que há muita coisa interessante que se podia trazer. Estou-me a lembrar, por exemplo, de uma formação de teatro, o teatro nesse aspeto ajuda bastante, tem havido cá pouca coisa, ajuda bastante porque há jogos de, que criam confiança entre as pessoas e isso ajuda à solidariedade, por exemplo.

T – Indo ao encontro disso, a um nível mais geral, que necessidades é que acha que o corpo docente poderia ter, até se calhar um bocadinho virado para o grupo de E. Musical, por exemplo, que formações poderiam ser importantes para o grupo em si, alguma necessidade de formação que acha que o grupo pudesse ter.

L – Sempre relacionado com a educação para a cidadania.

T – Exatamente. Sim, dentro, a nível mais geral da precissão que tem do grupo de docentes.

P – Para a cidadania? Não necessariamente para a autonomia mas para a cidadania?! Nós somos só dois, não é.

L – Do grupo de docentes da escola.

T – Sim, se pudesse ser, da escola.

P – Em termos da E. Musical, deixem-me lá pensar um bocadinho.

T – Claro, mesmo que não seja na E. Musical, podia ser aqui para a escola.

P – Até já estão a acontecer algumas, por exemplo, no outro dia tive a oportunidade Reyki com um professor de E. Física, por exemplo. Todas as coisas relacionadas o bem estar têm que ver com a musica e com as artes de palco em geral e no fundo são transversais. Como é que se chama quando a pessoa está, a fazer... agora deu-me uma branca mesmo. Aaaa, tudo quanto seja jogos mentais de concentração, por exemplo, porque nós, nós também estamos um bocado cansados e tudo o que nos ajude a relaxar, a meditar, estava a pensar também na meditação, tem havido também algumas coisas, as vezes não dão para os horários todos. Tudo o que nos ajude a concentrar, eu acho que é benéfico para acalmar também, para nós próprios estarmos com uma atitude diferente perante os alunos, por exemplo. Não nos enervar assim tão rapidamente e ter uma certa calma e incutir-lhe essa calma, não é, eu acho que isso gera um bocado, calma gera calma.

T – De que forma é que a escola poderia contribuir para essas dificuldades identificadas?

P – Pronto, a escola de certa forma já está porque alguns professores ofereceram-se e portanto fizeram ai uns clubes em que estão a proporcionar isso. Agora claro que não é muito tempo, nós estamos muito sobrecarregados de tempo e não podemos fazer mais vezes, os próprios professores que se ofereceram também não têm mais disponibilidade.

Era no fundo de contas, se calhar era estarmos menos sobrecarregados com outros tipos de trabalhos e de vez em quando termos essa oportunidade.

T – Isso acha que poderia ser benéfico, relacionando com a educação para a cidadania?

P – Sim, sim, porque eu acho que realmente a calma inspira calma e o equilíbrio inspira equilíbrio e portanto os nossos alunos precisavam de mais equilíbrio e mais tranquilidade. Pronto, sobretudo...mais novos e não só, mas pronto, são muito inquietos e as vezes uma atitude de tranquilidade seria benéfica, penso eu.

T – Ok.

L – Está, muito obrigado.

## Quadro das entrevistas

Pergunta 1			
Uma vez que o conceito de autonomia assume diferentes interpretações e significados gostaríamos de iniciar esta entrevista questionando-o acerca do que entende ser “a autonomia dos alunos em contexto educativo”?			
			CATEGORIZAÇÃO FINAL:
Prof 1	<p>P – A autonomia dos alunos em contexto educativo, tem que se lhe diga, como vocês acabaram de dizer, é assim estou mais ligado ao secundário e a autonomia, pressupõe muita coisa, pressupõe que eles também possam dar opiniões sobre o que se passa na escola e que essas opiniões sejam ouvidas, mas eu vou me centrar mais na autonomia em sala de aula. Não sei se é isso que pretendem?</p> <p>P – A autonomia é em relação ao todo escola, é eles terem ideias inovadoras, é apresentarem-nas quer aos diretores de turma, quer aos professores, quer à direção e poderem levar um bocadinho essa ideias adiante. Aqui na escola os alunos têm pouca autonomia na sala de aula, quer dizer de grosso modo, e porquê, porque não têm grandes hábitos de trabalho, estão à espera de que as coisas lhes apareçam feitas, assim à sua frente e que o professore realmente os encaminhe, são pouca as turmas, às vezes acontece uma ou outra turma ter essa autonomia para apresentar trabalhos, para fazer coisas, mas tem de ser tudo muito dirigido, pelo menos é aquilo que eu sinto, talvez estou me a centrar muito na turma que tenho este ano.</p>	- Os alunos terem um papel ativo nas decisões da escola.	Tomar decisões
Prof 2	<p>P – sim, sim... É algo que pode ser ensinado! Eu acho que os alunos são diferentes, portanto há uns que vão ter uma aprendizagem da autonomia mais fácil do que outros. Mas, como em tudo, é algo que se aprende a desenvolver, não é? Temos que, aaa, dar-lhes ferramentas no início da aprendizagem numa base de Inglês para que depois cheguem a um certo nível de aprendizagem e essas formas de resolver situações sejam descobertas por eles próprios, não é? Portanto autonomia é eu saber utilizar aquilo que eu sei, as estratégias que me foram ensinadas, mostradas, para resolver uma situação. Pronto, onde é que eu vou procurar a informação para resolver qualquer coisa na minha vida. Isso é que é se eu sou autónomo, se sou capaz de resolver aquilo que me aparece pela frente. Aaaa, se eu fui bem ensinada em casa pelos meus pais, que também me desenvolvem a autonomia, aaaa, se ao longo da minha vida fui sujeita a determinadas situações que me ajudaram a encontrar estratégias para resolver situações, então vou ser mais autónoma do que aqueles que não foram sentidos a essas mesmas situações e não conseguiram descobrir formas de resolvê-las.</p>	- Capacidade de utilizar saberes para tomar decisões.	Aplicar conhecimento a novas situações
Prof 3	<p>Professora – Bom, aaaa, tem várias vertentes. Uma tem a ver com a autonomia na sua própria aprendizagem, na construção da sua própria aprendizagem. Aaa, depois tem a ver também com a autonomia na realização</p>	.	

	das tarefas propostas, que é uma coisa diferente. E depois tem a ver com a autonomia na comunidade educativa, na maneira como se inserem na comunidade educativa.		
Prof 4	P – A autonomia dos alunos em contexto educativo passa por todos eles assumirem um comportamento responsável, inerente aos próprios deveres dos alunos consagrados no regulamento interno da escola.	- Cumprimento de regras.	Cumprir regras/compromissos
Prof 5	Professora – Para mim, essencialmente é a facilidade dos alunos terem, aaa, em estudar, em pesquisar, em aplicar os conceitos que adquirem nas aulas a novas situações, aaa... E acho que é isso.	- Capacidade de utilizar o que aprendem a novas situações.	Aplicar conhecimento a novas situações
Prof 6	Professora – (silêncio). Começando por uma pergunta muito difícil, com uma resposta que com certeza não será, aaa... Científica, mas de qualquer forma, o que é que eu entendo por autonomia dos alunos? Para já aaa, há diferentes tipos de autonomia, considerando as diferentes faixas etárias. Mas falado ao nível de um secundário considero que a autonomia dos alunos em contexto pedagógico é um aluno realmente ter responsabilidade pelas tarefas que tem que executar dentro e fora de aula ou até... Isto não significa que se necessitar de ajuda deverá obviamente pedir esse apoio ao professor ou aos professores. Aaaa, autonomia no sentido de o aluno ser capaz de compreender um problema e tentar pesquisar solução para a resolução do mesmo. É nesse sentido. Autonomia é também aaa, iniciativa de poder orientar-se pelos seus próprios métodos. Nem todos os alunos trabalham da mesma maneira e podem chegar a resultados positivos de diferentes formas. Portanto...	- Responsabilidade pelas tarefas. - Capacidade para compreender problemas e procurar soluções. - Iniciativa de se orientar pelos próprios métodos.	Cumprir regras/compromissos Aplicar conhecimento a novas situações Tomar decisões
Prof 7	P – Eu acabo por cruzar, acabo por cruzar muito, as duas ideias, as duas perspetivas. É um dos objetivos de qualquer sistema educativo, cá em Portugal sem dúvida é um dos mais importantes e aqui na escola também se trabalha imenso, imenso nesse sentido. É realmente dotar os alunos com ferramentas, capacita-los para se inserirem de uma forma, de uma forma proactiva na sociedade, pronto, e conseguirem gerir o seu percurso de vida. Para isso a escola é fundamental porque possibilitará sempre um conjunto de instrumentos que são uteis pela vida fora. Ou seja, é esse o sentido muito, muito lato.	- Utilizar ferramentas aprendidas para serem capazes de intervir na sociedade. - Gerir o percurso de vida.	Aplicar conhecimento a novas situações Tomar decisões
Prof 8	P – É pá é ..., passa por os meninos saberem o que estão a fazer terem objetivos, cumprirem as regras e os funcionamentos em função dos objetivos que pretendem, passa por aí. Se são capazes de o fazer ou se têm de ser ajudados.	- Ter objetivos. - Cumprir regras. - Capacidade de trabalharem sozinhos.	Ter objetivos Cumprir regras/compromissos Tomar decisões sem necessidade de ajuda
Prof 9	P – No contexto educativo. Bom, vamos ver... É suposto os alunos desenvolverem a sua autonomia até ao fim do ciclo escolar. E eu estou a compreender isso até, neste momento, até ao fim do 12º ano. Pronto. Aliás, os perfis dos alunos também estão feitos nesse sentido, não é, eles estão numa idade de crescimento, de desenvolvimento e por isso eles vão desenvolvendo a sua autonomia ao longo do seu percurso escolar. Por isso a escola deve preparar-se para essa situação.	- Capacidade de gerir o tempo. - Responsabilidade	Tomar decisões Cumprir regras/compromissos

	<p>P – Essa autonomia, por exemplo, na escola pode ser entendida, vou dar dois exemplos. Um à forma como é pedida, que os alunos, que os nossos alunos desenvolvam a sua autonomia dentro do espaço das aulas de substituições, por exemplo. Não é, e vocês sabem que na nossa escola um dos objetivos principais das aulas de substituição é exatamente, os alunos terem a <b>capacidade de gerir aquele tempo</b>. Nesse sentido, nesse sentido é suposto que eles ao longo, com a experiência que vão adquirindo, desenvolvam uma autonomia individual e coletiva, na forma de estar naquele espaço educativo. Pronto, esta experiência acontece na escola já há alguns anos, eu por acaso sou coordenador das substituições e entendo que tem havido uma melhoria em relação a isso. Por outro lado, tenho a experiência por exemplo da turma de 11º ano de expressão artística. E sou professor de desenho e de projeto, duas disciplinas que são teórico-práticas e que eu penso que os alunos devem estar na aula de uma determinada forma, de uma determinada maneira de estar. São alunos que têm entre 16 e 20 anos e por isso já adquiriram alguma autonomia individual, alguma forma de estar. Quer dizer, mas as coisas não estão resolvidas, não quer dizer que eu não lhes dê uma determinada liberdade e que eles consigam entendê-la como eu desejaria, alguns não entendem e por isso podem haver até algumas situações que eu poderei não esperar. Mas, por isso, eu sou um coordenador do trabalho e espero que eles depois dos trabalhos lançados e dos trabalhos que eu vou coordenando, individualmente e coletivamente, por exemplo ao nível dos trabalhos de grupo, eles consigam ter a sua autonomia ao nível do desenvolvimento desses trabalhos. Ou seja, entendo que não devia ser necessário nessa idade o professor estar constantemente a dizer, vocês não se esqueçam quem têm isto, isto e isto, as tarefas são para fazer. Por isso, as tarefas são combinadas, há uma calendarização e a partir daí eles devem ter a capacidade, a autonomia para <b>desenvolver o seu trabalho dentro daquele período determinado</b>. Se assim for, se isso for possível em todas as turmas, nós podíamos ter, por exemplo, uma escola, eu não vou utilizar bem o termo, uma escola mais aberta. Ou seja, em que o professor é um facilitador da aprendizagem e um orientador, mas não um polícia em termos clássicos, não é, em termos tradicionais, uma sala fechada com o professor à secretária, com 30 alunos à frente. Eu entendo e desejo que o ensino não deve ser isso.</p>	pelo cumprimento de tarefas.	
Prof 10	<p>P – AAAAA...Pronto, para mim autonomia dos alunos é <b>eles conseguirem ir efetuando aprendizagens a diferentes, não apenas às disciplinas mas coisas práticas também do dia-a-dia, sem estarem sempre a necessitar que alguém decida por eles e que alguém os ajude</b>.</p>	- Utilizar as aprendizagens no quotidiano sem terem necessidade de ajuda	Tomar decisões sem necessidade de ajuda

Pergunta 2, 2.1, 2.2 –

<p>Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos são implementadas estratégias para a promoção da autonomia dos alunos?</p> <p>Quais as estratégias que identifica que existem na Escola Básica e Secundária de Carcavelos para a promoção da autonomia dos alunos?</p> <p>De que forma considera que estas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?</p>			
Prof 1	<p>P – Ao nível de escola, eu penso que são implementadas essas ... que os professores tentam de todas as maneiras e por todos os meios ....</p> <p>P – Assim ao nível de grupo e pela escola, .... ideias para trabalhos em sala de aula, que tenham a ver com os conteúdos das matérias lecionadas, que eles possam de facto dar essas ideias e elas são bem-vindas sempre, desde que se centrem, não fujam muito das matérias, a todos os níveis, sei lá ... peças de teatro, música, mas que se encaminhem no caminho do que estamos mais ou menos a dar, exposições e eu pelo menos penso que a maioria dos colegas tentam estar atento e incentivar os alunos para exposições, música, o ano passado houve um ... ali na .... Senhora da Boa Nova, sim, com uma série de concertos interessantíssimos ao nível da música desde a idade média até à modernidade, portanto cada sábado havia, e de facto os alunos foram e ... porque realmente ao nível da música, que depois se entrecruza com a literatura não é, pronto eu penso que as pessoas fazem isso, mas o que é certo, é que apesar do incentivo e eu foi uma das pessoas que estive lá sempre e incentivei os meus alunos, ... foram poucos os que foram. E de facto era interessantíssimo abrir horizontes e para cruzar a música e a literatura, tento sempre fazer isso á arte em geral, com exposições com todo o que está ao nosso alcance, mas ou porque às vezes é o sábado e as famílias não estão muito predispostas a sair com eles e eles ainda não vão sozinhos, nesse aspeto têm pouca autonomia, o que é certo é que vão pouquíssimos.</p> <p>P – Eu acho que todo o que seja vivências e experiências vindas do exterior, traz sempre uma mais-valia para essa autonomia. Porque a partir daí podem cruzar, fazer trabalhos e o objetivo é esse, é no fundo informar-se, inteirar-se e depois cruzar e fazer alguma coisa com aquela informação.</p>	Sim.	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Implementação de atividades que levem os alunos a expressar as suas próprias ideias.</li> <li>- Adequar as atividades aos conteúdos das disciplinas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades em que os alunos assumem envolvimento ativo</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização da informação para novas situações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização da informação</li> </ul>
Prof 2	<p>P – Eu acho que ainda podemos fazer melhor!</p> <p>P – Sim, considero que sim, que há. Há disciplinas que... cujos objetivos também, no seu próprio programa, aaaaa, apontam para isso não é, para o desenvolvimento da autonomia e para algumas</p>	Sim.	

	<p>estratégias de atuação em sala de aula, de como lecionar os conteúdos, não é, que apontam um pouco para isso. Mas eu penso que poderá ser feito mais, nomeadamente, numa língua estrangeira por exemplo, aaa numa língua materna. Acho que eles deveriam ser mais autónomos ainda, na sua... na disciplina de língua materna, no português.</p> <p>P – Em geral?</p> <p>P- E depois falo da minha disciplina?</p> <p>P – Eu penso que há uma grande, aaa, há um grande <b>envolvimento dos alunos em muitos projetos</b>. E o facto de <b>haver muitos projetos</b> faz-me querer que, e os projetos fazem-se com autonomia, isto é, sobretudo quando nós pedimos... E eu sei que há <b>muitos projetos fora da sala de aula</b>, portanto os alunos têm que ter um certo grau de autonomia para poderem <b>realizar esses projetos</b>. Portanto o facto de ser uma escola viva e muito ativa nesse sentido faz-me querer que sim, que há, que os professores se preocupam em encontrar estratégias que ajudem no desenvolvimento da autonomia. Portanto passa por aí, naquilo que vejo ao meu redor, pelo <b>dinamismo de muitas atividades, de muitas iniciativas que</b>, que sim, não é? Que só com, que só... Que só podem acontecer neste momento porque os alunos já ganharam um certo grau de autonomia.</p>	<p>- Envolvimento em atividades</p> <p>- Dinamismo de atividades.</p>	<p>- Atividades em que os alunos assumem envolvimento ativo</p>
Prof 3	<p>P – Da autonomia? Aaa bom, relativamente à última questão que abordei, com a autonomia deles enquanto membros da comunidade educativa <b>eu acho que sim!</b> Muito! E está comparativamente com as outras escolas, bastante mais que nas outras escolas.</p> <p>P – Aaaa, tem a ver com o facto de eles serem <b>deixados sozinhos em sala de aula</b>, quando estão... Mafalda – <b>aulas de substituição</b>.</p> <p>P - ... nas <b>aulas de substituição, com o livro de ponto</b>, com a responsabilidade de <b>manter as salas arrumadas, limpas, a chave da sala</b>... portanto todas essas responsabilidades. Depois, relativamente às outras vertentes da autonomia que eu referi, em relação à autonomia da gestão do estudo eu acho que não. Eu acho que eles estão muito pouco autónomos, não porque os professores não trabalhem nesse sentido, eu acho que é uma luta nossa, trabalhar nesse sentido, mas porque... E isso é bom, mas também tem a parte má. Os pais aqui na nossa escola são pais muito presentes na maior parte dos casos e atentos e que estão sempre muito empenhados em ajudar os filhos e acompanhar os filhos e às vezes isso traduz-se numa superproteção que os limita a autonomia em termos de serem capazes de estudar sozinhos, de organizar um resumo... Essa parte, sim.</p> <p>P - <b>Obriga-os a ser mais responsáveis</b>, aaa, a <b>responsabilizarem-se pelos comportamentos deles e dos colegas</b>, uma vez que estão <b>responsáveis pelo comportamento da turma</b> quando estão sozinhos, aaa, obriga-os também a terem, a pensarem um bocadinho mais, <b>por exemplo quando escolhem o delegado e o subdelegado</b>, não escolher porque é amigo, não escolher porque é popular, mas escolher porque <b>é alguém que vai conseguir gerir a turma</b>, não é. Porque depois também essa pessoa vai ver, <b>vai ser a imagem da turma</b> não é, e portanto principalmente nessas duas questões.</p>	<p>Sim.</p> <p>- Os delegados responsáveis pelas aulas de substituição.</p> <p>- Responsabilização.</p>	<p>- Atividades lideradas por alunos</p> <p>- Promoção da responsabilidade</p>

Prof 4	<p>P – Considero.</p> <p>P – O facto de os alunos transportarem o livro de ponto é uma forma de autonomia, até porque é um documento oficial, que tem de ser preservado e isso tem ocorrido de uma forma perfeita. Os alunos quando estão em aulas de substituição, quando o professor falta e ficam na sala de aula o delegado é responsável por supervisionar as atividades que desempenham e isso é uma forma de autonomia. A minha experiência própria é muito mais do que isso, já tive que me ausentar para estar presente em reuniões, que me pedem para estar a participar em representação da escola e deixo os meus alunos, entregues a si próprios e não tem havido problema, mas é a minha experiência pessoal.</p> <p>P – Eu acho que estas estratégias todas elas, vão fazendo com que o aluno aos poucos ganhe consciência do papel que têm, e da forma como têm que se movimentar, movimentar obviamente entre aspas, no sentido de terem uma serie de comportamentos, de uma forma autónoma, porque autonomia implica responsabilidade e quando falo autonomia falo muito de responsabilidade. Por isso é uma forma de criar responsabilidades nos alunos e é o que nós pretendemos, fazer com que os alunos quando saírem da escola de caravelos sejam cidadãos, responsáveis pelos seus atos, porque se não forem responsáveis na escola dificilmente serão responsáveis na sociedade.</p>	Sim.	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os delegados responsáveis pelo transporte dos livros de ponto.</li> <li>- Os delegados responsáveis pelas aulas de substituição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades lideradas por alunos</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consciencialização da sua função.</li> <li>- Responsabilização.</li> <li>- Formação de cidadãos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promoção da responsabilidade</li> <li>- Consciencialização do papel do aluno</li> </ul>
Prof 5	<p>P – Em contexto de escola penso que sim.</p> <p>P – Por exemplo, através dos trabalhos que são pedidos aos alunos, que já vai, vai-lhes permitir abrir algumas expetativas em relação ao futuro, saídas de futuro, por exemplo.</p>	Sim.	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de trabalhos com perspetivas futuras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades em que os alunos assumem envolvimento ativo</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura de perspetivas futuras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação de novas soluções de aplicação futura</li> </ul>

Prof 6	<p>P – Se são implementadas? Julgo <b>que sim</b>. Isto em termos muito abstratos. Mas por outro lado, eu acho que existem outras práticas, digamos assim, na escola que, de alguma forma, podem inviabilizar ou condicionar essa mesma autonomia, eu dou um exemplo, aaaa, quando nós prometemos aos alunos guiões de estudo, aaa, de orientação de estudo, de certa forma estamos a preparar, a fazer uma preparação de um trabalho que poderia ser feito por um aluno. Por outro lado, nem todos os alunos conseguem fazer essas, essas... gradativamente essas passagens e portanto sentem-se um pouco perdidos e de facto em termos de métodos de estudo. Mas a escola sim, a escola promove, promove... eu penso que sim.</p> <p>P – Por exemplo, posso-vos dar exemplos em termos da, de uma disciplina que eu dou que +e teatro, em que eles têm bastante <b>autonomia para se organizar em trabalhos de expressão dramática, em que escolhem os adereços e muitas vezes com quem querem trabalhar</b>. Obviamente que quando as coisas não resultam eu tenho de intervir. Mas eles gozam de um grande espaço de autonomia e de interação de pares.</p> <p>P – autonomia, por exemplo, de... O facto de termos uma <b>associação de estudantes</b> é extremamente positivo e é imprescindível para a vida de uma escola. Emprega <b>novas dinâmicas de grupo</b>, aaa, e está, digamos assim, atenta às necessidades não curriculares, mais não curriculares dos alunos. Uma delas é já conhecida vossa, é o facto da nossa <b>escola não ter toques</b> e portanto os alunos já percebe quando é que têm que estar presentes e quando têm que sair.</p> <p>P – Mais uma vez desembocam na <b>responsabilização</b>. Acho que eles, quando os alunos percebem que realizar determinado evento dá trabalho, mas também prazer e os resultados são benéficos. E isso é uma forma de cativar, de motivar para novos investimentos, novos desafios.</p>	Sim.	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Associação de estudantes ativa</li> <li>- Dinamização das atividades, pelos alunos.</li> <li>- Inexistência de toques.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades lideradas por alunos</li> <li>- Atividades em que os alunos assumem envolvimento ativo</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responsabilização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promoção da responsabilidade</li> </ul>
Prof 7	<p>P – <b>Eu acho que são implementadas algumas estratégias</b>, bem, agora neste momento estar a falar da escola é um bocado complicado porque ela está aí na, debaixo da atenção de tudo e de todos, não é? Mas <b>acho que sim</b>, há uma série de, de medidas que são tomadas aqui na escola e que fogem um bocado ao que é o dia-a-dia das outras escolas, do que é normal, não é. A maior parte das escolas.</p> <p>P – Sim. Por exemplo, alguns exemplos práticos. A questão é simples, a questão de <b>não haver toques</b>, por exemplo, acaba por conceder aos alunos o dever, o cumprimento do <b>dever da pontualidade</b>, não é, e eles habituam-se a cumprir esse dever que é um dos pilares do funcionamento de qualquer organização social. É ótimo. Por exemplo, a questão também do, serem <b>os responsáveis pelas turmas a gerir dia a dia o livro de ponto</b> também. Que era uma medida que quando foi falada originou uma grande discussão aqui na escola, os alunos perder, os alunos estragar, eles vão riscar, vão retirar faltas e de uma forma assim um bocado absurda e também, pelo menos com as turmas com quem eu trabalho, é uma medida que é diferente das outras escolas que eu conheço e que tem funcionado bem e os alunos acabam por se apropriar do livro e levar aquela a peito e cumprir, porque também não é hábito e <b>dá-lhes responsabilidades acrescidas e é muito importante para o desenvolvimento da autonomia</b>. Por exemplo essas são duas que eu me lembro logo assim à partida.</p>	Sim.	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inexistência de toques.</li> <li>- Os delegados responsáveis pelo transporte dos livros de ponto.</li> <li>- Avaliação formativa.</li> <li>- Avaliação sem ponderações.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades lideradas por alunos</li> <li>- Utilizar diferentes instrumentos de avaliação</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responsabilização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promoção da responsabilidade</li> </ul>

	<p>P – Podem. Podem ser sempre, não é, podem ser sempre implementadas mais medidas, sempre.</p> <p>P – Do ganho de autonomia eu acho que sim. Eu acho que podem ser várias. Pronto, embora aqui já se tenha dado uma serie de passos muito à frente do que é habitual. Até, agora lembrei-me, até na própria questão da avaliação, da avaliação ser uma avaliação muito globalizante e sistemática, e os alunos não serem apenas avaliados pela média dos testes como é habito noutros, na maior parte das escolas. E todos os instrumentos de avaliação terem o mesmo peso, etc, tudo isso os responsabiliza, não é, e deverá, deverá, não é, teoricamente, contribuir para o desenvolvimento dessa autonomia, portanto. Já demos muitos passos, agora são pequenos ajustes que se podem ir fazendo.</p>		
Prof 8	<p>P – Pontualmente, pontualmente sim.</p> <p>P – Há a realidade e há o politicamente correto...</p> <p>P – A minha perceção é não.</p> <p>P – Ao nível de escola, falta de comunicação, falta de informação, falta de colaboração/coordenação entre os professores, falta de solidariedade, falta de tempo, super trabalho desnecessário, burocracia a mais.</p> <p>P – Tinha de mudar muita coisa, a atitude dos professores, a atitude da direção, aumentar a imagem que o professor tem perante os alunos, que isso é um problema social, não é de escola. Relativamente à escola, teria que haver mais solidariedade e colaboração, mais trabalho de grupo, coisa que não existe, existe cada um a olhar para o seu umbigo e às vezes quando há problemas não é apoiado, isso queria um cumprir uma fração no grupo tás a ver, que na educação não pode haver. Já não sei qual era a pergunta ...</p> <p>P – Era isto não acontecer, e para isto não acontecer, era necessário mudar muita coisa, por exemplo a vossa formação, os novos professores e nem sei bem, se vem ao caso, nem sei bem...</p>	<p>Não.</p>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de comunicação.</li> <li>- Falta de informação.</li> <li>- Falta de colaboração.</li> <li>- Falta de solidariedade.</li> <li>- Falta de tempo.</li> <li>- Excesso de trabalho.</li> <li>- Burocracias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de comunicação.</li> <li>- Falta de informação.</li> <li>- Falta de colaboração.</li> <li>- Falta de solidariedade.</li> <li>- Falta de tempo.</li> <li>- Excesso de trabalho.</li> <li>- Burocracias.</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mudar atitude dos professores.</li> <li>- Mudar atitude da direção.</li> <li>- Promover a imagem do professor na sociedade.</li> <li>- Promover a colaboração entre professores.</li> <li>- Investir na formação inicial de professores.</li> </ul>	<p>Mudança de atitudes dos intervenientes</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promoção da imagem do professor</li> <li>- Promoção da colaboração entre professores.</li> </ul>
Prof 9	<p>P – O transporte do livro de ponto pelos alunos, por exemplo, não é.</p> <p>P – Apenas essa. Estou a tentar lembrar-me de mais, ou de outras possíveis. Vamos ver, no que diz respeito às aulas, é essa estratégia das aulas de substituição, há muitas atividades que podem passar por aí. Não é, e nós realmente não falámos delas, mas há muitas que podem passar por aí e que com o desenvolvimento da consciência, dessa consciência, os alunos podem vir a desenvolver no futuro outro tipo de atividades.</p>	<p>Sim.</p>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os delegados responsáveis pelo transporte dos livros de ponto.</li> <li>- Os delegados responsáveis pelas aulas de substituição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades lideradas por alunos</li> </ul>

	<p>P – Leva-os a perceber a forma como a escola se organiza e a pensar como é que eles podem participar nessa organização, porque estão-lhes a pedir uma tarefa, é preciso que eles percebam que essa tarefa faz parte de muitas tarefas que fazem com que a máquina funcione. Por isso, se nós queremos uma escola com participação dos alunos, culminando mais tarde com a participação dos alunos numa coisa que deve ser séria, que é, como é que se diz, que é a associação dos alunos.</p> <p>L e T - Associação de estudantes.</p> <p>P – A associação de estudantes, a associação de estudantes deve ser entendida como uma coisa séria e não me parece que por exemplo, na nossa escola funcione bem, não funciona, não funciona bem, parece-me que se podem fazer muitas críticas em relação a isso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consciencialização da sua função.</li> <li>- Abertura de perspetivas futuras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consciencialização do papel do aluno</li> <li>- Criação de novas soluções de aplicação futura</li> </ul>
Prof 10	<p>P – Sim, acho que se tenta bastante implementar isso.</p> <p>P – A nível de escola mesmo. Todo o funcionamento da escola, o facto dos alunos terem por exemplo: que tomar conta do seu material, aaaaa, serem, serem eles responsáveis por trazer o material necessário, por exemplo para a vossa disciplina, Educação física, a minha, educação musical e por ai fora. Portanto eles tem, eles são responsabilizados por isso e tem de ser eles a tratar do assunto, o facto de terem de mudar de sala, terem que gerir por exemplo o tempo dos intervalos e saberem inclusive, pronto não há toques, eles tem de estar atentos a essas coisas, saberem que tem de ir para a aula, que tarefas é que têm de fazer. Aaaaaa...o facto de haver ordem por exemplo a nível do bar e do refeitório, não é, a terem que estar, a terem que tirar senhas, inclusive atempadamente, para o refeitório, não é, é da responsabilidade deles ou dos pais deles, mas deveria ser da deles até. Aaaaaa e terem que ter horários também para isso e uma ordem para isso, arrumar por exemplo os tabuleiros. Aaaaaa, terem cuidado com as instalações que são de todos, com o material, com as casa de banho, essas coisas todas. Eu acho que isso.</p> <p>P – Sóóóóóóóó, só implementando certos hábitos, que são fundamentais depois para o dia-a-dia mais tarde também é que eu acho que se cria autonomia, pronto, há regras que tem de passar por todos, não é, e não são só para agora, são para mais tarde e nesse aspeto eu acho que o cumprimento ou o exigir-se que se cumpram essas regras e estarmos atentos e termos uma atitude também solidaria, pedagógica para com eles para quando não respeitam essas regras e mostrar. Eu acho que isso existe, não existe só o ralar mas existe também explicar que se deve ter feito isto ou aquilo, portanto, eu acho que isso é fundamental e pode contribuir, sim.</p>	<p>Sim.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Responsabilização pelo material e instalações.</li> <li>- Não há toques.</li> <li>- Marcação de refeições.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades lideradas por alunos</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura de perspetivas futuras.</li> <li>- Responsabilização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promoção da responsabilidade</li> <li>- Criação de novas soluções de aplicação futura</li> </ul>

Pergunta 2.3

2.3 Que outras estratégias, ao nível da escola, considera que poderiam ser implementadas no sentido da promoção da autonomia dos alunos?

Prof 1	<p>P – Muita coisa poderia ser implementada, mas eu acho que a nossa dificuldade, pelo menos nós sentimos muito isso no português, os alunos têm imensas dificuldades na disciplina, na escrita, na ortografia, enfim tudo, tudo e aquilo que acontece é que se calhar descuramos um bocadinho estratégias, que poderiam dar essa autonomia, porque nós estamos muito centrados e preocupados em trabalhar a leitura e análise de texto e a escrita, sempre um trabalho e esse trabalho como é óbvio, tem de um trabalho encaminhado, porque eles não sabem e à algo que se faz muito e nós fazemos muito depois dos testes comuns, aquilo que se verificou foi pronto, a gramática deles lá conseguem papaguear algo, se estudam, mas a leitura e a escrita é má, então nós uma estratégia para promover a autonomia na escrita, é de facto dedicar mais tempo á escrita, orientá-la, lemos ... nós fazemos sempre isso não é, mas ali um bloco só connosco, ler um texto, descodificá-lo, trabalhá-lo e escreve-lo, ou seja partir das perguntas, nós encaminhámo-los como poderiam responder a pergunta e depois fazemos juntos e o professor vai fazendo e realmente, tentamos criar aqui alguns modelos, porque eles às vezes não os têm e a maior parte das vezes, assim por motivos diversos ... não têm e nós tentamos dedicar muito tempo de facto a esse lado, para criar essa autonomia, por exemplo é uma estratégia nossa dedicar mais tempo, retirando da aula, aquele .... os conteúdos que devemos lecionar para de facto, dedicar esse tempo todo à escrita connosco a encaminhá-los, connosco a ditar a resposta, tão haver agora poderiam fazer assim, com eles a dizer como poderiam fazer ..... e orientando, por isso a nossa preocupação parte muito de arranjar estratégias para a autonomia da leitura, da interpretação da escrita.</p> <p>P – Que outras estratégias, por exemplo acho que há coisas interessantíssimas a fazer, e volto ao mesmo que para mim, sempre ao nível da arte, para poder cruzar ... do cinema, ... da ... da ... pintura, da música não é, tentar cruzar com as matérias não é, trabalhos, até trabalhos que a pessoa possa ... mas nós ... mas o nosso problema é a falta de tempo, muita falta de tempo para ... porque a nossa grande preocupação e o nosso cavalo de batalha é a escrita, depois temos pouco tempo, ... e eu por exemplo e os meus colegas também estamos atrasados, eu só tenho 10º de dia este ano, porque tenho 10º, 11º e 12º à noite, mas estamos atrasados em relação à planificação, por exemplo ... porque há falta de tempo, há falta de tempo para implementar outras estratégias que não aquelas que tenham a ver com pô-los a escrever, tentar não é ... ler, escrever, organizar em modelos, até porque o novo programa de 10ºano, que vai ser implementado no próximo ano, tem muito a ver com modelos, nada de textos híbridos, modelos, modelos, como a matemática, tem regras, portanto também podem adquirir esses mecanismos no português não é, mas nós já o fazemos, não tem nada a ver e a nossa grande preocupação é essa e as nossas estratégias pá, são todas direcionadas para ai, embora existissem muitas interessantes, fazer outros trabalhos, ver um filme, às vezes fazem como é obvio, porque nós temos a parte da oralidade não é, mas pronto cá está a nossa parte da oralidade vai sempre para ler livros de literatura portuguesa, para que eles ... enfim, é natural não é, e depois falta-nos tempo assim para aquele lado criativo que seria muito interessante mas não há tempo para isso.</p>		
--------	---	--	--

Prof 2	P – Aaaaa... Penso que ainda há muito por fazer. Quando aaaa, quando nós pedimos um <b>trabalho mais formal</b> , digamos assim. Porque há muitos <b>alunos que ainda não sabem por onde começar</b> . Aaaaa, eles têm <b>acesso a um mundo de informação</b> através da, são miúdos que nasceram na era digital não é, portanto eles têm acesso à informação, <b>contudo eles não sabem ainda gerir muito bem este novo mundo</b> , não é? Que é muito para ele de entretenimento. Não são suficientemente, <b>ou não são levados a considerar que tudo o que está à sua disposição também é uma ferramenta que eles devem aplicar no seu dia a dia</b> . E perdem-se muito com este mundo de, de, de... que eles têm à sua disposição mas que depois o que se vê é muito, aaa, <i>Copy Paste</i> , não é. Portanto eles <b>não sabem pegar em informação, digeri-la e depois torna-la própria, não é, toná-la minha</b> . E tem que ser ensinado aos miúdos.		
Prof 3	P – Aaaa, bom... Se calhar essa parte não é tão, tão fácil. Pelo menos em termos de autonomia enquanto elementos da comunidade educativa. Aaa, talvez fomentar um bocadinho mais a parte da, da <b>associação de estudantes</b> . Eu acho que a associação de estudantes tem um papel fundamental aí, porque nós só ouvimos falar da associação de estudantes no barulho da eleições não é, e depois não há, não é, não damos por ela. E a associação de estudantes eu acho que tem um <b>papel fundamental</b> . Tinha que ser <b>mais interventiva, os alunos tinham que perceber que ela existe</b> , quando há uma festa e, portanto, a associação de estudantes eu acho que devia de <b>desenvolver algum tipo de atividades para desenvolver também essa autonomia, porque eles próprios são pouco autónomos</b> , muito...	- Associação de estudantes ativa	- Atividades desenvolvidas pelos alunos e supervisionadas pelos professores
Prof 4	P – Para promover a autonomia, à semelhança certamente do que se faz com os livros de ponto, certamente por turma, <b>nomear um grupo de alunos, um ou dois alunos responsáveis por no final da aula verificar se a sala de aula fica arrumada</b> , certamente ... por exemplo, o problema não é muito recorrente, mas ainda é um problema que nós temos, <b>chegarem atrasados, talvez discutir isso com os alunos na formação, e questionar os alunos para eles próprios sugerirem estratégias para colmatarem o problema</b> . Ao nível da interação com os mais pequenos, acho que <b>todas as atividades que envolvam alunos de diferentes níveis etários, que envolvem a heterogeneidade</b> , acho que muitas atividades deveriam ser não homogéneas mas sim heterogéneas no sentido de <b>misturar alunos de diferentes níveis etários e diferentes níveis de ensino</b> , porque os mais pequenos, <b>se os mais velhos forem alunos responsáveis e autónomos aprendem</b> , portanto penso que poderá passar muito por aí algumas dessas estratégias.	- Responsabilizar os alunos pelas instalações. - Solicitar a contribuição dos alunos na procura da resolução dos problemas da turma. - Promover a interação entre alunos de diferentes faixas etárias.	- Atividades desenvolvidas pelos alunos e supervisionadas pelos professores - Promover interação entre os alunos
Prof 5	P – Não estou bem assim a ver... <b>Não me lembro</b> .		
Prof 6	P - Não sei se as <b>assembleias de alunos</b> , aaa... Não só no início do ano, mas <b>com maior periodicidade</b> . Aaaa, acho que, por exemplo, acho que faz falta <b>um jornal! Um jornal ou uma rádio</b> , acho que os alunos poderia estar com... Ter uma <b>participação mais ativa, mais próxima da comunidade educativa</b> .	- Assembleias de alunos mais frequentes. - Rádio e Jornal gerido pelos alunos.	- Atividades desenvolvidas pelos alunos e supervisionadas pelos professores - Promover interação entre os alunos

		- Promover interação dos alunos na comunidade educativa.	
Prof 7	<p>P – Podem. Podem ser sempre, não é, podem ser sempre implementadas mais medidas, sempre.</p> <p>P – Do ganho de autonomia eu acho que sim. Eu acho que podem ser várias. Pronto, embora aqui já se tenha dado uma serie de passos muito à frente do que é habitual. Até, agora lembrei-me, até na própria questão da avaliação, da avaliação ser uma avaliação muito globalizante e sistemática, e os alunos não serem apenas avaliados pela média dos testes como é habito noutros, na maior parte das escolas. E todos os instrumentos de avaliação terem o mesmo peso, etc, tudo isso os responsabiliza, não é, e deverá, deverá, não é, teoricamente, contribuir para o desenvolvimento dessa autonomia, portanto. Já demos muitos passos, agora são pequenos ajustes que se podem ir fazendo.</p>		
Prof 8			
Prof 9	<p>P – Por exemplo, haver atividades, haver atividades, no espaço exterior escolar em que os alunos pudessem gerir essas atividades.</p> <p>T – Dinamizar.</p> <p>P – Por exemplo, essas atividades podiam ser geridas pela associação de estudantes, desde que tivéssemos espaços determinados para determinadas atividades, desde que essas atividades pudessem acontecer em determinadas alturas ou sempre, desde que não prejudiquem o andamento normal das aulas, etc, etc, etc. Eu sei que por exemplo em relação à nossa escola e no atual espaço disponível, a situação é complicada porque a maior parte do espaço exterior, uma grande parte, não é, está, ou faz parte, dos espaços utilizados pela Educação Física. Mas, talvez, se pensarmos bem, talvez se consiga arranjar outros espaços onde os alunos possam ter outro tipo de atividades. Eu pessoalmente acho, acho que na nossa escola se deveria ter esses espaços, esses espaços, neste momento está a ser difícil, nós estamos num espaço recente, novo, novo, com novas paredes, novas divisões e ainda não percebemos bem o espaço, andamos a tentar perceber, talvez como tirar o melhor partido dele. E era importante que os alunos quando estão fora das aulas pudessem perceber melhor esse espaço, até provavelmente alguns grupos já descobriram, não é, mas realmente espaços disponíveis, por exemplo, para os alunos jogarem à bola de uma forma recreativa fora das aulas de educação física, parece-me que não há. E eles de vez em quando aparecem à nossa frente co a bola nos pés e nós dizemos “epah, não podes jogar aqui!” quer dizer, é complicado. Não há, não há lugares construídos para outro tipo de atividades, por exemplo, nós temos alunos do 5ºano e podíamos ter que, por exemplo, sei lá, o jogo do Mata num sítio qualquer, esse tipo de jogos, ais direcionados para aquele tipo de idade. Temos de descobrir, temos de pensar.</p>	<p>- Gestão dos espaços exteriores pelos alunos.</p> <p>- Dinamizar atividades.</p>	- Atividades desenvolvidas pelos alunos e supervisionadas pelos professores
Prof 10	<p>P – Um bocadinho complicado, é assim, pronto, eles também já tem nas próprias visitas de estudo, quando se deslocam fora que dar uma certa imagem da escola, isso também funciona, não é com todos, mas também funciona. Aaaaaaaa...eventualmente, algumas tarefas e já se falou nisso e penso</p>	- Dias temáticos dinamizados pela escola.	- Atividades desenvolvidas pelos alunos e

<p>que de vez em quando se implementa. Por exemplo, falou-se, penso que está, que houve essa ideia de assinalar certos dias, por exemplo o dia da árvore, o dia de outra coisa qualquer e plantar coisas, apanhar lixos, por exemplo também de vez em quando houve turmas que fizeram isso e é assim, não há muita disponibilidade da parte dos professores, mas de vez em quando fazem isso e se calhar deviam fazer mais vezes porque eu acho que isso contribui bastante.</p> <p>T – Responsabilizar os alunos nessas tarefas.</p> <p>P – Responsabilizar os alunos por essas tarefas por, por uma série de tarefas comuns, não é, para o bem comum.</p>	<p>- Responsabilizar os alunos por tarefas.</p>	<p>supervisionadas pelos professores</p>
---	---	--

<p>Pergunta 3</p> <p>Em contexto de sala de aula utiliza estratégias com vista à promoção da autonomia dos alunos?</p> <p>Quais?</p> <p>De que forma considera que essas estratégias contribuem para a promoção da autonomia dos alunos?</p>						
<p>Prof 1</p>	<p>P – Utilizo sim.</p> <p>P – Posso identificar sim, os trabalhos, vou sempre para o mesmo, vou ao cinema por exemplo, tive de dar a notícia, o texto dos media e texto intimista, o diário ... foi ver um filme de que gosto muito que é “O Solista”, que tem o Beethoven de quem gosto muito, pelo meio, é lindíssimo e a partir daí, todos eles, eles acharam interessantes, ... fizeram cartas, notícias, entrevistas, do jornalista e do solista, que é um sem-abrigo que anda nas ruas de Los Angeles, entrevistas, cartas, diários, eles gostaram e foi interessante, foi um trabalho que os motivou, depois algumas coisas fazíamos em conjunto e como é que faço em conjunto também, e outras isoladamente, por exemplo grupos de 4, eu acho que estive também promove um bocadinho a autonomia, não temos é tempo para isto volto a dizer, mas pronto fazemos de vez em quando, colocamos nos grupos de 4, 2 alunos bons e 2 alunos menos bons, ali em sala de aula a fazer, porque eu expliquei-lhes isso e disse porquê que estava a fazer dessa maneira, porque aqueles menos bons a ouvir os outros, como é que constroem as ideias, como é que põem de pé, vão aprendendo alguma coisa com eles, portanto eles não criam grupos, porque lhes apetece ou porque sim, somos nós a cria-los com esse objetivo e eles sabem-no e nós dizemos.</p> <p>P – Contribui, porque leva-os à interpretação, leva-os à escrita e leva-os a ter gozo, eu acho que quando se tem gozo por alguma coisa, leva-nos a fazer um bocadinho melhor, porque estamos empenhados e isso vai contribuindo aos poucos, quer essa estratégia do grupo de 2 alunos que se comportam muito bem e são bons alunos e 2 alunos menos bons, para ... e eles vão criando mecanismos com os outros, vão aprendendo com</p>	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="1469 783 1733 991"> <p>Sim.</p> </td> <td data-bbox="1733 783 2049 991"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="1469 991 1733 1348"> <p>- Trabalhos de grupo - Formar grupos heterogéneos</p> </td> <td data-bbox="1733 991 2049 1348"> <p>- Realização de trabalho em grupo</p> </td> </tr> </table>	<p>Sim.</p>		<p>- Trabalhos de grupo - Formar grupos heterogéneos</p>	<p>- Realização de trabalho em grupo</p>
<p>Sim.</p>						
<p>- Trabalhos de grupo - Formar grupos heterogéneos</p>	<p>- Realização de trabalho em grupo</p>					

	<p>os outros, porque aquilo partem do zero, agora vamos fazer uma entrevista e então como é que fazemos, mesmo aqueles que estão calados, estão a ouvir o que os outros estão a dizer e vão pondo de pé e vão percebendo e vão mecanizando alguma coisa e vão aprendendo porque acho que é importante.</p>		
--	--	--	--

Prof 2	<p>P – Aaaaa... Aqui na escola, aaa... Em inglês, se nós, aaa, professores, aaaa, pensarmos no projeto que nós temos em mãos, estou a falar do manual que nós temos entre mãos, aaaa, e eu conheço-o bem, aaa, é um manual que ajuda o professor. É muito difícil hoje em dia para quem tem, e em inglês é muito fácil isso acontecer, ter 4/5 níveis, 6/7/8/9 turma, é muito difícil planificar as aulas tendo em conta a variedade e a heterogeneidade dos alunos, se não tivermos entre mãos um projeto que nos ajude no dia a dia. E se eu olhar para o projeto, aaa, eu penso que nós podemos orientar os alunos paa que eles sejam mais autónomos nas quatro grandes competências a inglês, que é a produção oral, a produção escrita, a leitura, a compreensão e a produção oral, interação oral. Portanto, em relação, por exemplo, ao <i>Speaking</i>, à oralidade, nós temos, no 5º e 6º ano muitos guiões, muitos modelos. E o modelo, quando os alunos começam assim, desde pequeninos, é um modelo que os vai orientar, não só em termos de ideias, mas também em termos de estrutura da própria apresentação, oral ou escrita. Porque muitas vezes aquilo que acontece é, os alunos até têm ideias, não sabem é como organizá-las e isso é visível na escrita e na oralidade. Se eles forem levados a analisar um modelo, como é que isto está construído, não é? Se forem eles a fazerem essa própria descoberta, e é isso que está presente como estratégia, sou eu a descobrir, não é? Qual foi o caminho que levou o autor a construir o texto que está aqui, como é que ele foi feito, para além das ideias, que eles ideias também têm muitas, é uma forma de organizar o discurso, oral e escrito, porque isto também funciona nestas duas grandes áreas. E isso é algo que nós fazemos com muita frequência. Isto culmina num trabalho ainda mais autónomo no final de cada período, que é uma apresentação oral, normalmente individual, se não é individual houve uma fase do trabalho de pesquisa talvez em comum, mas depois a apresentação é feita individualmente e a nota é atribuída individualmente. Para as alunos chegarem a essa total liberdade, não é? E total autonomia, claro que eles são levados, aos poucos, não é, analisando as coisas e tirando as suas próprias conclusões, não é? E se nós fizermos isso no segundo ciclo e depois no 7º e 8º ano, no 9º ano, esperamos que já não seja necessário e que depois eles já possam, então, tendo um tema, qualquer tema, pegar num tema, tentar planificar o tema, ver qual é a estrutura a aplicar, ver qual é o produto final que eles querem e depois as ideias vêm também, não é? Isso é uma das coisas que nós fazemos. Outra coisa também, tanto na expressão escrita como na produção oral, outra das coisas que nós temos, e também já falei nisso é, claro que há língua, gramática, digamos assim, e aí, aquilo que nós tentamos fazer é, não vale a pena nós, professores construirmos uma tabela toda gira com as regras e alguns exemplos. Claro que isso é útil, é uma sistematização, mas se eu der isto para as mãos dos alunos eles apenas irão lê-la, não é? Se forem eles a construí-la, tudo aquilo que eu faço eu retenho melhor a informação não é? Memorizo-a muito melhor, portanto eles são levados através de exemplos que são, é tudo contextualizado, o que permite uma melhor aprendizagem, mas esses exemplos que são retirados de coisas que acabámos de fazer são colocados no quadro e muitas vezes, por comparação, utilizando técnicas das coes, do destacar as coisas de forma diferente, orientá-los, claro que isto há sempre várias fases, o professor tem que saber onde quer chegar, e os alunos ao passando por essas várias fases vão construindo eles próprios o seu saber, a sua regra, não é, que até é uma forma... todos eles têm maneiras diferentes de lá chegar, todas elas válidas a partir do</p>	Sim.	
--------	--	------	--

<p>momento em que cheguem àquilo que é essencial. E só depois então é que fazemos uma sistematização. Mas são eles que, gradualmente, nos vão dizendo as respostas, construindo o seu próprio saber, não é? Penso que, mais facilmente, eles irão memorizar depois. Outra das coisas também que nós fazemos é trabalhar muito em par, em pares. Aaaa, uma das coisas que foi feita há pouco tempo é: muito bem, porque é que será sempre o professor a corrigir as coisas, porque é que não podem ser os alunos a fazer a própria correção das coisas, temos uma minificha por exemplo, aaa e a seguir há um aluno que vai fazer a correção, e nós trocamos as minifichas. E eles pegam na caneta verde, que é o verde que eu utilizo, e vão corrigir uma ficha que é do colega. E é muito engraçado eles aaaa, verificarem, e muitas vezes dizem “Ah, então não foste capaz de fazer este exercício? Eu pensava que tu até eras muito melhor a Inglês. Afinal...” ou então ao contrário não é? Descobrir que um aluno, que à partida eles achavam que não era assim tão bom a Inglês, mas acerta a ficha toda. Aaaa, isso em termos de autonomia é importante porque eles aprendem com os erros dos outros, não só com os próprios, não é? Aaaa, há muito trabalho a pares na aula de inglês, tem mesmo que haver. Só fazendo é que eu cresço, é que eu consigo, aaa, resolver as situações. Depois, há outras coisas ainda, aaaa, eles têm determinadas atividades em sala de aula, vão trabalhando ao seu ritmo e no final, quando eles acharem que podem ir verificar, autonomamente as soluções, eles têm acesso a elas, portanto, há uma parte do manual que permite que o aluno seja aaa, que seja ele próprio a corrigir, a autocorrigir-se. E isso é muito bom em termos de autonomia, quando eles aprendem a fazer as coisas e não irem imediatamente às soluções verifica-las. E isso acontece até ao 9º ano. O manual de 9º ano já não terá a soluções, portanto, espera-se que eles aaaaa gradualmente sejam honestos também com aquilo que eles fazem aaaa e possam então aprender também assim. Há outra coisa ainda que é muito importante. Eles têm um apêndice no manual, que ajuda em casa no seu próprio estudo. Portanto, construir em casa o seu próprio estudo. Muitas vezes os alunos não têm acesso... têm acesso online claro a gramáticas e livros de exercícios e fichas de exercícios. Mas se eles tiverem ali, à mão, pregado ao manual, uma parte que poderá ajudar a resolver o exercício não é? E se forem ensinados na aula a utilizar esse apêndice como uma ferramenta, então em casa irão mais facilmente à procura dessa ferramenta e aquilo que interessa aqui é: eu não sei resolver este exercício, onde é que eu vou procurar? Como é que este manual, não é? Ou como é que este livro de exercícios me pode ajudar a resolver esta situação. Aaaa, se nós conseguirmos isso é meio caminho andado para a aprendizagem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhos de grupo</li> <li>- Criar e usar guiões e modelos</li> <li>- Apresentações</li> <li>- Hétero correção</li> <li>- Autoavaliação</li> <li>- Usar o apêndice do manual</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de trabalhos em grupo</li> <li>- Avaliação realizada por alunos</li> <li>- Construção das próprias aprendizagens</li> </ul>
---	---	---

Prof 3	<p>P – no contexto da sala de aula? Pronto eu posso falar pelo meu grupo...</p> <p>P – Pelo meu grupo de disciplina, não é? Pronto. O que nós tentamos muito fazer é, nós damos-lhe as ferramentas para descodificar enunciados, para trabalhar os enunciados. Tentamos promover a tal vertente que eu falei do, do, da autonomia no estudo e na aprendizagem, na construção da aprendizagem. Em relação à promoção da aprendizagem tem a ver com darmos-lhes situações que lhes permitam ser eles a chegar às conclusões, não é dar a teoria e depois vamos aplicar este exercício. É ao contrário. Partimos das situações, sempre que possível, nem sempre é possível, não é, tentar que sejam eles a construir o conhecimento. Depois também ensiná-los, acho que é uma coisa que eles não sabem, fazer resumos, tomar apontamentos, ver coisas que o professor diz mas que às vezes não escreve, que é importante eles aprenderem principalmente no 5º/6º/7º ano a fazer, não é. É dar-lhes essas ferramentas para depois eles conseguirem fazer isso sozinhos. E fomentar também aa, o uso do manual, a consulta. Eles não sabem consultar, depois ir atrás, não se lembram da fórmula que demos na aula passada já não fazem, e não vão lá ver não é. Portanto, não lhes dar, não é, é muito mais fácil para nós em termos de gestão de tempo “olha a fórmula é esta” ou escrevê-la no quadro pela milionésima vez. Tentamos não fazer isso, não é, pelo menos eu tendo a fazer isso, tendo a dizer</p>	Sim.	
--------	---	------	--

	<p>“olha isso foi na aula passada ou há duas ou há três, vai lá procurar. Ou está na página tal”. E é importante também isso para desenvolver a autonomia deles.</p> <p>P – tem a ver... aaa, em sala de aula tem a ver com isto que eu acabei de dizer não é, fazer com que eles construam partes do seu conhecimento e que se apropriem das coisas não é, porque é melhor do que eu dar uma regra e agora vamos utilizá-la, muitas vezes não lhes diz nada. Aaa, essa arte da procura, do ir à procura das coisas vai ajudá-los, por exemplos os meus alunos todos no básico fazem um portefólio com resumos da matéria que são avaliados e isso eles têm que fazer sozinhos e depois vêm perguntar se já está, se podem escrever de outra maneira, pronto. Eles têm uma coisa, resumo para eles é copiar o que eu disse, não é escrever pelas palavras deles e às vezes eu até faço isso com os mais pequeninos, que é, tenho ser formal na transmissão do conhecimento mas depois “agora vamos lá escrever isto por outras palavras” que eles entendam que às vezes não têm nada a ver com a matéria não é, temos que... para eles é mais fácil entenderem o que aquilo significa pronto. Depois, enquanto diretora de turma tem a ver com a parte de, já de autonomia em termos de escola não é, com o cuidado... e por exemplo este ano eu percebi isso o ano passado na minha direção de turma, eles elegeram um subdelegado que... pronto porque era porreiro não é, e depois aquilo correu mal, como é óbvio. E depois queriam destitui-lo e eu disse “não, vocês elegerem! Se eu também não gostar do primeiro ministro tenho que o aguentar quatro anos. Elegeram-no, agora aguentam-no até ao fim!” “Aí vamos ser castigados!”, pois paciência. Portanto este ano eles já não escolheram assim, eles já pensaram duas vezes em quem é que iriam escolher para os representar, portanto, eles perceberem isso também na formação cívica na aula de formação, principalmente, que é importante também a aula de formação que nós temos para trabalhar essa parte da autonomia e de eles também perceberem a importância de quem os vai representar, a importância de escolherem quem, em sala de aula quando não está o professor vai conseguir gerir aquilo não é, e também responsabilizá-los, porque também não é, como no ano passado, havia muito “ah, se o subdelegado se porta mal, nós também nos portamos todos mal” e não pode ser, não é, eles também têm que perceber que são todos corresponsáveis quando estão em sala de aula não é, e têm que também saber gerir isso.</p>	<p>- Construção das próprias aprendizagens por parte dos alunos</p> <p>- Promover elaboração de resumos por parte dos alunos.</p> <p>-Promover elaboração de apontamentos por parte dos alunos</p> <p>- Consulta do manual por parte dos alunos</p>	<p>- Construção das próprias aprendizagens</p>
Prof 4	<p>P – Sim. P – O facto de os deixar a trabalhar sozinhos ...</p> <p>P – O facto de lhes dar orientações para um determinado trabalho e terem que apresentar um produto final, o facto de eu me ausentar e serem responsáveis e ficarem sozinhos, sei lá ... quer dizer, quase que nem consigo ... objetivar porque eu sigo os alunos de 10º e 11º ano, os alunos quando chegam ao 10º ano já vêm com alguma autonomia e eu não ... tenho ... não consigo identificar ... comportamentos nos miúdos, nestes alunos que denotem alguma falta de autonomia, ou seja, evidente que alguns são infantis ainda, mas são alunos, pelo menos as turmas que tenho este ano são muito autónomos do ponto de vista da responsabilidade, de lhes atribuir uma tarefa e cumprirem, dar-lhes tarefas que têm de cumprir o prazo, senão cumprir o prazo</p>	Sim.	

	<p>paciência não sou tolerante, por exemplo em termos de trabalhos de grupo, se eu mandar um aluno fazer um trabalho de grupo, de pesquisa, de investigação, eu digo-lhes em janeiro, este trabalho é para estar pronto, por hipótese na semana da ciência e um aluno, só para lhes dar um exemplo, um aluno vai-o me dizer a semana passada eu disse-lhe que no carnaval estou disponível para discutir com vocês e vós orientar, passou o carnaval, e na última aula veio ter comigo e disse-me professora eu queria falar consigo sobre o trabalho ... não é tarde, vais ter as consequências, portanto quando eu lhes dou um trabalho que eu acho que envolve, trabalho entre aspas, que não é uma coisa leve, eu exijo deles autonomia e a autonomia é cumprir prazos, se eu estipulo uma data para discutir o trabalho, tem de ser essa a data para discutir o trabalho, porque se vou flexibilizar muito, quer dizer eles não têm autonomia nenhuma, quer dizer sou que ando com eles ao colo e portanto nesse aspeto acho que é uma forma de eles terem autonomia, inclusivamente às vezes dar-lhes pedaços de conteúdos para eles apresentarem aos colegas de matérias.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dinamização da matéria por parte dos alunos</li> <li>- Estabelecimento de prazos</li> <li>- Orientações de trabalhos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção das próprias aprendizagens</li> <li>- Atividades que promovam responsabilização dos alunos</li> </ul>
Prof 5	<p>P – É mais isso, nós nas áreas das ciências é mais trabalhos de pesquisa, para... elaboração de trabalhos, aaa... Trabalhos de grupo, em que eles também têm que saber lidar uns com os outros e portanto há sempre uma ajuda de uns em relação aos outros, uns com mais facilidade do que outros e portanto acaba por ser uma autoajuda de uns em relação aos outros... è isto.</p>	<p>Sim.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhos de grupo</li> <li>- Trabalhos de pesquisa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de trabalhos em grupo</li> </ul>
Prof 6	<p>P – Sim! (R3) Trabalhos de grupo, ou alguns temas que possam ser discutidos em história. Nem sempre, mas podem alguns. Podem ser discutidos sobretudo quando estamos a compa... aaa, a tentar falar de temas com abordagens numa perspetiva de passado, presente, futuro. Partimos sempre de um conceito contemporâneo ou partindo de uma realidade próxima do quotidiano do alunos, de uma vivência para chegar a um conceito mais abstrato ou mais difícil, a maior parte vai ser dado. P – Sim, eu penso que sim porque faz com que os alunos exercitem uma análise crítica e portanto que, de certa forma, possam também aaa, chegar a conclusões, sem que essas conclusões sejam primeiro dadas pelo professor. Depois podem ser complementadas obviamente e corrigidas.</p>	<p>Sim.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhos de grupo</li> <li>- Discussão</li> <li>- Abordar temas a partir da realidade</li> <li>- Trabalho a pares</li> <li>- Abordar temas com perspetiva de passado, presente e futuro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de trabalho em grupo</li> <li>- Atividades que promovam a reflexã e intervenção crítica</li> <li>- Desenvolvimento de temas relacionados com a realidade</li> </ul>
Prof 7	<p>P – Isto, isto varia, quer dizer, fugindo um bocado à questão. As aulas e isso é um dos aspetos que me atrai, agora fugindo um bocado à vossa pergunta, ou não, não sei. Um dos aspetos que mais me atraiu desde sempre aqui na profissão docente, já la vão quase 30 anos, foi eu próprio sentir autonomia na gestão do meu dia-a-dia e da minha profissão, pronto. E, e essa, essa sensação de ser autónomo e puder gerir as aulas em</p>	<p>Sim.</p>	

	<p>função das especificidades da turma que temos à nossa frente, acaba por nos levar a perceber que...bem, as aulas se nós formos sinceros, as aulas e os alunos, a maior parte das vezes por mais que nós as preparemos, há n situações que são imprevisíveis e que nós temos que resolver no momento, e pronto, e sem duvida que eu tento sempre promover nos alunos essa, essa, o desenvolvimento desse sentido, não é, serem autônomos é fundamental, pronto, não é fácil, digo-vos já que não é fácil, nem há receitas, era ai que eu queria chegar. Mas eu acho que todos nós, não só eu, mas todos os meus colegas usamos mil e uma estratégias e tentamos e tentamos dar.</p> <p>P – Por exemplo, assim coisas mais básicas, o estabelecimento de trabalhos em parcerias, por exemplo, em sala de aula. Uso muito os alunos, caso muito os alunos, um aluno melhor com um com mais dificuldades para que aquele que tem mais aptidão para a Geografia consiga ajudar e dar a volta ao colega que tem, tem mais problemas, por exemplo. Junto-os muito e faço muito trabalho de pares nesse sentido, por exemplo, portanto, é um, para mim é uma boa estratégia e tem resultado. Portanto, a questão da participação das minhas turmas também, aaaa, a participação em sala de aula é muito importante e eles participam muito, mas é sempre uma participação, e eles aprendem logo no inicio, é uma participação, tem que ser ordeira, pronto, e eles, eles habituam-se realmente a participar um de cada vez e a respeitar os tempos de espera para os outros colegas participarem, ou respeitar o professor quando está a falar e não há intervenções paralelas e desajustadas e habituam-se a isso desde cedo e as aulas funcionam muito bem e acabam eles próprios por saber gerir isso. No fundo, como professor e como diretor de turma nós tentamos, tentamos ao máximo trabalhar as turmas de modo, que é o ideal não é, que elas acabem por funcionar em regime de auto gestão, não é. E ai é chegar à autonomia no sentido pleno, já tive uma ou duas direções de turma ao longo destes quase 30 anos de serviço, em que o esquema estava tão bem montado e eles conheciam-me tão bem e eu conhecia tão bem os alunos que praticamente eu não tinha que intervir, eram eles que organizavam e geriam todo o processo, pronto, la estava a tal autonomia e era, tudo era feito de forma clara e evidente e muito interessante em termos comportamentais. Isso era o ideal, era chegar la, consegue-se com algumas turmas, apos muito trabalho conjunto, mas com outras é muito mais difícil como é óbvio, não é, e já se sabe, à partida quanto mais novinhos forem os alunos, maior será a dificuldade em instalar este, este regime de autonomia e gerir todo o processo, no secundário o processo está um pouco mais facilitado, teoricamente, depende das turmas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalho a pares</li> <li>- Pares heterogéneos</li> <li>- Promover a participação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de trabalhos em grupo</li> <li>- Atividades que promovam a reflexão e intervenção crítica</li> </ul>
Prof 8	<p>P – Sempre.</p> <p>P – Olha ainda hoje, foi para o sarau não dei aula e disse-lhes e vocês têm de se organizar disse-lhes têm de fazer isto, isto e isto, agora quero ver e cumpriram. E eles deram o aquecimento, foram buscar o material, controlaram o material, dei-lhes apenas indicações do que queria que fizessem e eles cumpriram.</p> <p>P – Sempre, eles fizeram, eu faço comando.</p> <p>P – De que forma contribui, na tomada de consciência dos objetivos, no empenhamento que têm de ter para conseguirem os objetivos. Se os objetivos passarem por autonomia em grupo, por exemplo, eu estou em</p>	<p>Sim.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Alunos dão o aquecimento</li> <li>- Responsabilizar pelo material</li> <li>- Dar indicações das tarefas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção das próprias aprendizagens</li> <li>- Atividades que promovam a responsabilização dos alunos</li> </ul>

	grupo mas sou autónomo, não preciso da indicação de um polícia para me portar bem. Sabes que a nossa disciplina é muito importante para isso.			
Prof 9	<p>P – Diariamente. Eu atualmente só trabalho com o 11º ano, mas eu acho que isso é fundamental. Agora, não é fácil, não é fácil os alunos perceberem, ainda ontem falei com os meus alunos, os alunos perceberem, e falo sempre que entendo que é necessário, que as coisas não estão a funcionar, por exemplo, a 100%. Eu gosto de distribuir tarefas e sentir que durante 90min ou 180min, como as vezes tenho dois blocos seguidos, que durante aquele tempo cada aluno desenvolve as suas tarefas. Eu preciso de perceber no fim do dia que todos os alunos desenvolveram as tarefas que eram esperadas. E muitas vezes vejo, observo, que houve 1 ou 2 ou 3 alunos que só trabalharam durante meia hora. Isso, e isso não pode acontecer ser, por isso eu chamo-os à atenção para esse tipo de consciência, constantemente. Porque eu defendo exatamente isso, que, eles devem ser cada vez mais autónomos. Eu no fim do décimo, decimo, eu no fim do ciclo escolar, no secundário os alunos devem entender isso já. E por isso deve-lhes ser dada alguma liberdade para que eles possam funcionar assim.</p> <p>P – Exatamente. Existe um caminho traçado, há um caminho traçado e esse caminho é explicado, muitas vezes há hipóteses para vários caminhos, n nosso caso, no campo das artes, mas há passos que digamos, obrigatórios, há fases, não é, em cada plano traçado, há fases do trabalho que tem de ser, pelos quais todos passam. E isso é o caminho esperado. À vezes que há tarefas que nós sabemos, para esta tarefa é destinado x horas, não é, x horas, por isso dentro daquele tempo é esperado que determinado trabalho seja desenvolvido.</p>	Sim.	- Distribuir tarefas	- Atividades que promovam a responsabilização dos alunos
Prof 10	<p>P – Sim, para já eles regras para cumprir, por exemplo para fazer música prática, pronto, e não só, escrever os sumários, todas as tarefas, portanto, e por exemplo, em cada aula há um aluno diferente responsável pelo sumário, por escrever o sumário e registar uma serie de coisas. Isso já ajuda. No final da aula também serem responsáveis por deixar a sua cadeira no sítio, limparem tudo em volta. Durante a aula, aaaaaaa, fazer coisas em grupo, portanto, eles serem responsáveis por, por um grupo não por eles sozinhos, mas também pelos colegas pelo trabalho que se faz com os colegas. Aaaaaaaaaa, e muito diálogo, muito dialogo, ponho em questão muita coisa que os faz pensar, que os faz chegar a conclusões. (R3.1)E eu acho que isso, o dialogo é fundamental para eles pensarem por eles, para terem de facto autonomia perante tudo o que os rodeia, a musica também.</p> <p>P – Até porque a minha disciplina tem muito carater social, não é, portanto, não só a história da musica ao longo dos tempos, como a história Da musica, como a musica, alias, relacionada com imensas tarefas, e o facto de eles fazerem musica prática também socialmente, eles tem que a fazer em grupo e tudo isso, está relacionado com outras questões, a musica por exemplo, muitos grupos de rock e não só, portanto,</p>	Sim.		

	<p>relacionado, por exemplo com certo narcisismo, com drogas, com álcool, portanto, tudo isso são questões que muitas vezes abordo dependendo da idade dos alunos, não é.</p> <p>T – Fazendo pensar um bocadinho.</p> <p>P – Fazendo pensar que a musica pode ser uma coisa equilibrada e que à que escolher esse caminho.</p> <p>P – Eu penso que sim, eles questionando as coisas, pensando sobre os assuntos, eles próprios chegam à conclusão certos, certas coisas não os vão ajudar no futuro, portanto, podem fazer a escolha deles, isso é autónomo para a autonomia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecimento de regras</li> <li>- Alunos escrevem sumários</li> <li>- Responsabilizar alunos pela sala de aula</li> <li>- Trabalhos de grupo</li> <li>- Refletir com alunos</li> <li>- Relacionar conteúdos com problemas da sociedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades que promovam a responsabilização dos alunos</li> <li>- Desenvolvimento de temas relacionados com a realidade</li> <li>- Realização de trabalhos em grupo</li> <li>- Construção das próprias aprendizagens</li> <li>- Atividades que promovam a reflexão e intervenção crítica</li> </ul>
--	---	---	--

<p>Pergunta 3.3          Considera que existem outras estratégias que poderia implementar? Por que razão não as implementa?</p>			
<p>Prof 1</p>	<p>P – As questões materiais passam por ai sim, tenho de trazer o meu computador muitas vezes, há salas que não têm projetor, passa por ai, mas isso é o menos, porque eu trago, mas à muita gente que não traz, até porque é pesado, eu comprei um pequenino, mas pronto, nem toda a gente ... faz isso, agora ... por questões materiais também, mas eu que acho essencialmente é por falta de tempo, essencialmente é a falta de tempo, porque nós temos um programa e então para o ano o do 10º, aquilo vai ser uma coisa, vamos ter por exemplo a português, o antigo programa do português A, quase o da literatura, então para o ano vai ser o descalabre, e por isso no próximo ano acho que a coisa ainda vai piorar. Mas eu acho que essencialmente é por falta de tempo, falta de tempo porque temos poucos tempos letivos, porque o português é muito importante e é necessário trabalhar a escrita, como disse e depois também nos falta tempo por outros motivos não é, agora por exemplo temos muito trabalho conjunto que é benéfico, mas por outro lado rouba nos tempo para outras coisas ... e as fichas e os relatórios e todas as reuniões e todo isso, rouba-nos tempo, essencialmente por isso falta de tempo, e falta de tempo não só na nossa relação com os alunos e em sala de aula que também, ao nível do português é flagrante, mas também por todo o que nós temos para fazer, passamos o tempo na escola e levamos o trabalho para casa, passamos o fim-de-semana a fazer, a corrigir e as turmas são muito grandes e demora tempo a corrigir e depois demora tempo a fazer a correção dos trabalhos, porque se nós fazemos é para eles melhorarem, logo temos que os corrigir e explicar como deveriam ter feito, tudo isso é um processo muito demorado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encaminhar alunos.</li> <li>- Regras/modelos.</li> <li>- Ver filmes.</li> <li>- Trabalho conjunto.</li> </ul> <p><b>Limitações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Programa.</li> <li>- Limitações materiais.</li> <li>- Falta de tempo.</li> </ul>	<p>Trabalho de grupo</p> <p>Atividades lúdico-educacionais</p> <p>Auxiliar alunos na construção das próprias aprendizagens</p> <p>Extensão do programa</p> <p>Falta de tempo</p> <p>Limitações materiais</p>

Prof 2	<p>P – Aaaa, eu eu eu... penso que sim. Em inglês <b>nós podemos fazer tantas coisas se</b> tivéssemos um acesso mais facilitado às <b>novas tecnologias</b> em sala de aula. Aaaa, há muito do próprio projeto, mas não só, que nós não utilizamos porque, aaa, ou não <b>temos projeto, computador não temos, portanto são raras as salas que nos permitem trabalhar com computador</b>. Quando existe um computador, quando existe um, um, um projetor, muitas vezes aaa, e a inglês para mim é uma falha enorme porque <b>cada vez mais os alunos estão à espera que um professor de inglês utilize as novas tecnologias</b>, utilize aquilo que está a acontecer no momento. Há uma atividade que eu gostaria de desenvolver na, na sexta, amanhã, que eu não vou conseguir desenvolver da forma como eu gostaria de desenvolver, isto é, tenho que <b>passar tudo para a pen para depois mostrar, mas não é a mesma coisa, porque quando eu tenho acesso à internet na aula, uma coisa leva à outra, que leva à outra, que leva à outra. E há uma, uma ligação às coisas que dificilmente eu consigo se eu trago uma coisa que é mais estática</b>, não é? Numa pen. Aaaa vamos falar de globalização e eu lembrei-me, por exemplo, de utilizar, como ponto de partida o famoso vestido dourado ou branco ou azul e preto, porque é um exemplo de, de, de globalização hoje em dia, não é? Uma coisa que, uma coisa insignificante, não é? Não é pelo vestido em si, é por aquilo que o vestido representa em termos de comunicação global, de interesse global não é? Afinal somos diferentes ou não somos, não é? Temos os mesmos interesses ou não? O que é que é isto de ser global hoje em dia? O que é que globalização quer dizer ao fim ao cabo, portanto irei começar por aí, de uma forma que não é natural. Deveria ser, <b>eu deveria ter acesso à net aaa</b> para poder fazer certas coisas, tal como, eu deveria ter acesso à internet para <b>resolver uma situação que possa aparecer no momento na sala de aula e que eu poderei não ter uma resposta</b>, ou, ou... Isto é, eu posso ter uma resposta, não será a resposta ideal não é? Se um aluno tiver uma dificuldade numa certa, numa certo conteúdo, na internet eu poderei encontrar facilmente algo que responda logo, ali! Claro que eu, professora, com a experiência que tenho também serei capaz de responder, mas não da mesma forma, não é? Para além do mais <b>há “n” atividades, “n” jogos, “n” possibilidades que o inglês tem em termos de disciplina que se tivermos acesso à internet, se tivermos um acesso facilitado aos DVDs que nós temos, muitas vezes não correm, aaa... pronto, há aqui, em termos de tecnologia muito que poderia ajudar ao desenvolvimento da autonomia neste momento e que eu sinto que, seria com grande esforço da minha parte, isto é, mudar de sala, mudar de dia, mas não há, mas tenho que, que pensar com muita antecedência e muitas vezes não há de facto, não e possível</b>. E acho que o inglês, neste momento, aaa, para quem se interessa por didática, não é? Pela didática da língua, nós já deveríamos nesta escola ir um pouco mais à frente, aaa, e não é possível.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogos.</li> <li>- DVD's.</li> <li>- Ensinar a tratar informação recolhida.</li> </ul> <p><b>Limitações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de acesso às tecnologias.</li> </ul>	<p>Atividades lúdico-educacionais</p> <p>Auxiliar alunos na construção das próprias aprendizagens</p> <p>Limitações materiais</p>
Prof 3	<p>P – pois, aaa... Eu acho que esta escola faz muito mais que a maioria das escolas, não é. Também se calhar porque temos um tipo de alunos diferentes, não é. Agora, há claramente <b>limitações de tempo</b>. Os professores, não é, temos pouco tempo... No meu caso, <b>tenho a matéria para dar e tenho o exame</b>, não é, se calhar se eu fosse professora... Sem desprimor das outras disciplinas, não é pela importância, mas é porque... sei lá, se o professor de história não der a matéria toda pronto, eles sabem um bocadinho</p>	<p><b>Limitações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tempo.</li> </ul>	<p>Falta de tempo</p>

	<p>menos de história mas não vão fazer um exame nacional, pelo menos no básico, estou a falar no básico que é onde é preciso, se calhar, promover mais esta autonomia. Aaaa, eu tenho um exame e portanto não posso também disponibilizar muito das minhas aulas e o facto de haver a aula de formação ajuda imenso. Mas lá está, serve-me para a minha direção de turma. E não me permite trabalhar isso tanto, como eu gostaria, aaa, com outras turmas que não são a minha direção de turma, não é. Portanto, se calhar um bocadinho mais tempo para nós trabalharmos, mas isso já não tem a ver com a auto... com a escola, já ultrapassa um bocadinho a escola. Portanto aqui, não sei muito mais em termos da própria escola como a que... como o que é que, o que é que poderíamos fazer agora de imediato já para alterar isso.</p>		
Prof 4	<p>P – À uma estratégia que pode ser uma forma de autonomia e que eu não utilizo deliberadamente, por exemplo vou com eles a uma visita de estudo, a Lisboa por hipótese, uma forma de autonomia, que seria uma forma de autonomia e há professores que o fazem ... eles irem pelos seus próprios meios, dizerem aos pais irem de comboio, por exemplo, eu deliberadamente não o faço, não o faço porque não quero correr riscos, numa coisa que às vezes pode haver um azar, um miúdo cair, dormir no comboio, acho que isso podia ser uma forma de autonomia os alunos deslocarem-se para percursos relativamente perto da escola, de forma autónoma, sozinhos ... mas para mim podia ser, mas não vou por ai... P – Sim, pelos perigos que pode implicar.</p>	<p>- Visitas de estudo com alunos a deslocarem-se ao local pelos próprios meios. <b>Limitações:</b> - Perigos.</p>	<p>Atividades lúdico-educacionais  Insegurança fora da escola</p>
Prof 5	<p>P – Também no laboratório, porque nós às vezes, o próprio, as próprias aulas práticas requer que haja da parte do aluno uma autonomia para conseguir fazer os próprios trabalhos não é. Nem sempre se consegue fazer tanto porque há falta de materiais, há falta de recursos que muitas vezes era muito mais fácil, pondo os alunos a trabalhar no laboratório autonomamente e eles tentarem descobrir, tentarem chegar a determinadas conclusões sem ser daquela aula teórica, o costume.</p>	<p><b>Limitações:</b> - Materiais. - Recursos.</p>	<p>Limitações materiais</p>
Prof 6	<p>P – O tempo, por exemplo, limita muitas vezes é que, por exemplo, aaa, possamos fazer discussões mais alargadas, através do visionamento de documentários e de filmes, que mesmo romaneados têm acontecimentos históricos importantes e por vezes a falta de tempo, aaa, o cumprimento do programa e também considerando que nem todos os alunos aderem a essa mesma estratégia. Há alunos que precisam, ainda, de quase <i>voz-off</i> do professor para poderem perseguir o seu... a sua análise.</p>	<p>- Discussões. - Documentários e filmes. <b>Limitações:</b> - Tempo. - Programa. - Alunos.</p>	<p>Atividades lúdico-educacionais Atividades de discussão  Extensão do programa Falta de tempo Características dos alunos</p>
Prof 7	<p>P – Sim, tal e qual como na escola, há sempre outras estratégias e nós vamos sempre aprendendo e ainda aqui há um mês atrás, mês e meio fui a uma ação de formação com colegas de variadíssimas escolas e ouvi lá várias estratégias seguidas por colegas noutros estabelecimentos de ensino e que achei bastante interessantes e que nunca me tinham ocorrido. Portanto, uma pessoa vai aprendendo sempre ao longo da vida e nem pode por de lado essa perspetiva, isso há sempre hipóteses de melhorar e de aprender estratégias novas e aprender a usar. P – Não, não, à partida não, ou porque as vezes não ocorrem ou porque eu felizmente não tenho, sou um bocado privilegiado nesse aspeto, deixa-me cá como eu devo fazer o enquadramento da questão. Eu vou</p>		

	<p>no meu 28º ano de serviço e eu fui aluno desta escola e praticamente sempre trabalhei aqui, vivo aqui ao lado, ou seja, isto é a minha casa, no fundo, portanto eu estou <b>perfeitamente situado e sei como me mexer aqui dentro e sei o que devo fazer e conheço muito bem os alunos e os colegas e tudo, os funcionários e por ai fora, portanto é relativamente fácil controlar as situações e prevenir determinados eventos mais complicados dentro da sala de aula.</b> E as aulas e o dia-a-dia aqui dentro correm bem, por isso se calhar nunca me senti na necessidade de ir muito mais alem, estão a perceber? <b>É uma questão, sinto-me bem aqui dentro e sinto-me seguro, sinto-me à vontade e isso os alunos percebem logo, não é.</b> E é, pronto, os alunos conhecem tão bem os adultos que tem à sua frente que eles veem logo como é que vão agir e percebem se o professor está à vontade não só no domínio dos conteúdos científicos, mas muito em termos comportamentais, isso contribui imenso para dar a aula num clima mais saudável, <b>mais propício às aprendizagens em que há tempo para tudo, e portanto, nunca houve, assim se calhar, muita necessidade em ir muito alem daquilo que se vai fazendo, porque os resultados têm sido bons.</b></p>		
Prof 8	<p>P – Eu tenho <b>duas realidades a via dos profissionais e a via do ensino e a via do ensino é completamente diferente e a atuação é muito diferente. E temos de nos adaptar ao contexto que temos, ao grupo que tens, à turmas excecionais</b> que tu identificas e não precisas de muito. A meu ver as <b>turmas excecionais deviam estar direcionadas aos professores excecionais, não ... as turmas excecionais deviam estar direcionadas para os professores ... e as turmas complicadas aos professores excecionais</b> e não isso que acontece. Isto para dizer que geralmente os professores com mais experiência têm as turmas excecionais, isso qualquer um é bom professor. Quando tens uma turma de 12ºano que é autónoma e dizes vou ali já venho, vocês têm de cumprir isto, isto e isto, isto em qualquer disciplina não é só na nossa, isto, isto e isto, as turmas excecionais fazem. Como diria alguém, na faculdade nos meus tempos, dizia ... não sei se foi o “Monge da Silva”, quem foi, <b>o professor é excelente quando deixa de ser preciso, é o objetivo do professor, portanto o objetivo é esse.</b> Portanto depende das turmas, nos profissionais tenho que ser policia constantemente ... Estratégias, estou constantemente a tentar arranjar visitas de estudo para os motivar, responsabilidades várias pequenas, vai aumentando de dificuldade e de responsabilidade, isto nos profissionais que tenho mais liberdade nas matérias, tás a ver ... <b>quando tu estás mais agarrado às matérias isso é mais complicado.</b></p> <p>P – Não sei ... não estou a ver ...</p> <p>P – Por <b>causa dos programas, os programas limitam muito.</b> Já vos disse. O que eu acho é inconcebível, mas ... essas questões estão na base de isto tudo mas não vão por ai...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Turmas complicadas com professores excecionais.</li> <li>- Visitas de estudo.</li> <li>- Propor responsabilidades crescentes.</li> </ul> <p><b>Limitações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Programas.</li> </ul>	<p>Atividades lúdico-educacionais</p> <p>Responsabilização gradual</p> <p>Extensão do programa</p>
Prof 9	<p>P – Dentro da sala de aula. Sim, no ensino secundário, no secundário uma das possibilidades é o <b>professor levar os alunos a preparar as próprias aulas</b>, não é, desde que haja condições para isso, porque nós hoje...</p> <p>P – Nós hoje muitas vezes. Exatamente, eu ia agora referir isso. Nós hoje muitas vezes falamos porque vivemos no meio de um <b>mundo altamente tecnológico. Mas nós não temos essas condições.</b> E nós realmente aqui na escola na minha sala de aula <b>eu não tenho essas condições, e se eu tivesse essas condições era muito possível fazer isso.</b> E eu gostava de as ter. Por isso, para novas estratégias muitas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alunos prepararem as próprias aulas.</li> <li>- Trabalhar com 2/3 professores.</li> </ul> <p><b>Limitações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de tecnologias.</li> </ul>	<p>Auxiliar alunos na construção das próprias aprendizagens</p> <p>Aumentar o número de professores em aula</p>

	vezes é exigido outro tipo de condições, não é, de equipamentos, de recursos vários, etc, não é. Eu puder trabalhar, por exemplo, de porta aberta, com 2 ou 3 professores, em vez de trabalhar sozinho, por exemplo na minha aula de projeto, o ideal era eu trabalhar com 2 ou 3 professores, por exemplo. Em que os projetos fossem mais direcionados para uma determinada pessoa, por exemplo, em vez de eu, por exemplo, ter de trabalhar com todas as áreas por exemplo.		Limitações materiais
Prof 10	<p>P – Há limitações porque são muitos alunos, normalmente dentro da sala de aula o espaço também não é muito, porque há outras tarefas e outros jogos que poderia fazer se fossem um bocadinho menos e que também os, aaaaaaa. Socializa com os outros e portanto, também responsabiliza perante os outros, não é. Portanto, cria confiança, essas coisas todas. Esse é um certo limite, aaaa, também não se dialoga tantas vezes quantas eu gostaria, gostaria de falar, por questões mais pessoalmente, pela mesma razão, porque como são muitos depois gera-se as vezes, tenho que ir gerindo as coisas, não é. E as vezes faz-me um bocado de falta ter sempre à mão, computador, portanto, todas as novas tecnologias, porque há imensa coisa interessante para mostrar, boas e más. Boas práticas e más práticas.</p> <p>T – As questões do material.</p> <p>P – As questões do material também, porque não tenho. É não podem estar todos a tocar ao mesmo tempo. Também não há material suficiente para isso, mas isso também por um lado é assim, tenho um grupo a tocar, os outros tem de estar a respeitar se querem ir tocar a seguir, pronto. Mas claro que seria mais fácil se tivesse para todos ou pelo menos para metade da turma de cada vez. Isso condiciona um pouco.</p>	<p><b>Limitações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Número de alunos da turma.</li> <li>- Espaço de aula.</li> <li>- Falta de tecnologias.</li> <li>- Falta de material.</li> </ul>	Limitações materiais Número de alunos/Espaço de aula

<p>Pergunta 4          Considera que na Escola Básica e Secundária de Carcavelos existe oferta formativa para os professores no âmbito da educação para a cidadania?          Pergunta 4.1          Pode dar-nos exemplos dessa oferta formativa?          Considera que essa oferta formativa seria importante?          Pergunta 4.2          Porquê?</p>			
Prof 1	<p>P – Quer dizer, aparecem, eu acho é que ... sim há ações nesse sentido se calhar, as pessoas pretendem ações, se calhar não há mais, porque nós todos os anos somos levados a dizer as ações que gostaríamos de ter, cada grupo não é, e se se calhar as pessoas não ... se não há mais é porque as pessoas não pedem esse tipo de ação, querem coisas mais práticas, coisas de sala de aula, querem arranjar outras estratégias, cá está, para a sala de aula ...</p> <p>P – Quer dizer não me recordo, mas sei que há, uma ou outra coisa sei que há mas não me recordo e também considero que se não há mais é porque não estamos .... já nos achamos formados para a cidadania à muito e se calhar á outra prioridades e não vamos por ai ...</p>	<p>Sim.</p>	
		<p>Não responde</p>	

	<p>P – Quer dizer, parece-me que há outras prioridades, mas isto é o meu ponto de vista ...</p> <p>P – Se calhar porquê, se calhar porque .... não faço ideia, olhe não faço ideia, não sei, este é o meu ponto de vista, eu acho que nós nunca ... eu estou me a lembrar daqui que pedimos e pedimos sempre coisas muito mais práticas, nunca pedimos nada vocacionado com a cidadania, às vezes aquilo que pedimos também é que como as turmas são grandes e os alunos turbulentos, aquilo que acabamos por pedir são estratégias para os acalmar ou qualquer coisa assim, mas não propriamente vocacionado com a cidadania, mas quer dizer eu digo-lhe, eu sei que à uma colega, já que me perguntou à pouco e eu não me lembrava que tem um projeto vocacionado para a cidadania e há aqui muitos, há aquelas campanhas de natal, as angariações, à uma colega que tem ali para a casa da Encosta, os alunos e os professores, alguns dão um euro por mês e depois aquilo é revertido em compras, ... a casa da Encosta diz o que é que necessita e aquilo acaba por ser revertido em ... também sei que normalmente no natal à idas aos sem-abrigo ao Cais do Sodré e por aí ... há coisas, há coisas ... que se fazem, mas na prática não, uma ação teórica para ...</p>		
Prof 2	<p>P – Sim, eu penso que sim! São questões aaa, de fundo aqui da escola, são questões... eu estou aqui há seis anos, acho que são temáticas recorrentes, aaa e que já temos tido vários encontros, uns mais formais do que outros, para debater estas questões. E são questões importantes aaa, porque fazem desta população da escola de caravelos aaa, fazem com que, aaa... parece-me que há aqui um, um, um, uma procura de uma certa identidade à volta de alguns temas que são aaa, caros à instituição, a esta instituição, a Escola Básica e Secundária de Carcavelos. E são temas recorrentes. E eu penso que isso poderá ajudar a criar uma identidade.</p> <p>P – Sim, já tivemos aaa, palestras, já tivemos encontros com, inclusivamente... encontros regulares com a comunidade, com outros membros da comunidade, com pais por exemplo, aaa, em espaços mais ou menos informais, como ao sábado à tarde aaa, por exemplo, e já tivemos também outros aaa, mais formais, por acaso eu nunca participei de formação creditada também, através do centro de formação. Portanto lembro-me destas três, destes três tipos diferentes.</p>	<p>Sim.</p> <p>- Palestras. - Encontros com comunidade. - Centro de formação.</p>	<p>Palestras/encontros Formação creditada</p>
Prof 3	<p>P – Há coisas pontuais. Fazem-se muito aquelas formaçõezinhas há tarde, aquelas formações de 2/3 horas que são voluntárias. Aaaa... o problema é que uma vez mais, muitas vezes nós não temos disponibilidade de tempo para estar presentes, não é. Aaaa, umas pessoas se calhar não estão muito interessadas em estar presentes, também é verdade, não é, outras porque não têm muito tempo para estar presentes. Agora, é óbvio que acabamos por fazer essa formação um bocadinho informalmente, quando falamos uns com os outros, aaa, por exemplo, nas reuniões de diretores de turma, vocês estavam presentes na última quando estivemos a analisar o que é que se fez nas aulas de formação, como é que vamos gerir isso, aaa... E portanto eu acho que vamos fazendo um bocadinho informalmente. As outras formações, formações daquelas creditadas, etc., nós acabamos tendencialmente na nossa área e menos na área da formação para a cidadania.</p>	<p>Sim.</p> <p>- Formações creditadas - Formações informais</p>	<p>- Formações creditadas - Formações informais</p>

	<p>P – <b>Eu acho que sim eu acho que sim!</b></p> <p>P – Mais até nuns moldes de <b>pequenas formações</b>, porque eu falo por mim, <b>não sei, se teria disponibilidade de fazer</b>, por exemplo, uma formação de 25horas ou de 50 horas nessa área. Já tive que fazer noutras escolas, mas porque estava no conselho pedagógico... portanto tinha outro tipo de responsabilidades. Mas não sei se me disponibilizaria para uma ação de 25 horas, por exemplo, a esse nível. Enquanto, <b>se for uma palestra...</b></p> <p>P – <b>Sim! 2/3 horas internas da escola, ou mesmo outros professores que vêm cá fazer palestras sobre pequenos temas. Aaa, isso nesse aspeto sim acho que seria importante.</b></p>		
Prof 4	<p>P – <b>Não, não considero. Não é suficiente, mas cada professor é um adulto responsável que optou por uma profissão e se a escola não oferece, o professor tem obrigação de procurar e saber onde existe essa informação para se formar e onde adquirir e hoje em dia à tanta coisa ....</b></p>	Não.	
	<p>P – <b>Acho, acho que seria importante essa oferta formativa.</b></p>	Sim.	
	<p>P – <b>Acho, porque há uma grande heterogeneidade nas escolas, as escolas são muito heterogéneas, esta oferta é para professores?</b></p> <p>P – <b>Há uma grande heterogeneidade ao nível da formação, as escolas vão perdendo a pouco e pouco a sua matriz, a sua identidade cultural, a sua cultura de escola, porque hoje em dia aconteceu muito rapidamente nas escolas, um número significativo de professores que saíram e que faziam parte de um caldo entre aspas escolar e vieram muitos professores novos com muitas formações diferentes com muitas vivências diferentes e por vezes não conhecem bem exatamente, não conhecem o projeto educativo da escola, não conhecem também o plano de atividades da escola e estão muitas vezes só de passagem e estão só de passagem e muitas vezes esquecessem se que os valores, hoje em dia, a transmissão de valores, o facto de falar com os alunos e o facto de os alertar para uma serie de coisas, certamente é mais importante que dar um bocadinho de matéria e portanto eu acho que de facto sim.</b></p>	<p>- Heterogeneidade na formação dos professores.</p> <p>- Corpo docente constantemente renovado.</p>	<p>Heterogeneidade da formação de professores</p> <p>Renovação docente</p>
Prof 5	<p>P – <b>Acho que não.</b></p>	Não.	
	<p>P – <b>Acho que sim, acho que sim.</b></p>	Sim.	
	<p>P – <b>Porque nos iria permitir ter outras visões sobre formas de promover a autonomia dos alunos.</b></p>	<p>- Novas visões para a promoção da autonomia</p>	Inovação
Prof 6	<p>P – <b>Formativa, formativa... Eu não sei se me estou a esquecer, mas assim de momento, formativa ao nível da cidadania, aaa, não estou, não estou assim a ver nestes últimos anos... Tem havido sim, oferta formativa, mas muito mais ligado a questões de indisciplina, gestão, cursos, aaa, quando digo... o nome não me está a ocorrer.</b></p>	Não.	
	<p>P – <b>No entanto tem havido sempre ações que estão muitas vezes ligadas a eventos históricos, como por exemplo a celebração do 25 de abril que normalmente são aproveitados, e bem aproveitados para se promover esses, esses</b></p>	Sim.	

	<p>direitos e deveres da cidadania. Também ao nível das ciências, o clube de saúde de alguma forma dá alguma formação. Mas formação para nós professores, não.</p> <p>P – sim, considero. Considero que é sempre importante, no entanto...</p> <p>P – Porque eu acho que uma escola antes de, de, de... antes de mais tem de obviamente formar ou ajudar a formar cidadãos. A educação, obviamente a educação não formal vem de casa, os alunos passam por uma triagem na escola, desde o início do infantário até á universidade. Essa triagem vai afinando mas há valores que vão sendo incutidos e têm de ser aprimorados e têm que ser ventilados e aperfeiçoados. Aaaa, e de qualquer forma são as vivências não é, do quotidiano que nos ajudam a dar resposta e perceber se realmente esses, esses, essas ferramentas estão interiorizadas ou não.</p>	Formar cidadãos	Formar cidadãos
Prof 7	<p>P – Eu penso que já tenha havido mais, há alguns anos atrás. Presentemente, por aquilo que tenho visto e tenho feito dentro desse campo, especificamente, não tenho, pelo menos aqui no concelho de Cascais e no centro de formação respetivo, não tenho visto assim, ou eu estou, ou passa-me um bocado ao lado, ou não tenho visto assim nenhuma formação que me, que me conduza nesse sentido e que seja assim especialmente atrativa.</p> <p>P – É, é sempre importante, eu acho que sim.</p> <p>P – Por um lado para abrir, para abrir novas perspetivas e novos caminhos, não é, novas estratégias como vocês disseram. E segundo porque esse tipo de formação permite sempre a partilha de experiencias e a troca de experiencias com outros colegas, situados noutros contextos e é sempre enriquecedor para todos nós no fundo.</p>	<p>Não.</p> <p>Sim</p> <p>Permite encontrar novas visões</p> <p>Permite encontrar novas estratégias</p> <p>Partilha de experiencias com outros colegas de outros contextos</p>	<p>Inovação</p> <p>Partilha de experiencias</p>
Prof 8	<p>P – Sim...</p> <p>P – De vez em quando fazem umas sessões, não sei se este ano fazem, mas em anos anteriores faziam, regularmente todas as quartas-feiras na biblioteca para os professores, em que os professores mais velhos e mais experientes, pessoas interessantíssimas partilhavam os seus trabalhos académicos, faziam palestras e debates.</p> <p>P – Sobre cidadania, sobre os valores, sobre a ética profissional e não só. Agora não sei se há, porque os professores estão sobrecarregados, trabalhos, burocracia ...</p>	<p>Sim.</p> <p>Palestras com professores mais experientes</p> <p>Debates com professores mais experientes</p>	<p>Partilha de experiencias</p>
Prof 9	<p>P – Neste momento? Por acaso não tenho bem presente o plano de formação do conselho pedagógico para este ano. Tenho a impressão que havia, havia lá alguma coisa escrita sobre isso. Mas já houve, já houve anos vários, que eu já dei formação sobre isso aqui na escola para professores, por exemplo.</p>	<p>Não.</p> <p>Sim</p>	

	<p>P – Sim eu acho que isso devia ser, devia ser um tema para mim eu considero o que é um tema abrangente, não é, nós a partir dele, dentro da escola, nós a partir desse grande tema podíamos discutir e ir para outros temas. Eu acho que ele pode existir até todos os anos. Depois dependendo de determinadas variantes não é. Mas a cidadania é uma coisa, muito larga na vida da escola e na educação, (não é). É mesmo uma área que nós provavelmente trabalhamos pouco. Por isso, se fosse muito trabalhado ao nível da formação de professores portanto, e depois essa passagem para os alunos Bem, nós neste momento não temos nenhuma disciplina sobre cidadania para os alunos, por exemplo. Ou seja, nós podemos aproveitar e penso que a escola está neste a seguir uma estratégia que leva isso. Que é no espaço educativo que nós chamamos Formação, que é desenvolvido pelos diretores de turma e pela direção. O caminho, eu penso que deverá de ser esse. Grande parte da, do tempo disponível para essa atividade deve ser tomado exatamente por ai. E depois o restante pelo tipo de por uma parte administrativa que é necessário também fazer.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Permite abordar vários temas.</li> <li>- Permite educar os alunos.</li> </ul>	<p>Inovação Formar cidadãos</p>
Prof 10	<p>P – Sim, por exemplo todos os anos há uma serie de atividades com o lar da Boa Vontade, não é, lidar com pessoas com, com algumas condicionantes também na vida e perceber que, pronto, como certas coisas funcionam. Há alunos de diferentes tipos também, eu acho que isso em si, o facto de se trabalhar para a inclusão já tem muito a ver com isso. Aaaaaaa, há muitas ações de formação com a polícia segura, não é, portanto, sobre a segurança rodoviária, segurança para assaltos e essas coisas todas, portanto há bastantes coisas. Eu aqui à tempos participei numa com uma turma, por exemplo, sobre o alcoolismo e achei muito interessante, há muitas coisas do PES também, do clube de saúde, eles também fazem uma serie de iniciativas, vêm cá inclusive enfermeiras e pessoas responsáveis por certos assuntos, há rastreios, por exemplo, dentistas e coisas assim. Eu acho que sim, que se faz muita coisa para, para perceber como é que as coisas funcionam à nossa volta, não taos só centrados nos conteúdos da escola.</p>	<p>Sim.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar para a inclusão.</li> <li>- Segurança.</li> <li>- Alcoolismo.</li> <li>- Rastreios.</li> </ul> <p>- Permite perceber como certas coisas funcionam fora dos conteúdos da escola.</p>	<p>Encontros/palestras</p> <p>Formar cidadãos</p>

<p>Pergunta 5 Do ponto de vista pessoal que necessidades formativas considera ter ao nível da educação para a cidadania?</p> <p>Pergunta 6 De que forma considera que a escola básica e secundária de caravelos poderia contribuir para ultrapassar as necessidades que sente?</p> <p>Pergunta 7 A um nível mais geral, qual considera ser as necessidades de formação do corpo docente da EBSC ao nível da educação para a cidadania?</p> <p>Pergunta 8 E de que forma considera que a EBSC poderia contribuir para ultrapassar dificuldades identificadas?</p>			
Professores	Respostas	Categoria	Categoria Geral

<p>Prof 1</p>	<p>P – Relacionado com a cidadania, o que é que eu ia pedir, eu pedia qualquer coisa de que envolvesse, ... não sei como é que vou por isto de pé, vou tentar, <b>que envolvesse uma temática, de tal forma que envolvesse professores e alunos</b>, até porque se isso acontecesse, enfim de forma mais abrangente, <b>eu penso que se calhar as relações entre professores e alunos também melhorariam</b>, agora porque é que não acontecesse ...</p> <p>-</p> <p>P – Poderia implementar ... até <b>para melhorar a relação o ambiente</b>, não quer dizer que seja mau, mas melhorá-lo, não é, nesse sentido, poderia ser por ai, embora haja algumas coisas que já vão nesse sentido, <b>mas mais com turmas</b>, são mais ... depois abrange aqueles <b>... o cabaz de natal</b>, e não sei quê ... <b>acaba por abranger a escola</b>, mas assim uma coisa ... <b>um trabalho mais profundo, mais nesse sentido ...</b></p> <p>P – Sim</p> <p>-</p> <p>Penso <b>que não</b>, porque se o tivessem, isso seria um dos temas, quando lhes é colocado que ações gostaria de ... até porque, lembro-me não sei se foi o ano passado se foi à dois anos, já não sei ..., havia uma lista de ações que eu mandei para os colegas, que eles tinham que por uma cruzinha, naquilo que pretendiam e de facto ... <b>tenho ideia que havia lá de facto qualquer coisa para a cidadania, mas de facto não foi ... não foi evidenciado</b>, nada ... nada, não me lembro de nada, se houve uma pessoa a fazê-lo e duvido que tenha havido, depois acabei por ver as mais ... as grandes necessidades, 1º,2º,3º e 4º lugar e de <b>facto não me lembro da cidadania</b>, mas estava lá ... e <b>portanto não sinto isso, mas se calhar é necessário e eu não dou conta.</b></p>	<p>- Relação professor aluno.</p> <p>- Envolver as turmas. - Envolver a comunidade escolar.</p>	<p>Relações Sociais</p> <p>Envolvimento Escolar</p>
<p>Prof 2</p>	<p>P – Eu acho que, neste momento, aquilo que eu sinto é que deveria ter a possibilidade de fazer uma <b>formação diferente</b>. Acho que o professor de inglês precisa, aaa, ao longo da sua carreira, de sair <b>de Portugal e de ver o que está a acontecer em países</b> como a França, como a Finlândia, como em Inglaterra obviamente, para não falar de outros países mais longe, mas nós precisamos de vez em quando de <b>sair daqui e observar o que está a ser feito em outros países na didática, na nossa, na didática da língua inglesa</b>, para... porque, em termos internos, os professores que querem desenvolver estas ou outras áreas é possível, mas chega a um determinado momento na nossa</p>	<p>- Atualização. - Interação com professores de outros países.</p>	<p>- Acompanhar as transformações sociais</p>

	<p>carreira onde já ouvimos tudo, onde já, onde já vimos o que se passava aqui e precisamos de interagir com pessoas de fora da nossa disciplina, não é? Isso, isso de alguma forma é facilitado hoje em dia na formação dos <i>Webinars</i> que são, aaa, seminários online, não é? Vai acontecer, por exemplo, um amanhã, irá haver um <i>Webinar</i>, ''e assim que se chama, portanto um seminário através da web, aaa, para os professores que se querem registar não é? Como é obvio, sobre determinados assuntos ligados à nossa, à didática do inglês. Isso ajuda porque nós estamos a interagir, normalmente, pelo menos já houve dois ou três em que eu participei, que não eram professores só de Portugal, havia professores de inglês em França, Professores de inglês em Espanha, Itália também, agora não me recordo dos outros países, e isso é muito interessante. Verificar e comparar a nossa situação com as dos outros. Neste momento é aquilo que eu sinto falta na minha formação. É atualizar-me, ir para fora ou receber, não é? E haver uma troca maior de... uma interação maior entre professores de inglês do nosso país com outros.</p> <p>P – Minha.</p> <p>P – Sim, aquilo que eu sinto como falha neste momento...</p> <p>P – Fui eu que procurei sim!</p> <p>-</p> <p>P – Eu acho que uma das coisa, por exemplo, que poderá ajudar, mas é cada vez mais difícil. Porque a burocracia é tanta que nos limita muito, e só com uma força de vontade muito grande é que nós podemos partir para projetos europeus, intercâmbios europeus, porque a partir daí estamos também a criar mais autonomia dos alunos, que eles, se estiverem incluídos num projeto assim eles têm que desenvolver trabalhos, interagir com alunos de outros países aaa, isso é, em todos os campos é... Ótimo para eles, para os professores que participam, como também, há uma grande interação com outros professores normalmente da mesma disciplina, há um crescimento profissional. Pronto, poderia ser feito através de, de, de uma implementação de projetos de intercâmbio. O que acontece hoje em dia, aaa, eu já deixei de fazer isso porque a burocracia à volta da organização deste tipo de atividades, aquilo que é exigido cada vez que se organiza uma coisa destas aaa, não nos motiva para continuar, pelo contrário, as coisas estão cada vez mais difíceis e eu acho que há cada vez mais professores que estão a dedicar, que querem dedicar o seu tempo a essas coisas, porque não têm, não o têm.</p>	<p>- Projetos de intercâmbio de professores e alunos.</p>	<p>- Partilha de Experiências</p>

Prof 3	<p>P – Sim, especifici... <b>Eu acho que é mais geral, é mais geral</b>, porque nós acabamos por, <b>nas aulas de formação</b>, que é quando trabalhamos mais essa parte, quando havia, mesmo essa disciplina, Formação para a cidadania, <b>nós fomos assim um bocadinho atirados para ali sem nenhuma formação</b>. Depois disso <b>depende um bocadinho do bom senso dos professores, depende um bocadinho das suas vivências que são obviamente diferentes de escola para escola e dos alunos que temos à frente, não é, portanto...</b> E nós acabamos por abordar todos os temas e mais alguns, desde <b>o bullying</b>, desde a educação sexual, desde o respeito pelos outros, às vezes <b>questões filosóficas...</b> Pronto, portanto <b>não sei se seria propriamente uma área específica, mas lá está, uma vez que eu aponto para aquelas pequenas formações, que elas fossem o mais abrangentes possíveis</b>. Já tivemos aqui, por exemplo, sobre o <i>bullying</i>, sobre... vai haver, ou não sei se houve já, agora no mês de maio, agora no mês de março vai haver um que tem a ver <b>com a segurança na internet, e também é para os pais, etc.. Portanto essas pequenas... Mas e abrangendo essas área todas.</b></p> <p>P – Sim, em termos do grupo da matemática, bem... Para já, como nós temos muitos professores do quadro, professores que já estão na escola há algum tempo, se calhar, aaa, destes temas todos que falei, <b>aqueles que estão mais relacionados com a área das ciências, se calhar não são tão importantes. Serão importantes para colegas de outros grupos, por isso é que eu acho que deviam abranger todos,</b> mas aaa, por exemplo, a questão do respeito, dos direitos humanos, essa parte, que normalmente é mais trabalhada, e os colegas da área das ciências sociais sabem <b>mais do que nós, não é, aaa...</b> Para nós, se calhar <b>para nós é menos fácil debater um tema desses não é, assim como para eles se calhar não será tão fácil outro tipo de temas que estão mais relacionados com as ciências. Portanto, no nosso caso eu acho que é mais relacionado com essa parte das ciências sociais.</b></p> <p>-</p> <p>P – <b>Fomentando essas formações e vindo pessoas de fora, aaa, falar sobre estes temas</b>, por exemplo, o ano passado houve uma que tinha a ver... <b>Foi com técnicas de proteção de menores</b>, portanto também é uma parte importante nós trabalharmos, portanto, essas pequenas formações que vamos fazendo, não é. Agora, o que é que seria ideal fazer mais? Voltamos a questão do tempo. Era todos termos tempo e disponibilidade Para participar nessas formações.</p> <p>P – Trazer ou até... e às vezes faz.</p> <p>P – Eu acho que a escola faz, pronto. Aaa, mas por exemplo, a parte, essa parte dos direitos humanos, da... <b>Algumas questões filosóficas até às vezes nós debatemos com os miúdos, discutem muito as questões dos direitos e dos deveres, eles só têm direitos, não têm deveres, não vale...</b> Pronto, aaa, os colegas da filosofia, da sociologia, estão muito mais habilitados a abordar isso do que nós, portanto se calhar... E eles desenvolvem por vezes pequenas coisas e trazem às vezes colegas até de outras escola, pronto, portanto, eu acho que a escola já está a fazer, portanto deve continuar e <b>deve-se reforçar.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeito.</li> <li>- Direitos humanos.</li> </ul>	- Cidadania e Valores	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formações o mais abrangentes possível.</li> <li>- Formações com pessoas de fora.</li> <li>- Questões filosóficas (direitos e deveres).</li> <li>- Colegas de filosofia e sociologia, trazer colegas de outras escolas.</li> </ul>	- Partilha de Experiências	

Prof 4	<p>P – Eu tenho feito tantas formações, todos os anos faço formações, eu não preciso de créditos para nada e todos os anos faço formação, tenho feito formação em muita coisa, em ... sei lá ... ao nível do contato dos alunos, ao nível do bullying, ao nível do consumo de álcool ao nível do consumo de drogas, todos os anos, sempre ... não é sempre é todos os anos obrigo me a mim mesma, mas quantos mais vierem para mim melhor.</p> <p>P – Não ... eu sou professora à 30 anos e nunca mandei um aluno para a rua.</p> <p>P – Considero e considero que não tenho grandes carências a essa nível mas claro se houvesse uma formação na escola participaria com todo o gosto e de certeza que iria aprender imensas coisas. De certeza que iria aprender imensas coisas e que se calhar iria aprender coisas com outros professores mais novos, que as vezes têm dificuldades de expor as suas ideias e as vezes até podem pensar que poderão não ser bem vistas, uma serie de coisas, que acho que poderia ser uma forma de quebrar gelo, desbloquear uma serie de ...</p> <p>-</p> <p>P – Acho, acho e inclusivamente eu coordeno a formação aqui na escola e os diretores de turma pedem me muita formação nessa área, pedem muita formação nessa área, inclusive vou ter uma reunião ao nível da educação para a cidadania e aquilo que é mais pedido, também a gestão de conflitos, mais ao nível dos alunos ... a maior parte das ações de formação solicitadas pelos professores ... eu na quinta-feira vou ter uma reunião com o centro de formação para apresentar esse plano ... passa muito pelo relacionamento interpessoal e essa da educação para a cidadania é daquelas que as pessoas pedem mesmo.</p> <p>-</p> <p>P – É assim só há duas formas de a escola ultrapassar essas dificuldades, vocês talvez não saibam mas os centros de formação é algo que está em vias de extinção, os centros de formação neste momento estão sem qualquer apoio financeiro para fazer formação para as escolas, toda a formação que se faz para as escolas é paga, grande parte é paga e à muitos professores com diversos motivos que não preciso elencar aqui, recusam-se a pagar formação, para terem formação, a formação anda a volta dos 50/75 euros, por um ação de 25 horas e não querem. Há outra forma que é fazerem autoformação partilha na escola de boas práticas, de pessoas que possam ter formação numa ou noutra área, nomeadamente nesta área e desmultiplicar essa formação para os colegas, inclusivamente a escola aprovou esse plano em conselho pedagógico e mais considerou que essa forma de formação pode ser utilizada na autoavaliação do professor, resta é a ultima coisa que é quem quer fazer e quando se pergunta quem quer fazer, não é fácil de encontrar, as pessoas estão assoberbadas, mergulhadas em papeis, em coisas .... a progressão na carreira não tem ajudado, as pessoas não sentem muitos incentivos e não é assim tão fácil quanto isso, eu não considero que ... eu sei que há professores aqui na escola que têm ... que são formadores, já fiz o levantamento</p>		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gestão de conflitos dos alunos.</li> <li>- Relacionamento interpessoal.</li> <li>-</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relações sociais</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Centros de formação.</li> <li>- Partilhar conhecimentos entre colegas.</li> <li>- Utilizar professores formadores da escola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Partilha de Experiências</li> <li>- Formação de Professores para a Cidadania</li> </ul>	

	humano, já perguntei quem queria fazer esse tipo de formação, desmultiplicar-se em formação, a vários níveis, não só a educação para a cidadania, mas não é fácil não pensem que é fácil.		
Prof 5	<p>P – Às vezes tenho dificuldade em saber lidar é com alguns alunos, aaa, e saber que estratégias é que hei de usar com alguns alunos que têm muita falta de autonomia, que são muito calados e que são muito introvertidos. Isso aí se calhar é que podia haver formação para a gente ter um... estratégias para lidar com esse tipo de alunos.</p> <p>-</p> <p>P – Eu acho que sim, eu acho que se calhar há na escola... professores, colegas que seriam capazes de fazer esse tipo de ações.</p> <p>-</p> <p>P – Eu acho que todos, todos, todos precisamos e era uma mais-valia.</p> <p>-</p> <p>P – É mais ao nível de, de formação.</p> <p>P – Do corpo docente sim, e dos funcionários também.</p>	<p>- Lidar com alunos pouco autónomos e introvertidos.</p> <p>- Ações dirigidas por colegas.</p> <p>Sim</p> <p>- Formação</p>	<p>- Relações sociais</p> <p>- Partilha de Experiências</p> <p>- Partilha de experiências</p>
Prof 6	<p>P – (silêncio). É difícil, Se pensarmos que a cidadania está incutida em todas as formações, obviamente que sim. Estou a fazer uma formação neste momento de expressão dramática/teatro, no teatro experimental de cascais. Aaa, mas especificamente não.</p> <p>-</p> <p>P – Docentes e não docentes. Eu, eu , eu... Vocês falam muito nos docentes, mas eu queria dizer uma coisa, a comunidade educativa não é só formada pelos docentes e os alunos!</p> <p>P – E têm-se desinvestido muito na formação não docente. Ou seja, desinvestido no ministério, não é. Veja-se o caso da escola, que nós funcionamos de facto, às mil maravilhas aaa, se pensarmos que trabalhamos com um rácio muito inferior àquele que deveria ser em termos de funcionários, auxiliares de ação educativa.</p> <p>-</p> <p>P – Aaaa, investir mais na... e relativamente... levar à discussão também. Aos grupos e departamentos, essa... sentir essa pul... essa necessidade. Avaliarmos de facto se essa necessidade e uma necessidade generalizada ou se é sectária.</p>	<p>- Levar à discussão.</p> <p>- Reunir grupos e departamentos.</p> <p>- Avaliar necessidades.</p>	<p>- Partilha de Experiências</p> <p>- Avaliar Necessidades</p>

Prof 7	<p>P – Neste momento não é um campo específico de formação que me preocupe muito, haverá outros e nós todos os anos somos, é nos pedido no final do ano que retratemos as necessidades de formação dos diferentes grupos disciplinares e esse não terá sido o mais focado nos últimos anos, por acaso temos apontado mais outro tipo de, de, preocupações, no âmbito do domínio de algumas ferramentas de informática, na gestão das novas metas curriculares, na, até, um que foi muito apontado o ano passado e foi pedido, por acaso não se concretizou, tinha a ver com a aplicação de primeiros socorros.</p> <p>-</p> <p>P – Era, para mim era fundamental ir implementando formação nesse sentido, formação, eu sei que há muitos agrupamentos que vão conseguindo fazer isso, pronto, conseguem formação, até maior parte das vezes gratuita e tudo, portanto, pequenas oficinas as vezes de algumas horas são importantes, não é preciso que seja creditada, nada disso, mas pelo menos para nos levar a pensar em nos por a mexer no assunto, como vocês dizem, para não ficar esquecido. Há uns anos atrás, quando apareceu a, não é bem uma disciplina, a formação cívica, e constava do currículo dos alunos todos, pelo menos até ao 9º ano, aí havia uma serie de formações, uma serie de manuais que foram publicados por vários colegas, etc, havia muita coisa. Depois isso foi sendo eliminado e concentraram-se as diferentes equipas do ministério foram concentrando as horas noutra tipo de disciplinas, foram subtraindo área de projeto, formação cívica, estudo acompanhado e por aí fora, e concentrando a carga horária mais nas disciplinas nucleares, digamos assim, e esse campo morreu um bocadinho, digamos assim, mas pronto aqui na escola como vocês sabem há Formação, pronto, há um tempo de 45min no horário das turmas, do diretor de turma, até ao 10º se não estou em erro, tenho uma direção de turma do 10º e também temos. E portanto, quase semanalmente nós vamos gerindo muitos desses assuntos com a nossa, pelo menos com a nossa direção de turma, enquanto diretor de turma, não é? Não é um assunto que esteja esquecido, vai-se fazendo, mas também acho que, por um lado a escola deveria para os professores. Acho também que muitos dos assuntos que estão na formação, agora isto aqui é um pequeno desabafo, a parte da sexualidade, da educação para a saúde, por aí fora, todo aquele, para os alunos acabam por ser um bocado repetitivos e eles acabam por ficar cansados, são sempre as mesmas atividades, e principalmente os alunos mais velhos, os meus são do secundário, muitas daquelas atividades começam já a ser, eu próprio, a por assim de lado, porque ou são demasiado infantis ou já fizeram aquilo muitas vezes ao longo, ao longo do seu percurso escolar e como tal depois já não agarram tão bem naquele tipo de atividades. Mas acho que a escola deveria implementar e realmente com pessoas vindas de fora, mostrando, partilhando outras experiências, pode ser que sim, pode ser que se abrissem novos caminhos e se criassem novas estratégias e se tratassem novos temas, para, e que depois nós aplicássemos no contexto de sala de aula. Acho que sim, porque não.</p>	<p>- Trazer pessoas de fora. - Partilhar experiencias.</p>	<p>- Partilha de Experiências</p>

Prof 8	<p>P – Estar atento à vida, estar atento às mudanças ...</p> <p>P – Sinto que consigo.</p> <p>P – Não muitos temas que me fazem falta, mas não são da minha esfera ... como diretora de turma, como coordenadora de grupo ... aquilo que eu sinto é que há áreas que nós não dominamos, nem temos que dominar, queremos resolver os problemas ... olha eu tenho uma agora na minha direção de turma, o menino bate na namorada, tem que ter apoio da escola, tem que ter apoio dos colegas, tem que ter ... e apoio da comunidade escolar, e eu não tenho nada disto. Percebes portanto, é preciso estar desperto e querer resolver o problema, à pessoas que fecham os olhos, normalmente formação, formação em psicológica, formação em lidar com problemas de violência dos namoros, gravidezes indesejadas, como já tive noutras escolas. Não é a minha esfera, por isso vou buscar à comunidade escolar.</p>		
	<p>P – Olha por exemplo o Projeto Vidas, que estou a tentar implementar, tem a ver com isso, que a comunidade venha à escola, de diversas áreas, falar das escolhas, para o “never give up”.</p> <p>P – Acho que os professores também precisam, digo eu, porque os professores às vezes também estão ... vocês vêm muitas vezes ... aqui nos intervalos ... bem enfim, se tu tiveres atento, vês miúdos muitas vezes a baterem-se, muitas vezes a empurrarem-se ... deves intervir ou não, há quem intervenha e depois se sujeite a criar confusões, há quem não intervenha e ignore ... como podemos resolver isso ... a nível micro ... a escola tem de dar mais apoio aos professores, porque os professores querem estar disponíveis para resolver os problemas ...</p>		
	<p>P – Eu pessoalmente agora, .... não sinto necessidade, porque quem já é professor, mãe, pai e já tem anos de experiência e que goste da profissão, já faz parte da educação, percebes ... os novos se calhar ...</p> <p>-</p> <p>P – Eu não tenho muita noção do corpo da escola ...</p> <p>P – Liberdade de expressão ...</p> <p>P – As pessoas têm de estar bem com elas próprias, para poder estar bem com os alunos, não formação que resulte, enquanto isso não se resolver ... isto digo-te ao fim de anos de experiência ... é como eu digo aos meus alunos ... não faz isso e eles desculpe, desculpe, desculpe ... não podes</p>	<p>- Liberdade de expressão. - Empatia.</p>	<p>- Cidadania e Valores - Relações Sociais</p>

	<p>fazer por isto e isto e isto e isto, está bem ... está bem eu vou melhorar aqui .... porque estás me a dizer isso para me calares, enquanto não integrares nele próprio, aquilo que tem de ser feito, portanto a formação ... se tu no meio de 100 alunos agarrares 10, neste sentido ... estás feliz, no sentido da mudança, eu tenho alunos que mudei, tenho a noção perfeita que mudei, que foram para Educação Física por causa de mim, mas isto no meio de muitos é bom, ... mas eu acho que esse é o objetivo, é preciso sermos para mudarmos todos, tem de haver empatia e não sei se só com a formação dava ... pode ajudar.</p> <p>-</p> <p>P – Pode, solidarizando-se ... abrindo mais espaços de diálogo sem questões ... eu acho que a reunião de ontem onde vocês tiveram ... isso não se admite, quando isso acontece entre colegas e isto é um exemplo, entre colegas quando isto existe é grave, quando chega a este ponto, a falta de respeito pela opinião do outro, é grave, o que é que tu podes fazer ... tu tens uma opinião da qual não abdicas ... eu costumo dizer é a luta de egos, é tenho uma opinião que ... eu percebo, eu percebo que nós professores temos sempre de aprender ... e é nesta forma de estar que eu me revejo na vida e na escola, quando isso não acontece ... nós próprios nos interiorizamos ... porquê que andamos cá .... o projeto educativo, o perfil do professor, tudo isso está decidido ... o falar, a cidadania, essas atitudes, pode ... porquê, não sei, é o destino, e nós ou lutamos contra isto e às vezes estamos isolados, mas pronto .... Enquanto nós formos autênticos, podemos ao menos transmitir isso aos alunos, eu vou vos dar um exemplo, esta turma que tenho agora inicialmente entrei muito mal com eles e eles comigo, e enquanto eles não me conhecerem e eu a eles, não dá, quando a gente se conhecer e souberem como eu sou, corre tudo lindamente, mas é preciso estarmos bem, respeitarmos ... portanto ao nível dos colegas, talvez ... nós ao nível do desporto vemos tanto isso ... na competição vêm às vezes outros colegas, que estão em competição com a equipa, pior, a serem piores propriamente do que os alunos. A gente está em grupo, está tudo aos berros e falar uns com os outros, como é que tu podes ser bom professor assim ... trabalhas só para as aparências e isso não faço ... desculpem lá isto ...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover espaços de diálogo.</li> <li>- Fazer interiorizar objetivos e valores da escola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Partilha de Experiências</li> <li>- Identidade Escolar</li> </ul>
Prof 9	<p>P – Pois, hoje em dia discute-se muito os valores, os valores e a ética. E eu para mim são duas, dois conceitos estruturais de toda essa conversa feita de cidadania, porque nós constantemente falamos que de geração em geração e que nas últimas décadas se tem deixado cair valores e a sociedade alterou-se mudou naturalmente e globalizou-se. Caíram os valores e apareceram, parece que apareceram outros. E isso não está devidamente esclarecido. E a escola é uma entidade que se deve orientar por determinados valores que devem ser muito claros para todas as pessoas, para todos os</p>		

	<p>intervenientes no processo educativo. Há determinados valores que são estruturantes e nós não devemos fugir deles.</p> <p>-</p> <p>AD – de que forma? Arranjando uma estratégia clara para trabalhar bem esses valores, devem ser na escola visíveis, quando eu digo devem ser visíveis devem estar escritos, devem passar à frente dos nossos olhos quase diariamente. Devem fazer parte de uma forma muito clara da missão da própria escola, não é. Como, coo é que eu ia dizer, devem estar claros não é, devem estar bem iluminados, devem estar bem na cabeça de todos. E desde, desde que o aluno entra, quer dizer, eles devem ser trabalhados. Desde o primeiro ciclo, não é desde o primeiro ciclo, quando nós aqui neste edifício recebermos os nossos alunos do agrupamento das escolas do primeiro ciclo. Eles devem chegar cá, com, já com esses valores.</p> <p>-</p> <p>P – Bem, é assim. A escola nos últimos anos, o corpo docente da escola nos últimos vou dizer meia dúzia de anos, podem ser 7 ou 8 ou 5 ou 6, tem tido uma variação muito grande, há 10 anos atrás havia um corpo docente solido, eram sempre as mesmas pessoas, começou a haver uma grande variação e por exemplo o ano passado entraram em cerca de 200 professores, entraram 70 professores novos, ora, não há, não há, não há instituição que aguenta, não é, perder ou alterar o seu corpo de recursos humanos em 40% todos os anos, porque todas as estratégias furam, não é, temos de estar sempre constantemente a emendar as coisas e isso não, deve-se ter cuidado em relação a isso não é. Parece-me que este ano vai haver agora um novo concurso, vão abrir várias vagas para a escola novamente e por isso é natural que o corpo a partir do ano que vem e nos próximos anos seja mais estável, estável, mais estável. Por isso, a partir daí pode-se procurar um trabalho. Agora esses objetivos dependem do projeto educativo da escola, daquilo que a escola quer ser, o que é que a escola, a pergunta é: o que é que a escola quer ser nos próximos anos? É a partir daí que nós definimos exatamente esse caminho. Não sei se respondi.</p> <p>-</p> <p>P – Objetivos muito claros, é, traçar objetivos muito claros, não nos interessam muitos objetivos, interessam-nos dois ou três que são esses a referência do nosso caminho. A missão, a escola ter uma missão muito clara, esses objetivos ou essas ideias dependem disso e depois serem assumidos por toda a comunidade escolar e educativa e educativa, porque eu entendo a comunidade escolar o que se passa e o que tem uma doação direta com os intervenientes dentro do edifício escolar é uma coisa mais alargada, não é, deve ser entendida assim. Por isso é preciso perceber, quer dizer que neste momento começa-se a perceber, por notícias que saíram, que a EBSC funciona de uma forma diferente da escola ao lado, não é. Pronto, isso deve ser muito claro e toda a gente deve saber que é assim, marcamos a diferença por isto, por isto, por isto, depois do caminho claramente traçado então vamos ver de que premissas é que nós partimos para depois traçarmos o nosso caminho.</p>	<p>- Tornar valores da escola visíveis e presentes.</p> <p>- Clarificar a missão da escola.</p> <p>- Transmitir esses valores aos alunos.</p>	<p>- Identidade Escolar</p>
		<p>- Traçar objetivos claros.</p> <p>- Clarificar missão da escola.</p> <p>- Assunção dos valores pela comunidade escolar.</p>	<p>- Identidade Escolar</p>

Prof 10	<p>P – Para mim, dentro da educação para a cidadania. Eu já fiz, por exemplo, algumas coisas sobre a indisciplina, aaaaa, mas gostava de fazer mais sobre estratégias mesmo, aaaaaaaa, portanto, jogos, atividades de desenvolvimento pessoal, eu acho que fiz algumas, mas fiz poucas, acho que, gostava de ter mais diversidade sim.</p> <p>-</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estratégias, jogos e atividades de desenvolvimento pessoal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relações Sociais</li> <li>- Cidadania e valores</li> </ul>
	<p>P – Sim, eventualmente, porque é assim, há cursos de formação que são, as vezes não temos acesso, muitas vezes são feitos noutras escolas e aquilo fica cheio portanto já não há vaga. Eventualmente, se se conseguisse aqui a nível de escola, seria mais fácil frequentar, porque eu tentei inscrever-me precisamente numa serie de, já perdi uma serie de formações, aquelas que nós temos de fazer e que devemos fazer para estar sempre atualizados e não consegui mesmo vaga por causa disso. Eu acho que há muita coisa interessante que se podia trazer. Estou-me a lembrar, por exemplo, de uma formação de teatro, o teatro nesse aspeto ajuda bastante, tem havido cá pouca coisa, ajuda bastante porque há jogos de, que criam confiança entre as pessoas e isso ajuda à solidariedade, por exemplo.</p> <p>-</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cursos de formação na EBSC.</li> <li>- Formação de teatro.</li> <li>- Jogos de cooperação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação de Professores para a Cidadania</li> <li>- Partilha de Experiências</li> </ul>
	<p>P – Até já estão a acontecer algumas, por exemplo, no outro dia tive a oportunidade Reiki com um professor de E. Física, por exemplo. Todas as coisas relacionadas o bem estar têm que ver com a musica e com as artes de palco em geral e no fundo são transversais. Como é que se chama quando a pessoa está, a fazer... agora deu-me uma branca mesmo. Aaaa, tudo quanto seja jogos mentais de concentração, por exemplo, porque nós, nós também estamos um bocado cansados e tudo o que nos ajude a relaxar, a meditar, estava a pensar também na meditação, tem havido também algumas coisas, as vezes não dão para os horários todos. Tudo o que nos ajude a concentrar, eu acho que é benéfico para acalmar também, para nós próprios estarmos com uma atitude diferente perante os alunos, por exemplo. Não nos enervar assim tão rapidamente e ter uma certa calma e incutir-lhe essa calma, não é, eu acho que isso gera um bocado, calma gera calma.</p> <p>-</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formações relacionadas co o bem-estar.</li> <li>- Jogos mentais de concentração (meditação).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clima Positivo</li> </ul>
	<p>P – Pronto, a escola de certa forma já está porque alguns professores ofereceram-se e portanto fizeram ai uns clubes em que estão a proporcionar isso. Agora claro que não é muito tempo, nós estamos muito sobrecarregados de tempo e não podemos fazer mais vezes, os próprios professores que se ofereceram também não têm mais disponibilidade. Era no fundo de contas, se calhar era estarmos menos sobrecarregados com outros tipos de trabalhos e de vez em quando termos essa oportunidade.</p> <p>P – Sim, sim, porque eu acho que realmente a calma inspira calma e o equilíbrio inspira equilíbrio e portanto os nossos alunos precisavam de mais equilíbrio e mais tranquilidade. Pronto, sobretudo...mais novos e não só, mas pronto, são muito irrequietos e as vezes uma atitude de tranquilidade seria benéfica, penso eu.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clubes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Partilha de Experiências</li> </ul>